

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANTÔNIO CARLOS SIQUEIRA DUTRA

**SENHA DO MUNDO – NARRATIVAS DE JOVENS
EM EXPERIÊNCIAS DE ACESSO À CULTURA**

JUIZ DE FORA
2010

ANTÔNIO CARLOS SIQUEIRA DUTRA

**SENHA DO MUNDO – NARRATIVAS DE JOVENS
EM EXPERIÊNCIAS DE ACESSO À CULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Regina Miranda

JUIZ DE FORA
2010

TERMO DE APROVAÇÃO

ANTÔNIO CARLOS SIQUEIRA DUTRA

**SENHA DO MUNDO – NARRATIVAS DE JOVENS
EM EXPERIÊNCIAS DE ACESSO À CULTURA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

Professora Dra. Sonia Regina Miranda (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Professora Dra. Junia Sales Pereira
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG

Professor Dr. Márcio Lemgruber
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Professor Dr. José Luiz Ribeiro
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, UFJF

Juiz de Fora, 30 de setembro de 2010.

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

(In) memória

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz do ouro:
uma Europa, um museu,
o projetado amar,
o conclusivo silêncio.
(Andrade, 1989, p. 10)

Minhas memórias de alegria estão ligadas à minha vida afetiva, meus amores, meus amigos, meu trabalho, minha arte.

Minha memória de falta, de saudade está ligada ao meu pai. Seu modelo de viver que foi compreendido por mim, muito mais na sua ausência do que na sua presença.

A memória de minha infância me remete à família.

Da juventude vem a lembrança da procura de caminhos e a do encontro com amigos que se tornaram referência.

Da fase adulta minhas recordações mais fortes são o trabalho, a carreira e a consolidação de ideias e práticas que me reposicionam no mundo.

Na maturidade em consolidação, as misturas de todos os meus eus, em todos os mundos que habito. Seus reflexos, influências e consequências.

A escola. Memória forte da vida inteira.

Este trabalho é dedicado:

Aos meus pais e meus irmãos pela família que me deram.

À família que me dei: os meus grandes amigos, em especial à Lúcia e ao Felipe.

A todos os meus professores na vida. Em especial para os meus professores do mestrado que me ajudaram a confirmar que um bom caminho para nós e para os outros é aprender a aprender e, principalmente, por reafirmarem na prática que educação pública pode ser feita com qualidade e excelência.

Aos professores da minha banca de defesa, Júnia Sales, Márcio Lemgruber, José Luiz Ribeiro e André Silva Martins que aceitaram colaborar com o processo de análise de minha pesquisa como debatedores finais.

A todos os meus companheiros de trabalho ao longo da minha vida profissional que por vezes me provocaram e outras me deram pistas e, assim, cotidianamente, mesmo sem saber, estimularam minha produção.

Aos meus alunos com quem sempre mantive uma relação de respeito e amizade. Em especial aos sete alunos/amigos que se tornaram objeto de estudo deste trabalho: Bryner, Cristiney, Fabiana, Fábio, Gilberto, Michel e Thamyris.

Aos integrantes do grupo de pesquisa História Ensinada, Memória e Saberes escolares.

À Andrea Borges e à Ludmila A. C. de Andrade minhas grandes colaboradoras no processo de observação do grupo focal.

Aos meus anjos da guarda que cuidaram para que eu não desistisse e concluísse este trabalho: Soninha e Marcela.

À minha orientadora: Professora Doutora Sônia Regina Miranda.

Com toda admiração e respeito pela sua postura profissional e apaixonada, capaz de estimular e cobrar na medida precisa, com o rigor da academia e a suavidade da amizade e, além de tudo isso, saber manter a necessária cordialidade nas relações. O meu carinho, o meu reconhecimento e o meu respeito.

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.
(Drummond, 1998, p. 182-185)

RESUMO

A dissertação “Senha do Mundo, narrativas de jovens em experiência de acesso à cultura” é um trabalho que transpõe tempos distintos na relação de ação e reflexão nas fronteiras que vinculam os territórios da Educação e da Cultura. Trata-se, por um lado, de uma pesquisa que nasceu como dissertação, do meu olhar contemporâneo - na condição de gestor de uma Secretaria Municipal de Cultura - e que desse lugar vem pensando os efeitos possíveis, sobre os sujeitos em seus percursos escolares, de políticas públicas que garantam ao cidadão o direito de acesso à Cultura em suas múltiplas dimensões. Paralelamente, é um trabalho que evoca uma densa experiência processada num tempo passado, bem como as narrativas dela constituídas tomando-se por base os processos de significação elaborados em função da vivência compartilhada por um grupo de jovens que, pela relação com a cultura, encontraram uma possibilidade de redefinição dos rumos da própria vida e passaram a trilhar um caminho de sucesso escolar e profissional, rompendo um círculo vicioso de pobreza e exclusão que marcava suas vidas. A questão central de investigação pode ser assim descrita: quais as percepções que os sujeitos participantes de uma experiência singular com a produção cultural no interior do espaço escolar possuem, hoje, sobre a vivência do direito à cultura e de que modo essa percepção manifesta-se em suas narrativas individuais e grupais? Para tanto, buscou-se criar condições que permitissem a emergência das narrativas de sete jovens participantes de um projeto de arte e cultura, no contraturno escolar ao longo dos anos de 1995 a 2005, em uma escola de periferia urbana de Juiz de Fora. A opção metodológica que gerou o desenvolvimento da pesquisa pautou-se na busca da construção de dispositivos disparadores de lembranças eleitos no processo de pesquisa. Esses objetos menemônicos escolhidos trazem também, as minhas narrativas e reinterpretações sobre o vivido, tendo como foco a mobilização de diferentes linguagens advindas de diferentes suportes culturais, de modo coerente com aquilo que pautou a vivência de uma escola que dialogava sistemicamente com dimensões múltiplas da cultura. Cartas, videoclipe com 135 fotos da trajetória do grupo além de um grupo focal, assumem a função desses disparadores e são capazes de desacomodar as camadas de memórias no indivíduo. Para interpretar as narrativas foram incorporados os conceitos de Ecléa Bosi sobre memória dos cidadãos ligados às classes trabalhadoras; direito a cultura através das propostas e estudos de Marilena Chauí; as idéias sobre narrativas de Michel Conelly e Jean Clandinin, além do pensamento estruturado de Michel de Certeau em torno do conceito cultura no plural. Como elo de ligação entre o tempo do passado, na experiência do vivido, e o tempo presente, como um momento de reinterpretação e ressignificação optei por, ao longo do texto, utilizar a poesia de Carlos Drummond de Andrade como uma metanarrativa articuladora de tempos, intérprete da experiência e produtora de sentidos sensíveis para o leitor. Essa escolha se justifica pela história do grupo e a relação que guarda com as palavras tratadas com beleza pelo poeta e por dialogarem diretamente com nossas narrativas.

Palavras chave: Teatro, Cultura Escolar, Memória e narrativa, Direito à cultura.

ABSTRACT

The dissertation entitled “Password to the World, youth narrative in their experience towards culture access” goes back in time in its relationship with action and reflection on the threshold between Education and Culture. This is a Master’s Degree Dissertation which conveys a contemporary view from the management of the Municipal Secretariat of Culture of Juiz de Fora, considering the possible effects of public policies which warrant the access to culture in its multiple dimensions. It is also a work which evokes deep past experiences, as well as their resulting narratives. The meaning-construction processes resulting from the experience of a group of youths is taken as the very basis of this work due to their relationship with culture, which allowed the students to realign their pathway towards both successful school and professional life, breaking away from the vicious circle of poverty and social exclusion which underpinned their lives. The key issue being investigated can be put as follows: how do the students experiencing a unique opportunity of cultural production within the school context perceive their right to culture and how does this reflect on their individual and group narratives? In order to answer these questions, conditions were offered so that these narratives were produced by seven youths taking part in an art and culture-based project in an urban municipal school of Juiz de Fora between 1995 and 2005. As for the methodology, devices were selected during research in order to evoke their memories. These mnemonic devices also brought back my memories and reinterpretations of those experiences, focusing on the mobilization of different languages resulting from different cultural frameworks, consistent with what featured the experience of a school which effectively communicated across multiple cultural dimensions. Letters and a video clip with 135 photos of the group’s trajectory apart from a focus group worked as triggers and were capable of mixing the individual’s memory layers. In order to interpret the narratives, Ecléa Bosi’s concepts on the memory of working class citizens were used, as well as Marilena Chauí’s studies on the right to culture, Michel Conelly’s and Jean Clandinin’s ideas on narratives and Michel de Certeau’s structured thinking on the concept of culture in the plural. Working as a binding element between the experienced past and the living present as a moment of reinterpretation and resignificance, the poem by Carlos Drummond de Andrade was chosen as a metanarrative which framed time, interpreting experience and producing meaningful messages to the reader. This choice can be explained by the group’s history and its relationship with the words which were so beautifully used by the poet and interacted so closely with our narratives.

Key-words: Theatre, School Culture, Memory and Narrative, Right to Culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. “SENHA DO MUNDO”: uma escola, muitas Culturas e um projeto de ação.....	36
2.1 O surgimento da Oficina de Teatro do CAIC: Um enredo que junta a história de um grupo de jovens.....	41
2.1 O teatro. A escola e o teatro.....	48
3 DE CACOS, DE BURACOS, DE HIATOS E DE VÁCUOS – a memória se constrói.....	61
3.1 Cartas: os primeiros artefatos	65
3.2 O grupo focal.....	67
3.3 A vida em retrospectiva.....	71
3.4 Escola como espaço de acolhimento.....	80
3.5 A “Senha do Mundo”, acesso à cultura na experiência escolar.....	87
3.6 A Vida em Perspectiva.....	96
4. POLÍTICAS PÚBLICAS E A COMPREENSÃO DE UM PROJETO PARA A CULTURA.....	103
4.1 A educação e a cultura trabalhando de forma integrada.....	114
4.2 A cidade: local para realização de propostas.....	119
4.3 Direito à cultura como vivência e fortalecimento da democracia.....	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	138
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

Lutar com as palavras
 É a luta mais vã.
 No entanto lutamos
 Mal rompe a manhã (...)
 Palavra, palavra
 (digo exasperado),
 se me desafia,
 aceito o combate
 quisera possuir-te
 neste descampado,
 sem roteiro de unha
 ou marca de dente
 nesta pele clara.
 Preferes o amor
 de uma posse impura
 e que venha o gozo
 da maior tortura.
 (Drummond, 1999, p. 75)

“Palavra, palavra.” A procura se inicia.

Para qualquer escritor, ou mesmo para aqueles que, como eu, utilizam da escrita, sem muita beleza, para exercer seus papéis na vida, a busca da palavra se impõe. Para escrever em qualquer estilo, qualquer língua ou sobre a influência das mais variadas motivações, esse duelo diário, mais, ou menos acirrado, estabelece-se.

A busca das palavras ideais para nos revelar aqui se soma a busca das palavras ideais para apresentar e elucidar um processo de pesquisa. Palavra, palavra. Vou procurá-la e se a encontro será minha “Senha do Mundo”, a chave para abrir e encerrar esse processo.

Uma palavra central e contemporânea coloca-se como uma questão perante o mundo que justifica uma troca recente e abrupta de projeto original de dissertação: a Cultura ou, mais especificamente, a construção do Direito de acesso à Cultura. Posta numa questão e numa inquietude que pauta, hoje, minha condição de Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, a dissertação que ora se apresenta traz, em sua acelerada produção no tempo regular de uma pós-graduação, uma escolha em face de um projeto anterior relativo ao impacto dos

processos de avaliação de larga escala sobre a prática escolar. Tal projeto original apresentava-se como relevante e necessário sob o ponto de vista investigativo, porém deslocado em face de uma demanda do tempo presente e de minha condição profissional atual que, reiteradamente, vem me conduzindo a uma temática central: Em que medida as políticas públicas para o acesso à cultura e voltadas à capilarização das relações entre Escola e Cultura interferem na configuração da vida dos sujeitos?

O título proposto se apresentou, em palavras, ao trabalho desenvolvido: **“*Senha do Mundo - Narrativas de jovens em experiências de acesso à cultura.*”** Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa realizada junto a jovens do bairro Santa Cruz, na cidade de Juiz de Fora. Na realidade, esta pesquisa, além dos resultados sistematizados e apresentados, também me revela de duas formas: como pesquisador e como educador, à medida que pesquiso a partir de uma realidade da qual fui parte integrante. Um Centro Educacional do qual fui diretor geral e onde participei da criação de possibilidades de vivências de arte e cultura para crianças, adolescentes, seus pais e familiares. Embora traga muito de minha história e minhas crenças na apresentação do contexto da pesquisa, este trabalho buscou revelar não os meus sentidos e compreensões sobre o vivido, mas principalmente os sentidos e compreensões de um grupo de sete jovens que cresceram participando dessa experiência.

A pesquisa está focada na busca de sentidos que esses jovens conferem a experiências pessoais em atividades artísticas, culturais e vivências. Esses sentidos são percebidos através de suas narrativas que foram pesquisadas em dois instrumentos utilizados para conhecer o que pensam esses jovens sobre o vivido: cartas em respostas a uma provocação de rememoração e os seus posicionamentos no grupo focal promovido no dia 20 de junho de 2010, em que, após apresentar um vídeo, construído especialmente para esse momento, que instituía, em um arranjo narrativo específico em palavras, imagens e som, minha própria leitura do processo vivido.

Se a perspectiva de narrativa e rememoração engendradas na investigação emanam das perspectivas compreensivas acerca dos sentidos do ato de rememoração em torno daquilo que nos é trazido por Eclea Bosi sobre as relações entre a ressignificação do tempo presente no ato da lembrança, por outro lado, a compreensão da validade do grupo focal justifica-se em face da possibilidade de que

essa alternativa metodológica para investigação permite a passagem da compreensão subjetiva para aquilo que fora compartilhado e vivenciado por um grupo não só no acontecimento vivido, quanto também no processo de lembrança. Desse modo, o Grupo focal foi uma opção que permitiu a observação de uma série de elementos importantes para a vivência da pesquisa e para a interpretação das narrativas: o contexto das falas, a capacidade de provocação ou estimulação de uma fala sobre os demais, o comportamento corporal, os sinais de intimidação ou simulação, a trocas de olhares, os não ditos e os silenciamentos, a impaciência, a falta de tolerância com a fala do outro, as circunstâncias de concordância ou discordância com o relato do outro, as aproximações e distanciamentos.

Quem são esses jovens sujeitos desta pesquisa? Todos eles, pelo menos por um período, foram moradores de Santa Cruz, ou região, e cinco deles, ainda hoje, residem no bairro. O bairro é um território conhecido por eles. Suas identidades vão sendo construídas ali, naquele mesmo lugar que lhes dá identificação. “O Bairro é uma totalidade estruturada e se vai percebendo pouco a pouco, que nos traz um sentido de identidade” (BOSI, 2003, p. 74, 75). Alguns deles estudaram por longo tempo como alunos regularmente matriculados na escola do CAIC, outros foram alunos da Escola Estadual José Saint Clair, que funciona em local muito próximo ao CAIC. Todos eles foram alunos da oficina de tetro do CAIC. Cada uma das histórias, como não poderia deixar de ser, tem as suas peculiaridades e especificidades, mas, no geral, são histórias de filhos de homens e mulheres trabalhadores, que zelam pelo destino de seus filhos e cuidam da organização de suas casas, tanto da parte física quanto das questões ligadas a valores e regras.

As palavras os revelarão.

A palavra apresentada por Drummond como sua senha pessoal para estar no mundo transformou-se também na senha desse grupo. A palavra tem a força e guarda a história: a nossa e a do mundo. A palavra nos sugeriu caminhos e foi nossa aliada na construção de caminhos próprios. É presença constante. É das palavras escritas nas cartas e ditas na provocação de memória, proposta num grupo focal, que parto para interpretação dos dados. No processo do grupo a emoção aflorou e, muitas vezes, a palavra não dita disse mais do que aquelas pronunciadas. Na trajetória do grupo os textos encenados trouxeram à tona palavras, sentidos e significados, provocaram, uniram ou desarmonizaram o cotidiano.

Algumas palavras são chaves para o entendimento deste trabalho.

Mundo. Palavra, aqui, tantas vezes usada para falar de realidades próprias e denominando pessoas e espaços específicos abrigados no grande mundo. Mundo, vocábulo redundantemente usado. Concreto, abstrato, metafórico, injusto, acolhedor.

Direito. Palavra destacada para lembrar o que pertence a todos, mas não raro, nesse País, é garantido somente a alguns.

Teatro. A chave para um novo caminho para crianças e adolescentes que cresceram vivenciando o direito à cultura.

Arte. Objeto não identificado em mundo árido de trabalhadores que pendulam em ônibus lotados entre o trabalho e a casa. Caminho conhecido e escolhido pelos jovens, objeto de estudo desta pesquisa, filhos dos tais trabalhadores. Linguagem e expressão vivenciadas.

Cultura. Aqui entendida como diversa e plural como deve ser, mas ainda longe de ser para todos como direito a eles garantido.

Educação. Processo de formação integral do ser humano que inclui vários espaços e tempos

Escola. Espaço para valorização do ser humano e de vivências que estimulam e potencializam as suas mais diversas possibilidades, focada na ampliação, desenvolvimento e aquisição de habilidades.

Para auxiliar no entendimento desse processo, começo me apresentando em palavras. Eis-me aqui descrito por elas.

— Você deve calar urgentemente
As lembranças bobocas de menino.
— Impossível. Eu conto o meu presente.
Com volúpia voltei a ser menino (Drummond, 1989, p. 182 –183).

Sou filho de um operário e de uma costureira que se orgulhavam por transformar tudo que produziam em condições de melhoria e suporte para a vida dos filhos. Nunca houve luxo em nossa casa, mas havia uma grande valorização da escola e a indicação clara de nos dar suporte para a construção de um “futuro melhor”. Desde muito pequenos, ainda que em nosso convívio isso não fosse muito

usual, o curso superior era meta para nós. E a escola, portanto, deveria ser um caminho natural a se percorrer na trilha de alcançar esse objetivo que, muito cedo, passou a ser de cada um de nós.

A maior parte de minha infância foi vivida numa grande família na qual primos e tios se misturavam em condição de igualdade com a família nuclear. Morávamos eu, meus irmãos e meus pais numa pequena casa construída por meu pai em um terreno cedido por meu avô materno nos fundos de sua casa. Não havia delimitação de espaços próprios entre nossa casa e a deles. Os primos vinham no final de semana e aquele terreiro virava uma algazarra de crianças. Passeios, almoços e festas eram motivos criados para reunir toda a família. A casa dos meus avós era muito visitada, uma referência para o grande número de parentes da família de minha mãe que ainda permanecia no interior, ligados ao meio rural. Por motivos de saúde, compras ou passeio, quase toda semana recebíamos parentes em visita. A permanência das visitas era muito variada. Às vezes diária, mas não raro, hospedavam-se pessoas que costumavam ficar meses por lá. Para nós, crianças, tudo era novidade e motivo de alegria.

Quando estava com treze anos, após um longo período de muito sacrifício e esforço de meus pais, mudamos para uma casa, ainda não totalmente pronta, num bairro do outro lado da cidade. A vida mudou tanto depois dali. Acabei vivendo anos na casa de minha avó que, usando a desculpa de acostumar-se com o vazio deixado com nossa mudança, pediu que um de nós ficasse com ela por uns dias. Como eu era o único que naquele momento estudava no Bairro Teixeiras, próximo a São Mateus, onde até hoje mora a minha avó, acabei me auto-indicando e sendo aceito para a missão temporária. Na realidade, morei ali por mais de oito anos e me tornei uma visita na minha casa, sem muita intimidade com meus irmãos e pouco convívio com meus pais. Mas essa distância deu-me a possibilidade de continuar na escola da qual não queria ser transferido. Ali era o meu mundo. O lugar a partir do qual alicercei todas as minhas relações.

Desde os primeiros anos da escola participei de todas as atividades festivas e culturais. Ir para a escola aos cinco anos de idade foi um acontecimento. Uma festa da alma. Que bom era conviver com aqueles meninos e meninas. Alguns se tornaram, desde então, parceiros na vida e até hoje nos relacionamos. Por incrível que possa parecer, 40 anos depois.

Sempre gostei de escola. Se nunca fui o mais estudioso dos alunos, também nunca fui medíocre. Para mim, a escola sempre representou um lugar especial. Espaço de vivências e com abertura para o lúdico pouco compreendido em casa. Escola do aluno que era feliz naquele ambiente mágico, repleto de espaços, pessoas, palavras e relações. A mágica do cheiro dos livros novos e do cheiro e da cor dos livros velhos, a novidade, as amizades, a formação do eu. O homem que sou hoje é reflexo da formação que tive. Sou fruto da escola pública brasileira e tive a sorte de encontrar excelentes professores e oportunidades de experiências inesquecíveis. A escola me sugeriu a mágica que a leitura pode produzir, o prazer trazido pela expressão artística, apresentou-me um mundo até então inacessível: o mundo das palavras! Tornei-me mais humano, mais sensível, mais sutil. A escola me deu “régua e compasso” e um mundo para desvendar.

Tive a sorte de sempre poder vivenciar e respirar cultura e arte no ambiente escolar e isso me fez diferente. Anos mais tarde, quando me tornei professor, um encontro diferente: a escola do depois da formação. Agora não era eu mais o aluno, agora eu pisava em outro chão. Mas foram as minhas experiências vividas na escola que me mostraram caminhos. Meus olhos já não viam a mágica e sim as faltas, as dívidas, as carências. Investido de um enorme otimismo, comecei. Ainda nem havia me respondido se, apesar de graduado, era isso o que eu queria. Mas “quase que empurrado”, comecei.

Era uma escola muito simples de alunos e professores de origem muito humilde, no bairro São Benedito, no topo de uma íngreme ladeira, como a última de suas edificações, a Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho. Ali passei cinco anos e meio e, ali, creio, acabei, de fato, formando-me professor. No início eram oito aulas que passaram a dezoito e depois a 36. No último ano eu era o vice-diretor da escola onde conseguia transitar muito bem nas relações tanto com os professores quanto com os alunos. Uma rica experiência que me enche de orgulho ter vivido.

Aquele era um ambiente acolhedor de gente disposta a vencer as dificuldades e pouco a pouco eu venci as minhas. Ali ninguém se deu conta, ou foi capaz de observar, os medos e as inseguranças de um profissional no início de carreira que acordava aos sobressaltos no meio da noite ao se imaginar sabatinado por alunos e colegas (e nos sonhos todos eram maus) que perguntavam sobre o extenso conteúdo da longa história do Homem, que, no sonho, tampouco na realidade dominava. Só o tempo me mostrou que saberes se constroem ao longo de toda a

vida e que não tinha que ter armazenado toda a história no meu cérebro. Naquele momento eu não me sentia capaz.

O tempo é sábio e mostrou-me que mais que um depositário de saber eu deveria ser um sujeito capaz de estimular e provocar a construção do conhecimento, momentos nos quais continuaria aprendendo. O tempo rei apontou-me que mais que alguém que soubesse despejar, rapidamente e sem pestanejar, todos os nomes de pessoas tidas como importantes, de todas as dinastias, aqueles meninos e meninas, moços e velhos precisavam de alguém que os ajudasse a refletir o mundo através dos registros históricos que nos foi legado. Segui a intuição e os recados da vida e deu certo. Transformei-me no professor que sempre quis ser. Ao longo de minha trajetória, fui me identificando com pessoas e pensamentos que cabiam na minha prática, davam-me suporte e, ao mesmo tempo, ampliavam minha visão sobre a sala de aula e mais à frente sobre o processo educacional.

Como professor de escola pública, por opção e desejo, tentei reproduzir a boa e encantadora escola que tive. Procurei, além das minhas aulas, oferecer algo mais. Fundei grupos de teatro, estimulei talentos e sei que apresentei alguns caminhos diferentes daqueles conhecidos e previsíveis. Nesse caminho e nessa toada muitos encontros se deram. Algumas pessoas puderam repensar novos e diferentes desenhos para as suas vidas. Creio que estimulei traçados para melhores trajetórias. Ao me tornar diretor de escola pública, pude ampliar o foco, abrir o raio de ação. Busquei fazer uma escola melhor para um maior número de pessoas.

Em 1994, aceitando um convite do então prefeito Custódio Mattos, através de sua Secretária de Educação, Tereza Leite, assumi a direção de um Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente. O que era na época um lindo prédio, um espaço vazio cheio de móveis, transformou-se de fato, em 11 anos, em um centro de atenção à população com 1700 atendimentos escolares e 1500 atendimentos no contraturno em atividades ligadas às artes, à cultura, ao lazer e aos esportes. Trabalhando sempre com excelentes profissionais, pude mais uma vez experimentar o prazer de oferecer a crianças, jovens e adolescentes serviços de qualidade, respeitando sempre a história e a características de suas vidas.

Assim, como diretor do CAIC Núbia Pereira Magalhães durante onze anos, procurei, além de uma boa escola pública, oferecer também uma escola significativa para os alunos e suas famílias. Um lugar de convivência onde fosse prazeroso estar. Onde fosse possível aprender com alegria. Onde sempre estávamos envolvidos com

as palavras. Muitos sonhos, muitos ideais. Muitas dificuldades. Mas, junto com uma ótima equipe que se formou ao longo dos anos, chegamos bem perto do desejado. Uma escola que possibilitou o encontro com diversas linguagens e ressignificou a palavra através de todas elas. Encontros traçados, um deles com o teatro e, desse encontro, várias vidas foram transformadas.

Sempre participei dos movimentos culturais nas escolas em que estive como aluno e mais tarde como professor. A cultura na escola me sugeriu a participação em movimentos culturais fora dela. Há trinta anos participo do movimento teatral de Juiz de Fora. Já experienciei ser ator e quase todas as funções dentro processo teatral. Hoje me dedico mais à direção e à produção de espetáculos teatrais. Meu trabalho está assentado, no momento atual, entre educação e cultura, ou melhor, na fusão dessas duas áreas, se é que elas em alguma conjuntura podem ser dissociáveis

Como a maioria dos professores, nesse País, durante toda minha vida profissional trabalhei em vários horários para compensar o baixo salário e, assim, construir a possibilidade de uma renda digna. Sempre gostei do que fiz e tenho muito orgulho da minha trajetória e do meu trabalho, principalmente aquele desenvolvido nas escolas públicas. Descobri desde o início da carreira que esse era o meu lugar. Minha vida profissional está alicerçada na educação. Com prazer e responsabilidade, venho construindo uma carreira da qual me orgulho. A arte é minha meta, meu sonho, meu ópio e minha diversão. Quando consigo juntar meus dois canais principais de comunicação com o mundo, sinto-me maior e melhor. Sinto que consigo colaborar com a necessária transformação do mundo.

Através do teatro li alguns textos de Bertolt Brecht. Era a história no teatro, o teatro da história e a denúncia na bela poesia. Desse encontro ficou apontada uma responsabilidade: o auxílio na necessária transformação do mundo. Embora o mundo seja de muitos, da maneira como está, tem sido para poucos. Assim, fui juntando minhas crenças, minhas verdades, meus desejos e sonhos por uma sociedade melhor e menos adoecida.

Hoje tenho um objetivo próprio, um objetivo como homem e como cidadão que acredita que as coisas possam ser diferentes e melhores para um maior número de pessoas. Um objetivo, um propósito meu para o mundo, coisa que sempre desejei, pois sempre achei que sem isso a vida tem um sentido menor. Com ele posso ser mais dono de minha história e posso convencer pessoas a mudar a

história. Do meu lugar no mundo, o lugar que escolhi e onde fui aceito, penso ininterruptamente na educação e na cultura, penso sem parar como, através desses dois “elementos” e fazendo parte da organização do poder público, posso auxiliar na construção de um mundo melhor.

Durante muitos anos me envolvi com o teatro e as artes. Formei-me professor e a escola me transformou em um professor.

No percurso de minha formação profissional e a partir de experiências vivenciadas principalmente com grupos de população de baixa renda, fui construindo perguntas e tentando respondê-las. Certos temas me incomodavam e outros me despertavam interesse. A crise na educação pública, que se estende no tempo e se aprofunda em gravidade, é um deles. No meu universo de atuação uma das tarefas que tenho assumido é a de formar e motivar equipes na direção de superar os momentos de crise e produzir uma escola mais eficaz e minimamente atenta às expectativas das classes populares.

Três temas são fortes dentro do meu percurso profissional e como observador do mundo:

- ✓o diálogo da cultura e as artes com a escola;
- ✓a ampliação gradativa do tempo do aluno na escola;
- ✓o resultado pouco expressivo da escola pública no Brasil.

Esses sempre foram e continuam sendo assuntos que despertam em mim especial interesse e estão presentes na formulação da minha pesquisa e das respostas que ofereço a partir de sua realização e da conclusão deste trabalho.

Considero necessário dizer que minha participação nessa história vai além e muito além, do papel do diretor de uma escola. Meu envolvimento com o processo foi direto, fui o provocador do contato desses meninos, como eu costumo me referir a eles, com a arte, com os textos de teatro com outras vivências e outros grupos com suas organizações. Procurando conhecer como os participantes do grupo pensam a experiência vivida, organizei e interpretei suas falas e suas impressões para que elas possam fazer parte das notícias que deixaremos sobre esse momento específico da história. Como uma garrafa no oceano, com uma mensagem sem destino correto, mas que pode ser muito bem incorporada a outras pessoas, a outros grupos e outros tempos.

No final de 2007, a partir do lugar em que estava, diretor do Departamento de Gestão Escolar da Secretaria de Educação de Juiz de Fora, resolvi inscrever-me no

processo seletivo do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora apresentando um projeto ligado ao terceiro tema, ou seja, o inexpressivo resultado (no que se refere à evasão, repetência e número de anos necessários para a conclusão do ensino Fundamental) das escolas públicas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Naquele momento encontrava-me envolvido com as questões dos resultados de alunos e escolas tanto na observância de seu cotidiano organizacional, quanto com relação aos processos de avaliação em larga escala, que em pouco tempo tornaram-se prática consagrada e generalizada nesse País.

Fiz a opção por construir um projeto que propunha analisar como os resultados dos processos avaliativos remetidos para as escolas e redes através de relatórios e gráficos são interpretados pelos professores e pelos demais profissionais da escola e como são (ou se são) incorporados no direcionamento de novas práticas pedagógicas na busca de melhores resultados. Aqui talvez fosse importante destacar que o resultado a que me refiro é aquele analisado pela escola, aquele que considera as reais condições das unidades escolares e suas respectivas comunidades, além do trabalho desenvolvido por sua equipe de profissionais. Gostaria, em nível local, compreender se os milhões de reais investidos nesses processos avaliativos apresentam perspectivas de tirar a escola pública brasileira do lugar em que está. Afinal coordenava uma equipe de profissionais que era responsável por assessorar as escolas em sua organização burocrática e de seus registros e resultados. Um departamento que orienta os processos de organização do ensino nas escolas e coordena a elaboração dos relatórios exigidos pelo Ministério da Educação - MEC, como, por exemplo, o Censo Escolar.

Naquele momento o projeto proposto era pertinente. Relacionando as questões de investigação à minha prática profissional, propunha pesquisar e posicionar-me na discussão sobre avaliação em larga escala e “escola real”. Por entender ser necessário que alguém explique à sociedade que não se pode comparar realidades tão distintas e classificar escolas e julgá-las melhor ou pior que outras. É necessário que se diga que a escola de Barra do Chapéu, considerada uma das melhores do Brasil no ranking de 2007, possui uma rede de ensino que totaliza 1500 alunos. Ao contrário do modelo do interior de São Paulo, existem escolas, nos maiores centros urbanos do País, onde uma só escola, não raro, “atende” a 3000 ou 4000 alunos.

Falta contextualizar os resultados, falta verificar se as matérias de pouca ou nenhuma profundidade e muito sensacionalistas, produzidas por jornais, revistas e televisão, geradas a partir dos resultados divulgados pelo MEC e pelas secretarias de educação de estados e municípios, podem ajudar as escolas e as comunidades a repensarem e ressignificarem o papel da escola na sociedade.

Melhores resultados dos alunos e da educação é um antigo desejo de professores, escolas e famílias. Se os processos avaliativos em larga escala puderem ajudar nessa conquista, que sejam bem vindos. Mas os profissionais da educação já sabem dos resultados de seus alunos e, em sua grande maioria, não são insensíveis à necessidade absoluta de modificação desse triste panorama nacional. Não estava e não estou convencido de que uma unidade de mensura irá trazer luz na busca de soluções, ou pelo menos isso não acontecerá, se não houver alteração de rotas. Os professores em geral não se sentem envolvidos nesse processo e, portanto, ou o desprezam ou antagonizam com ele.

No meio do primeiro ano do curso de mestrado, por regências da vida, assumi o cargo de Superintendente da Funalfa – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – que corresponde à secretaria de Cultura de Juiz de Fora. De início ficaria os últimos seis meses daquele governo, mas após a eleição de 2008 fui convidado pelo prefeito eleito, Custódio Mattos, a permanecer no cargo no próximo período administrativo.

A prática da gestão da cultura de uma cidade do porte de Juiz de Fora é estimulante e pressupõe o acolhimento da ampla diversidade cultural e artística que a cidade possui. Pressupõe muito trabalho e muita disposição para enfrentá-lo. Consegui formar uma boa equipe e aceitei o convite.

Nas minhas metas pessoais estava a conclusão do mestrado. As características do meu projeto inicial e a distância dos processos da educação e, por consequência das ações e resultados dos processos de avaliação em larga escala, afastavam-me dia a dia dessa conclusão.

Minha prática e meu trabalho deram-me projeção e visibilidade para ser pensado como um nome possível para assumir a pasta de cultura da cidade em um momento de trauma na política local: a dissolução do secretariado municipal em junho de 2008 a partir da prisão do prefeito envolvido em diversas irregularidades. O que era temporário, como relatei acima, estendeu-se por maior tempo a partir do convite do novo prefeito. Um convite e uma oportunidade que não poderia recusar. Era a chance que a vida estava me oferecendo de tentar fazer diferente e eu não

poderia fechar os olhos para ela. Por outro lado, a cada dia meu projeto de pesquisa se fragilizava. Distante do cotidiano escolar, ia também me tornando distante da capacidade de responder às perguntas que havia sugerido em meu projeto.

Após meses de conflito tomei a decisão que me pareceu mais sensata: desistir da finalização do curso de mestrado, uma vez que minha história, trajetória e desejo pessoal impediam-me de desistir de estar à frente da organização da cultura no que tange à política municipal e tentar fazer diferente. Assim, cheio de certeza, construída a duras penas, procurei a coordenação do curso para realizar o cancelamento de minha matrícula. Encontrei alguém que soube ponderar algumas questões que eu havia minimizado em minha decisão. Encontrei alguém que me mostrou que havia um terceiro caminho: a construção de um novo projeto mais ligado à minha prática cultural que, justificado, seria submetido ao colegiado do curso para aprovação, ou não, de minha continuidade. Encontrei a Professora Sônia Regina Miranda.

Seguindo suas orientações, elaborei um novo projeto e conseguimos a aprovação do colegiado. Ganhei uma nova orientadora e novo ânimo para continuar. O novo projeto relaciona-se mais aos dois primeiros temas apresentados acima, ou seja, cultura e escola e atividades de ampliação do tempo do aluno. Coincidentemente li alguns versos de Clarice Lispector que deram beleza ao meu momento de vida: *“Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade”*.

Depois de um período em que, para mim, estava claro que o trancamento da matrícula ou o seu cancelamento era a única saída viável para o meu atual momento de vida, acatando a sugestão da coordenadora do curso, reiniciei o processo do mestrado com novo tema e novo fôlego, ainda que sabendo que o tempo para finalização deste trabalho não corresponderia exatamente ao tempo necessário à sua maturação e desenvolvimento, mas ao tempo dos constrangimentos interpostos aos programas de pós-graduação pela CAPES. Portanto, sua finalização envolveria decisões que trariam à tona um caráter mais pragmático do que, por vezes, de valorização de um percurso denso de pesquisa.

Assim, a proposta de pesquisa que evoluiu como possibilidade de meu trabalho de conclusão do curso de mestrado está centrada em minha prática e numa experiência que desenvolvi junto a adolescentes e jovens do bairro de Santa Cruz geograficamente localizado na região norte do município de Juiz de Fora. Um tema

capaz de ligar diversos tempos de vida e de trajetória profissional. Um tema presente, gestado a partir do lugar atual de Superintendente da Fundação Cultural da cidade de Juiz de Fora, mas também um tema que me permite olhar para o passado ressignificando-o a partir de um olhar sobre o presente. Um tema que permite e fomenta a discussão contemporânea das políticas públicas para cultura em um país como o Brasil, com tantos abismos sociais, mas que traz à tona a memória refletida pelos sujeitos de uma ação de cultura no interior de uma escola singular, como o são tantas escolas. Um tema, portanto, do presente, mas que pretende fazer com que um grupo de jovens - e eu próprio - se coloquem em movimento reflexivo em direção a um passado recente comum, singular, particular, mas com grande potencial de nos permitir, pela singularidade, refletir sobre outras configurações, não em uma perspectiva generalizante, mas analógica.

Como diretor do Caic Núbia Pereira Magalhães durante onze anos, procurei, além de uma boa escola pública, oferecer também uma escola significativa para os alunos e suas famílias. Um lugar de convivência onde fosse prazeroso estar. Onde fosse possível aprender com alegria. Muitos sonhos, muitos ideais. Muitas dificuldades. Mas, junto com uma ótima equipe que se formou ao longo dos anos, chegamos bem perto do desejado. Uma escola que se encontrou com o teatro e, desse encontro, várias vidas foram transformadas.

A vivência relatada parte da possibilidade de uma prática, que vai além do fazer cultural, que os participantes do grupo vivam também da experiência de participar de um momento de falar e relatar suas histórias, o vivido a partir de seu próprio olhar. Nas atividades artísticas do CAIC, um dos objetivos estabelecidos era o pensar e o agir dentro da experiência com a cultura. Assim, o domínio da palavra se dá através de sua reinterpretação e do exercício constante de falar de si relacionado ao processo criativo. Não existia uma proposta fechada como um planejamento ou um programa a vencer. A experiência e o retorno que ela originasse ou não é que encaminharia os novos passos. Como não se desejava não um receptor de informações sobre a cultura, era mais forte a intenção de estimular crianças e adolescentes a produzirem cultura ou ao menos se expressarem livremente através das diversas linguagens da arte. Esse procedimento de coleta de impressões, de certa forma, fecha esse ciclo e abre a possibilidade de novos. Chamo mais uma vez as defesas de Snyders (2001, p. 114) para reforçar as nossas.

O aluno dá vida à obra, dá sua vida à obra, e essa interpretação pessoal é que constitui a primeira conquista de sua originalidade autônoma. O primeiro “papel” dos alunos é “representar à sua maneira, inimitável, teoremas de geometria ou as estrofes de um poema. Pode chegar, assim, a um “olhar produtivo; assimilar sua experiência à do autor, compará-la, opôr-se a ela.

O aluno não está condenado a ser um simples consumidor da cultura, ele não recebe simplesmente a obra, mas a prolonga, a enriquece, acrescenta-lhe algo, faz nascer nelas ecos que nunca haviam ressoado.

Ao buscar a narrativa desses rapazes e moças, tentei provocar um exercício de memória. Para embasar a pesquisa, utilizo algumas indicações da socióloga Eclea Bosi. No livro “O tempo vivo da memória”, a autora descreve processos de registros de memória que, além de eficazes, chegam de fato a nos emocionar. Abro aqui um pequeno espaço para um comentário pessoal sobre esse livro, uma vez que o mesmo auxiliou-me na preparação e finalização da pesquisa. Antes de lê-lo, ainda pairavam dúvidas não sobre o tema, mas sobre como convencer-me de sua real relevância e buscar construir uma forma de abordagem que me trouxesse verdade e suscitasse a emoção. Foi o contato com a obra de Bosi (2003) que ajudou a confirmar minhas escolhas, dando-me mais verdade para, de fato, efetivar meu tema como um objeto de pesquisa. A verdade, a firmeza e a emoção foram o tripé descoberto em suas obras que provocou em mim a certeza de construir algo que, mesmo fragilmente, se aproximasse daquele modelo de trabalho.

Seus temas são ricos e humanos e seus personagens homens e mulheres comuns a quem dá voz e valorização a forma do viver. O desprezado pela “grande história” é resgatado por ela para fazer ciência de boa qualidade e mostrá-la ao mundo como uma obra envolta em poesia. É linda a descrição que faz dos sons da cidade, dos sons retidos na memória. A proposta de uma partitura sonora que permita que sejam também, se não ouvidos, compreendidos por outros. Por que não acreditar que é possível? Se é possível conseguirmos enxergar aquilo que não vimos e nos foi contado pelo outro, por que não imaginar o som que não ouvimos e que só outro ouviu? Por que definir a cidade só em termos visuais? - indaga Bosi e segue. A cidade possui um mapa sonoro compartilhado e vital para seus habitantes que, descodificando sons familiares, alcançam equilíbrio e segurança.

Quem vai trabalhar com histórias de vida, biografias, depoimentos orais, procedimento corrente nas ciências humanas tem a impressão

inicial de que a experiência que se desenrola no tempo dispõe de um caráter infinito.

(...) na verdade, a colheita mnêmica revela o mapa de uma pequena região do mundo, onde nos guiamos por sinais familiares, seja pela percepção do tempo, seja na percepção do espaço (BOSI, 2003, p.113).

A autora reforça esse pensamento dizendo que “é preciso que se forme uma comunidade de destino, para que alcance a compreensão plena de uma dada condição humana” (BOSI, 1994, p. 38).

Outro teórico utilizado como referencial metodológico, do trabalho será Larrosa (1995), principalmente através do livro por ele organizado “Déjame que te cuente”.

Para elaborar meu primeiro riscado metodológico recorri às ideias de Michael Connelly e Jean Clandinin sobre a narrativa em seu ensaio no livro organizado por Larrosa em que nos dizem:

o escritor de narrativa tem uma prova a vencer: que outro participante leia o seu relato e responda a uma pergunta como – o que aproveita disso para ensinar como professor? (ou para qualquer outra situação). Isto permite ao pesquisador valorizar a qualidade de seu escrito desde o ponto de vista (...) algumas das quais são as marcas de uma história que "convida"?. Tannem (1988) sugere que o leitor de uma história ligada a ela reconhecendo os detalhes, imaginando as cenas em que esses detalhes poderia acontecer, e reconstruído a partir de associações de lembranças dos próprios com detalhes semelhantes (CONNELLY & CLANDININ, apud LARROSA, 1995, p. 34).

O processo de pesquisa centrou-se na busca de alternativas que permitissem evocar a percepção e interpretação das narrativas dos jovens escolhidos, de como eles vivenciaram e os sentidos que atribuíram a essas experiências de convívio com a arte e a cultura, a partir do trabalho no CAIC Núbia Pereira de Magalhães, instituição educacional a que eles, de alguma forma, estavam ligados.

A questão de investigação deste trabalho partiu de dois eixos um principal e outro, não menos importante, mas que está subordinado ao primeiro.

1 – A vivência do direito à cultura faz diferença na vida de jovens em eminente situação de risco social?

2 - Quais o significados atribuídos por esses jovens a essas experiências e como esses significados se manifestam em suas narrativas individuais e grupais em uma circunstância intencional?

O meu objeto de pesquisa está ligado a essa história e a esse grupo de jovens. Através dessa experiência vivenciada, a pesquisa buscou perceber se a vivência do direito à cultura está ligada às práticas de vida estabelecidas por esses jovens.

O trabalho de pesquisa foi realizado dentro da linha qualitativa, utilizando-se como procedimento metodológico, para a coleta de dados, o grupo focal, a interpretação da palavra escrita através de cartas e atribuição de sentidos a imagens intencionalmente destacadas de um grande conjunto, que anacronicamente contam a história desse grupo, mas se deu, principalmente, através da atribuição de sentido às impressões desses jovens recolhidas por meio dos procedimentos propostos. Seguindo a indicação de André (2005) em seu consagrado trabalho sobre estudos etnográficos na educação, a vertente qualitativa da pesquisa está identificada muito mais com as formas como os dados serão colocados, pois, como quer a autora, já algum tempo o termo foi superado para determinar o tipo de pesquisa que se quer realizar, sugerindo, assim, outros caminhos.

Eu reservaria os termos qualitativos e quantitativos para diferenciar técnicas de coleta ou, até melhor, para designar o tipo de dado obtido, e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa realizada: histórica, descritiva, participante, etnográfica, fenomenológica etc.

Se num determinado momento foi até interessante utilizar o termo qualitativo para identificar uma perspectiva de conhecimento que se contrapunha ao positivismo, esse momento parece estar superado (ANDRÉ, 2005, p. 24).

Como sujeito envolvido no processo, mantive relações bastante próximas com os jovens do grupo pesquisado, coloquei-me como o pesquisador no trabalho de campo e pessoalmente colhi os dados para posterior análise e interpretação. Assumi o papel de entender o funcionamento do grupo e principalmente os sentidos que as pessoas que dele participam atribuem à dinâmica desse grupo e aos seus acontecimentos internos. Foram também interpretadas as diferentes leituras que cada um dos elementos do grupo tinha sobre situações e acontecimentos vividos coletivamente. Compreender dessa forma um grupo é poder perceber e interpretar

os sentidos atribuídos pelos seus participantes às situações em questão. Para tal, segui a indicação de André (2005) e, como pesquisador, mantive o contato direto com a realidade pesquisada.

o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados. Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador. O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho (ANDRÉ, 2005, p. 28).

É bem verdade que a indicação acima destacada se refere exclusivamente às pesquisas na educação e cotidiano escolar, mas que, entendo, pode perfeitamente se aproximar de outras iniciativas de pesquisas que se identificam com o foco de estudo em questão. Penso que tal aproximação foi elemento forte nesse caso, uma vez que apresento um estudo que tem sua origem em um grande trabalho educacional e que dele derivou.

Seguindo a indicação de Connelly e Clandinin (*apud* Larrosa, 1995) que discutem a potencialidade investigativa e reflexiva das cartas, escrevi uma carta comum aos seis jovens estabelecidos como sujeitos da pesquisa e solicitei aos mesmos que me respondessem também em cartas sobre suas lembranças e memórias do vivido. Destaquei, na carta, como se pode comprovar em anexo, que meu pedido era feito como um procedimento para o andamento deste trabalho. Todos os sete responderam e já nessas cartas respostas foi possível perceber como os fatos afetam as pessoas de forma diferente.

Conforme se pode perceber na análise e interpretação das cartas e outros materiais produzidos pelo processo de pesquisa, existem, nelas, pontos comuns e outros peculiares, específicos, personalizados. Observações e impressões de cada sujeito, como, aliás, já era presumido.

Ainda com relação à atribuição de sentidos já anteriormente citada, algumas considerações precisam ser feitas. A pesquisa proposta está centrada na memória de jovens, mais especificamente no que eles lembram e no que se esqueceram com relação à prática em uma oficina de teatro, em especial e em caráter mais amplo das suas vivências com relação ao direito à cultura. É através de suas narrativas que

destaco a visão que possuem do grupo e de seu funcionamento e de sua interferência na vida e nos projetos de cada um deles. A convivência, as relações, os desejos e a ligação com a vida que corria em casa e com a família. Entender o porquê de uns se lembrarem de um fato, ou de um acontecimento e outros não, o porquê de algumas situações corriqueiras se tornarem lembranças afetivas e valorizadas por todos e outras, à primeira vista relevantes, sejam citadas de passagem por um elemento do grupo, enquanto outros sequer a mencionam. Isso é atribuição de sentidos.

Como é um trabalho que tem como base a memória, não será incomum depararmo-nos com esquecimentos e lapsos. Afinal, como enfaticamente nos apresenta Bosi (1994), quando nos dispomos a contar a história de outra forma, temos que entender que estamos lidando com um ponto de vista. Sendo assim, é muito provável que não encontremos nada que o valide, ou seja, não encontraremos nos jornais, nos noticiários nem nos livros muito menos a confirmação da lembrança de nossos entrevistados. Os prováveis hiatos estarão na história, fazendo parte delas e ajudando a contá-la, pois o que foi esquecido ou não quis ser lembrado também possui sentido. Bosi ainda nos deixa em alerta com relação aos hiatos e pontos de vistas da história tida como oficial.

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentido por outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. Recolhi aquela “evocação em disciplina” que chamei de memória trabalho (BOSI, 1994, p.37).

Para realização do procedimento de grupo focal, acatei sugestão de minha orientadora e elaborei um videoclipe composto de registros de imagens relacionadas à história do grupo.

E por que a opção por um videoclipe? Em primeiro lugar porque boa parte da memória registrada e preservada em diversos suportes daquela trajetória do grupo encontra-se disponível em um vasto arquivo fotográfico. Aquele arquivo fotográfico,

quando compartilhado, diz respeito a muitas lembranças que podem se ativar no diálogo e na complementação daquilo que, subjetivamente, pode ter sido perdido, mas que, na substância social, é tornado como a memória de um grupo. E essa ativação traz muitas outras retomadas: músicas, sons, gestos, acontecimentos, palavras, comidas. Enfim, muitas experiências que se constituíram em formas de ser de um grupo e que demarcariam a própria condição de reconstrução de vida daqueles jovens a partir daquela senha. Portanto, conforme perspectiva semelhante ao que havia pautado a construção metodológica de uma pesquisa recentemente finalizada por Sonia Regina Miranda (2009 b), as fotos editadas e transpostas para a linguagem de um videoclipe passam a ser assumidas como:

artefatos de Memória e emergem como uma nova camada de Memória, isto é, ao se constituir como derivado de uma operação de memória preliminar busca apresentar o (os) sujeito (os) destas práticas para si mesmo (os) a partir do filtro interposto por um leitor externo, no caso eu e minha equipe de pesquisa, com ênfase para a preocupação em evidenciar as múltiplas linguagens e atividades que estiveram presentes na prática pedagógica.... Portanto, cada vídeo-clipe permite ao professor [e as jovens sujeitos dessa pesquisa] um olhar sensível sobre si e elucida, portanto, uma ação reflexiva sobre si, gerando, a partir de então, um novo artefato e um novo registro essencial à pesquisa: uma entrevista que revela o momento, o instante desse confronto entre suas próprias memórias e a releitura das mesmas por parte do pesquisador. Portanto, temos um artefato de Memória, construído a partir de rastros de Memória e que permite o confronto com suas próprias lembranças, esquecimentos e ressentimentos, para expandirmos nossa análise até o plano de reflexão ensejado por Pierre Ansart (MIRANDA, 2009b, n.p.).

O termo jogo da memória empregado não está despossuído de sentido. Essa é a ação pretendida: jogar literalmente com a memória dos envolvidos. Provocá-los pensar em seus lembrados e esquecidos. A ideia foi iniciar o encontro com a exposição do vídeo e, a partir desse ponto, lançar alguns grandes temas sobre o trabalho coletivamente realizado. Aqui, mais uma vez, recorri à experiência de Bosi que defende que cada um lembra e esquece de forma diferente do outro. As falas originadas através da provocação da memória e o estímulo à conversa em grupo trouxeram direções importantíssimas para a sequência do trabalho de pesquisa e que estão explicitadas no capítulo II.

Esse vídeo é composto de fotos dos processos de ensaio e das próprias encenações do grupo, desenhos, cartazes, folders, todas intimamente ligadas à nossa história e trajetória. Para embalar essas imagens, escolhi duas músicas que fizeram parte do espetáculo “Dores do Mundo”, encenado pelo grupo em 2004. A primeira “Sonata KV545 em dó maior” de Mozart, executada com brilhantismo pelos componentes do grupo musical UAKTI (2003), foi escolhida pela beleza harmônica e por julgar que, com certeza, levaria o grupo de jovens pesquisado a viajar pelo tempo e lembrar músicas que foram marcantes e identificadoras dessa história. Músicas de que se aprendeu a gostar ouvindo, que, no primeiro contato, soaram estranhas. Aquilo que foi um dia o desconhecido, tornou-se familiar e hoje é capaz de ser lembrado como som de recordações, como reminiscências pessoais. Não é uma música neutra para tornar de forma gratuita melodiosa e emocionante a exposição das fotos e imagens. Foi intencionalmente escolhida, pois os sons, como defende Bosi, estão tão vivos na memória como as imagens, os fatos e as histórias. Reforça o lembrado e pode acordar aquilo que se escolheu deixar mergulhado no sono profundo do esquecimento. A segunda música é “Gente”, composta e interpretada por Caetano Veloso. Um belo jogo de palavras proposto pelo compositor poeta que desse jogo faz arte e convida à brincadeira da descoberta dos sentidos da palavra isolada ou associada e só assim, após a atribuição de sentido, ela ou elas, as palavras, podem ser interpretadas por alguém que se pretende artista. Aqui mais uma vez se joga o jogo da palavra ou luta-se com ela em sua procura e no seu entendimento.

Gente

Gente olha pro céu
 Gente quer saber o um
 Gente é o lugar de se perguntar o um
 Das estrelas se perguntarem se tantas são
 Cada estrela se espanta à própria explosão
 Gente é muito bom
 Gente deve ser o bom
 Tem de se cuidar, de se respeitar o bom
 Está certo dizer que estrelas estão no olhar
 De alguém que o amor te elegera pra amar
 Marina, Bethânia, Dolores, Renata, Leilinha, Suzana, Dedé
 Gente viva brilhando, estrelas na noite
 Gente quer comer
 Gente quer ser feliz

Gente quer respirar ar pelo nariz
 Não, meu nego, não traia nunca essa força, não
 Essa força que mora em seu coração
 Gente lavando roupa, amassando pão
 Gente pobre arrancando a vida com a mão
 No coração da mata, gente quer prosseguir
 Quer durar, quer crescer, gente quer luzir
 Rodrigo, Roberto, Caetano, Moreno, Francisco, Gilberto, João
 Gente é brilhar, não pra morrer de fome
 Gente deste planeta do céu de anil
 Gente, não entendo, gente, nada nos viu
 Gente, espelho de estrelas, reflexo do esplendor
 Se as estrelas são tantas, só mesmo amor
 Maurício, Lucila, Gildásio, Ivonete, Agripino, Gracinha, Zezé
 Gente, espelho da vida, doce mistério (Veloso, 1977).

Com essa música, com grande preparo vocal, a Oficina de teatro do CAIC encerrava o espetáculo “Dores do Mundo”. Encenado por quatro anos, nos mais diversos espaços. A música era cantada após o poema de Thiago de Mello: “Declaração dos Direitos do Homem” contrastando com as fotos de Sebastião Salgado que, apesar de belas, apresentam sem pudor as misérias do mundo. Toda a encenação apresentava esperança e reforçava, na intenção, o desejo daqueles jovens atores e desse pretendo diretor em expandir o direito daquela vivência a outras pessoas. Era o direito à cultura que já era entendido como tal. O direito de ser gente na real acepção da palavra. E cantar, e dançar e ter prazer de olhar para o céu pode ser descoberto, por todo o ser humano, que viva, como deve ser, a felicidade de ser o que é. Assim “Gente” traz consigo um conjunto de códigos e símbolos que foram construídos no coletivo e mais uma vez imagem e música poderiam se estabelecer como artefatos de memória e auxiliar no objetivo da pesquisa.

O videoclipe é composto por cento e trinta e cinco imagens organizadas em uma lógica centrada em uma narrativa própria de quem percorreu esse caminho e não em uma cronologia rígida.

A narrativa do vídeo é minha, traduz as minhas escolhas pessoais sobre um conjunto de mais de 3000 imagens. O desejo era que eles se lembrassem de si, do outro e do processo coletivo que vivenciaram. Assim, procurei os sete em cena, fora dela, preparando-se para alguma atividade. Procurei também relacioná-los à instituição, à comunidade escolar, ao grupo e ao processo. Fiz uma linha de imagens de cada um composta por mais ou menos sete fotos. Em seguida

apresentei cartazes de nossas montagens, intercalados com cenas dos espetáculos. Na primeira parte, a individual, uma sequência de cada um dos sete jovens foi apresentada sem uma linha do tempo cronológica. Idas e vindas procurando a lembrança de tempos diferenciados. A intenção, no entanto, não era que a imagem pessoal de cada um deles despertasse somente as suas lembranças. Na imagem do outro já existiria a provocação de lembranças do processo vivido. A segunda parte, cronológica, trazia uma linha do tempo proposta, mas guardava a mesma proposta de disparada de imagens e intencionava o desencadeamento dos processos da memória.

Após a exibição do vídeo, coordenei o trabalho do grupo focal auxiliado por três grandes profissionais que, por amizade, emprestaram-me sua competência numa fria manhã de um domingo de junho. Tive medo de não conseguir criar o clima necessário, que as pessoas estivessem desconcentradas, uma vez que era dia 20 de junho, o segundo jogo no Brasil na copa do mundo de 2010. Apesar disso, tudo ocorreu dentro dos mais adequados procedimentos de pesquisa na modalidade proposta

Grupo focal é uma técnica de avaliação que oferece informações qualitativas. Um moderador guia grupos de aproximadamente 10 pessoas, numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos percepções e preferências. Os grupos são formados com participantes que têm características em comum e são incentivados pelo moderador a conversarem entre si, trocando experiências e interagindo sobre suas ideias, sentimentos, valores, dificuldades etc.

O papel do moderador é promover a participação de todos, evitar a dispersão dos objetivos da discussão e a monopolização de alguns participantes sobre outros. (...) As entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas em todas as fases de um trabalho de investigação. São apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, preferências necessidades e sentimentos (FAE/UFMG, 2010, n.p.).

A partir dos resultados obtidos nesse encontro regido pelos princípios metodológicos de grupo focal, foram traçados os próximos passos da pesquisa. A interpretação e o intercruzamento das diversas narrativas. Da minha narrativa pessoal, apresentada na escolha de imagens e sons para composição do vídeo, a

narrativa escrita nas cartas e na falada durante a sessão de grupo focal da qual os jovens participaram.

A fala de um provocou a fala do outro e estimulou depoimentos ricos e belos e, como não poderia deixar de ser, emocionantes.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 2003, p.39).

O vídeo em questão (ANEXO III) encontra-se encartado neste trabalho.

Sob a chancela desses materiais e recursos de investigação, a presente dissertação apresenta, para o leitor, seus dois primeiros capítulos: o primeiro traz a apresentação da história do grupo e sua constituição, sua relação com o teatro em particular e as diversas linguagens artísticas em geral, além de falar do contexto que o acompanha desde sua criação. Situa os jovens atores no tempo e no espaço na relação com uma dada experiência de escola e os apresenta ao leitor como indivíduos e como coletivo. O segundo capítulo pretende ser um exercício de interpretação da palavra. Palavras que vêm escritas nas cartas, ditas, ou não ditas, no procedimento do grupo focal, que são esmiuçadas e vasculhadas para contar tudo que guardam sobre essa história. A palavra, que é a chave desta história, desta pesquisa, revela aos poucos seus personagens e o quanto eles têm para dizer. Portanto, é um capítulo que busca interpretar os sentidos construídos e engendrados pelos jovens em relação àquela experiência.

Como fora mencionado, a vida, minhas práticas artísticas e minha trajetória profissional me levaram, por convite, a ocupar hoje o cargo de superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa. Essa Fundação há trinta e um anos coordena a política pública de cultura no município de Juiz de Fora e possui status de Secretaria Municipal de Cultura. Somente a educação poderia preparar o menino de origem humilde a ocupar, com razoável competência, esse lugar dentro da organização da administração municipal. É desse lugar que hoje analiso os dados gerados por essa pesquisa. Assim, ao ouvir, ler e interpretar as vozes desses sete jovens, relaciono os seus ditos e não ditos com a política de cultura do

município, minha prática e minha nova posição nesse tabuleiro. Como gestor da cultura local e a partir da ausculta realizada, busco relações com a política nacional de cultura desenvolvida hoje pelo Ministério da Cultura e a influência da Convenção da UNESCO sobre Diversidade Cultural nessas políticas públicas e as possíveis interfaces que a intercessão desses assuntos sugere.

Como anteriormente dito, o tema proposto na pesquisa é um tema presente, gestado a partir do lugar atual de Superintendente da Fundação Cultural da cidade de Juiz de Fora, mas também um tema que me permite olhar para o passado ressignificando-o a partir de um olhar sobre o presente. Um tema que permite e fomenta a discussão contemporânea das políticas públicas para cultura em um país como o Brasil, com tantos abismos sociais, mas que traz à tona a memória refletida pelos sujeitos de uma ação de cultura no interior de uma escola singular, como o são tantas escolas. Um tema, portanto, do presente, que fez com que um grupo de jovens - e eu próprio – colocássemos-nos em movimento reflexivo em direção a um passado recente comum, singular, particular, mas com grande potencial de nos permitir, pela singularidade, refletir sobre outras configurações, não em uma perspectiva generalizante, mas analógica.

É com essa visão que apresento como capítulo que encerra esta dissertação um olhar analítico sobre as propostas de políticas públicas de cultura no País. Essa discussão foi proposta através do eixo do direito à cultura. Nesse capítulo busquei um diálogo mais aprofundado com dois autores: Marilena Chauí e Michel de Certeau. A primeira autora trouxe a explicitação e avaliação da política pública, proposta em sua gestão, na Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo. Uma proposição de ampliação do direito à cultura colocada em prática e que desencadeia um severo jogo de interesses ao tentar tirar do lugar privilégios e desalojar preconceitos. Das indicações de Certeau vem a colaboração mais profunda com relação à explicitação da cultura plural e múltipla, vivida como direito. Assim, com a colaboração desses dois autores, apresento algumas necessárias reflexões sobre a cultura como direito na cidade e no País e relaciono diretamente essas reflexões com os resultados deste trabalho.

Nas considerações finais apresento direções e conclusões não generalizantes, ou seja, específicas para esse grupo estudado, mas que podem servir de pistas para aqueles que desenvolvem processos semelhantes com jovens

na perspectiva de estimulá-los nas vivências do direito à cultura e seus possíveis desdobramentos educacionais e pessoais.

2 “SENHA DO MUNDO”: uma escola, muitas Culturas e um projeto de ação

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
 Que a pena não quer escrever.
 No entanto ele está cá dentro
 Inquieto, vivo.
 Ele está cá dentro
 E não quer sair.
 Mas a poesia deste momento
 Inunda minha vida inteira.
 (Drummond, 1989)

O CAIC Núbia Pereira Magalhães, situado no bairro Santa Cruz, na cidade de Juiz de Fora, funciona desde o ano letivo de 1995. Até 2005 contava com aproximadamente 1650 alunos matriculados entre educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Além das matrículas da escola regular, construiu, nos seus primeiros 11 anos de seu funcionamento, uma política de atendimento no contraturno escolar que, no seu maior número de matrículas, chegou a atender 1560 alunos em mais de sessenta turmas, chegando, assim, a realizar 3200 atendimentos. Para obtenção desse número de atendimentos, foi considerada a soma do atendimento escolar e o do contraturno. No período de 18 de dezembro de 1994 a 31 de dezembro de 2005, fui diretor geral do CAIC.

Santa Cruz é um bairro da periferia da cidade de Juiz de Fora. Sua população é maior que muitas cidadezinhas do interior, aproximando-se, hoje, de 16000 habitantes. Na voz das pessoas mais velhas escutamos o relato, às vezes cheio de espanto, sobre a rápida transformação do bairro tanto no que se refere à quantidade de pessoas, quanto no tocante à invasão das manifestações urbanas num lugar onde as famílias, até bem pouco tempo atrás, eram, em sua maioria, oriundas do meio rural ou das pequenas cidades que rodeiam Juiz de Fora. Muito de repente o bairro cresceu e continua crescendo. Muito rápido houve a invasão das drogas e com elas a criminalidade e os problemas de segurança. A falta de perspectiva para o jovem não é diferente do que se percebe em bairros de classes populares em todo o país.

Nesse lugar, escola, para muitos jovens e suas famílias, representa muito pouco. O bairro abriga a unidade da CEASA no município. A necessidade de auxiliar na renda familiar faz com que muitos adolescentes, desde cedo, carreguem caixas e sacos nas cabeças e nas costas. Na escola, transferem a matrícula para a noite. Como precisam acordar muito cedo para descarregar e carregar mercadorias, uma boa parte desses jovens abandona a escola, tornando ainda menores as suas chances de um futuro melhor.

Nesse contexto, terminar o ensino médio já é um ato de bravura que merece condecoração. Merece respeito e admiração.

A maioria dos alunos do ensino médio do bairro está matriculada à noite na Escola Estadual José Saint Clair. Nesse nível de ensino, grande parte dos alunos estuda à noite. Isso acontece não só porque a oferta de vagas durante o dia é muito pequena, mas também porque esses jovens precisam ocupar o dia com uma atividade que possa render algum dinheiro, seja um emprego formal ou não.

Em muitas cidades no interior do País e em bairros das grandes cidades, a escola em muitos casos tem sido o único braço do estado presente naquelas comunidades, assim também como vem sendo o único lugar de promoção e vivência da cultura. São elas as responsáveis pela manutenção das festividades populares como festas juninas e até carnaval. São as escolas que tentam construir a memória do bairro. A cultura não é vivenciada de forma igual, mesmo em regiões de uma mesma cidade, as vivências podem ser muito diferenciadas.

Mas nem só de bons exemplos é construída a aproximação da educação e da cultura. A escola escolhe da cultura humana os saberes e conhecimentos para orientar seus planos e currículos. É na linha de frente da educação, ou seja, nas escolas e nas salas de aula que os procedimentos de vivência e estímulo a atividades culturais se desenvolvem bem ou mal. Muitas vezes, em nome da cultura, vêm se realizando ações pouco louváveis que não passam de arremedos de péssima qualidade de produtos da cultura de massa em que preconceitos, discriminação e comportamentos pouco louváveis são reforçados. E assim, a escola e seu alunado perdem duplamente. Perdem tempo nobre e espaço do ensino aprendizagem, perdem com uma atividade mal preparada e mal fundamentada. Nesse momento em nome da cultura nada de produtivo é realizado.

Qual o espaço, em que os filhos das classes de trabalhadores poderão ser apresentados às linguagens artísticas e ao simbolismo da arte, senão na escola? Ao

se distanciar de seu papel de agente cultural e se aproximar de um modelo de agência de transmissão de conhecimento, a escola deixa de realizar uma de suas principais tarefas que, a meu ver, é aquela de fomentar e estimular as atividades culturais junto a seus alunos e por que não junto às comunidades.

As atividades culturais, bem como a associação dos procedimentos cotidianos da escola com a cultura, não podem ser encaradas como atividades que possam ser deixadas de lado ou relegadas aos momentos de festinhas e auditórios. Cultura e escola podem e devem estabelecer as bases de um trabalho na escola que ao mesmo tempo em que a criança e o adolescente aprendem, constroem e participam de uma identidade local, nacional e como ser humano pertencedor, em potencial, de toda as manifestações do homem e seus registros em sua relação com os outros e com o meio.

É muito provável a existência da preconização de uma vivência de cultura na escola, mas a vivência prática construída dentro da realidade da escola é outra.

O CAIC Núbia Pereira Magalhães foi inaugurado dia 18 de dezembro de 1994 e desde então divide com a escola José Saint Clair a tarefa de oferecer a educação básica para a população do bairro Santa Cruz.

A estrutura física e os equipamentos dos CAICs possibilitam o desenvolvimento de inúmeras atividades de cunho esportivo, artístico, cultural, o cuidado com a saúde e proteção da criança e do adolescente, dentre outras. Assim, desde a sua inauguração, tentando atender às solicitações da comunidade, foram pensadas alternativas para ampliar o atendimento dos alunos e da comunidade de um modo geral. Um “funcionamento possível” foi pensado, além de Educação Infantil e Ensino Fundamental, oficinas e escolinhas nas áreas de esporte, lazer, cultura, arte e tecnologia no contraturno da escola regular.

No CAIC Núbia, como é afetivamente denominado, os atendimentos de escola regular (educação infantil e ensino fundamental), como já citado, somados aos realizados em projetos e oficinas, alcançam, desde 2003, a marca de 3200 pessoas. Esse atendimento no contraturno é oferecido não só aos alunos matriculados na escola Núbia Pereira de Magalhães, mas também a alunos de outras escolas públicas da região, como, por exemplo, a escola José Saint Clair.

A possibilidade de vínculo através das oficinas foi mantida por muitos alunos após o término dos nove anos de ensino fundamental no CAIC. Mesmo matriculados em outras escolas de ensino médio, no bairro ou em outras unidades, procuravam-

se manter ligados ao CAIC através das oficinas. Esta foi a chave encontrada por muitos, inclusive pelos integrantes do grupo de jovens sujeitos desta investigação.

Dentro do conjunto de atividades desenvolvidas, eram oferecidas vagas nas oficinas de futsal, futebol, vôlei, basquete, handebol, atletismo, ginástica, ginástica olímpica, dança, dança de salão, capoeira, artesanato, violão, musicalização, artes plásticas, desenho, espanhol, fotografia, informática, teatro. É no contexto desse trabalho de contraturno que se inicia a relação dos jovens, foco deste trabalho, com a arte e com a cultura e, segundo nos contam os próprios jovens, foi através dessa possibilidade que muitas direções se redefiniram para suas vidas.

O trabalho de oficinas no contraturno surgiu dentro da minha gestão no CAIC Núbia como alternativa para o fato de a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora não ter assumido, na época, o trabalho de educação integral naquela unidade de ensino como era a proposta do MEC e objeto de convênio. Nós da equipe, com raras exceções, acreditávamos que essa era a grande saída para uma comunidade de periferia onde o tráfico de drogas, criminalidade e sexualidade precoce são problemas com os quais se convive no cotidiano e, para muitos habitantes, já naturalizados e banalizados. Hoje, pelo menos para mim, é claro que, embora não seja a alternativa para combater todos os problemas, é viável e eficiente para um grande número de pessoas. Uma alternativa para a felicidade, para momentos de infância onde, por vezes, a infância não é muito permitida. Snyders(2001), em “Alunos Felizes”, faz várias considerações sobre a escola como espaço de felicidade onde o prazer não deve ser suprimido, onde é possível todos os dias vivenciar alegria e encantamento, este principalmente desencadeado pelo prazer de aprender. Em duas de suas defesas é possível aproximação com o espaço do ser que desejávamos desenvolver ali.

“Minha” escola quer e acha possível uma continuidade entre a vivência do aluno, seus valores, gostos, expectativas, os problemas que ele coloca e a cultura que a escola lhe oferece. Continuidade ao mesmo tempo para que os alunos sejam pessoalmente afetados pelo que lhes é ensinado e para que tenham confiança na possibilidade de ter acesso ao que lhes é ensinado.

Precisamente porque não tem com seus alunos os laços reais de longa duração, a escola pode, às vezes, incentivá-los para o futuro com mais audácia que a família (SYNDERS, 2001, p.139).

Pensamos em uma instituição educacional que fosse além, que cumprisse a sua tarefa primeira de orientar o aprendizado, mas que também fosse um espaço de prazer e ludicidade, de aprendizagem com o corpo e com as mãos e foi por isso que, em poucos anos, passamos de menos de 100 alunos no contraturno para mais de 1300; passamos de duas modalidades de oficinas para mais de vinte e de seis turmas para mais de 60. Na equipe de profissionais que atuaram no CAIC Núbia, muitos coadunavam com a ideia de que a educação como hoje se encontra não atende mais às necessidades da sociedade. A escola continua reproduzindo saberes e preconceitos. Os mesmos preconceitos existentes na sociedade são reproduzidos no interior da escola. Os saberes trabalhados em suas atividades cotidianas na busca da formação do aluno são os mesmos em sua maioria ensinados há séculos.

Entretanto, a falta de continuidade provocada pelas idas e vindas das políticas de cultura, que permite que trabalhos sejam desmontados, independentemente de sua eficácia, ou de sua avaliação, faz-se sentir também nesse espaço em que a grande maioria dos avanços ali obtidos encontra-se, atualmente, desmontada.

Aquela não era uma escola feita a partir da personalidade de seu diretor, era uma escola onde o debate e a construção democrática encontrava solo possível para a vivência diária. Mas uma escola assim dá trabalho, dá muito trabalho. Dar voz a todos não é tarefa simples e nem tampouco tentar convencer os descrentes na educação e no seu poder transformador. Essa construção é possível de ser vivenciada por pessoas que creem e desejam mudanças sociais, pessoas que desejam escolas melhores em um mundo melhor. Nossa equipe, em sua maioria, acreditava e buscava uma prática transformadora.

Ser culto é a única forma de ser livre.

Educar é depositar em cada homem toda a obra humana já realizada; é fazer de cada homem resumo do mundo vivente até o dia em que está vivendo (...) (MÉSZÁROS, 2005, p. 58).

Entendo que este pequeno histórico oferece informações necessárias para que seja entendido o contexto em que os jovens, foco deste trabalho, chegaram às oficinas do CAIC e, principalmente, chegaram à oficina de teatro, lugar comum onde essas histórias de vida se encontram e se desenvolvem e, dali, derivam outras histórias das quais um pouco será dado a conhecer ao longo deste trabalho. Ferreira

(1993, p. 57-58) diz “o mundo, o já aí, é o dado primário com que se conta na produção do conhecimento, e é a partir dele que as nossas reflexões são feitas. A tarefa da fenomenologia é, pois, descrever as realidades e mostrar como podem ser diferentes”.

2.1 O surgimento da oficina de teatro do CAIC: um enredo que junta a história de um grupo de jovens.

Como realizava um exitoso trabalho de teatro com adolescentes e jovens na Academia de Comércio - Colégio Cristo Redentor, uma das mais tradicionais escolas da rede privada da cidade, um trabalho de visibilidade e muito significativo, cobrava-me e era cobrado, por que não colocava em prática um trabalho semelhante no CAIC Núbia. Muitas tentativas foram feitas, mas o conjunto de atribuições pedagógicas e administrativas de uma escola que, com os atendimentos do contraturno já ultrapassava nessa época a marca de 2000 matrículas, roubava-me o tempo necessário para acompanhar diretamente as oficinas.

Um aluno da minha turma mais velha na Academia / Colégio Cristo Redentor, estudante de psicologia, fez-me a proposta de ser estagiário no CAIC, perguntando-me sobre a possibilidade de trabalhar com associação de teatro e psicologia com adolescentes no contraturno. Sua proposta, ligada ao psicodrama, propunha discutir, através de jogos dramáticos, as principais questões destacadas pelos adolescentes. Esse trabalho fluiu e, além disso, levou-nos a fundar juntos, as oficinas de teatro do CAIC.

Em 2001, ano de centenário de nascimento de nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, a escola abraçou um projeto pedagógico centrado na sua obra literária. Um momento de destaque na história daquele estabelecimento de ensino. Crianças, adolescentes, jovens e velhos, junto aos seus professores, incorporavam a poesia de Drummond aos mais diversos conteúdos. Foi uma festa. A festa da palavra. A palavra foi decodificada e desencantada. As oficinas de arte que aconteciam sempre no contraturno do aluno também aderiram ao trabalho ao redor da poesia de Drummond. Assim, dançou-se poesia, fizeram-se artes plásticas e artesanato de poesia e palavras. Pintamos todas as pedras que havia no caminho,

incomodamos o mais popular personagem do poeta de tanto perguntar: e agora, José?

As oficinas de dança produziram um belíssimo espetáculo intitulado: “*Sentimento do Mundo*”.

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microcopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais noite que a noite (Drummond, 1998, p.115 –116).

Esse espetáculo envolveu alunos, professores, famílias e funcionários num momento único dessa história. Ver a poesia de Drummond traduzida e dançada por pessoas tão simples a quem a vida tem dado tão pouco foi um momento de rara emoção. Um espetáculo multidisciplinar que juntou a representação do melhor da música brasileira, artes plásticas e Drummond a meninas e meninos que puderam de fato realizar um trabalho de literatura.

Drummond e suas palavras ganharam todos os espaços. Tal conclusão foi possível quando nós, profissionais da escola, começamos a perceber que aqueles

meninos já estavam tão familiarizados com a poesia drummoniana que o parafraseavam em quase todas as situações cotidianas. Nesse momento de recuperação de memórias, revisito nossa trajetória e escolho Drummond e suas palavras para embelezar meu texto e, ao mesmo tempo, lembrar a presença de suas lindas palavras em nossos trabalhos. Esse histórico que conta um grupo e uma escola é a preparação para apresentação das narrativas de jovens falando de suas experiências com cultura e as artes, mas é também a apresentação de minha narrativa sobre essa história. Nos textos acadêmicos, as pistas metodológicas, na poesia de Drummond, a trilha poética e a provocação de uma possível explicação para memória.

(In) memória

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz do ouro:
uma Europa, um museu,
o projetado amar,
o concluso silêncio (Drummond, 1989, p.10).

Com as oficinas de teatro devidamente instaladas, construímos uma proposta de trabalho muito rica. Essa proposta se baseava nas teorias de Viola Spolin e nas propostas de Olga Reverbel para o trabalho do teatro no interior da escola. Essas duas estudiosas do teatro na educação ofereceram a base teórica para a construção de uma metodologia de trabalho para as nove turmas de teatro que rapidamente se formaram naquele contexto. Por outro lado, o teatro, não foi transposto para a escola exclusivamente pela relação com a dramaturgia, mas também por uma articulação

pedagógica que evocava o acesso à poesia e literatura, à música, à fotografia e ao cinema, ou seja, múltiplas linguagens de acesso e representação do mundo, o que, sem dúvida, singularizava aquela experiência escolar.

A minha longa experiência com a linguagem teatral, dentro e fora da escola, fez-me crer que poderia assumir a coordenação desse projeto que seria executado pelo antigo estagiário de psicologia, Felipe de Souza Costa, instrutor de oficina do CAIC durante 04 anos, contratado pela secretaria de Educação através de processo seletivo. O nome do Felipe, falecido no ano de 2008, aparece várias vezes na narrativa dos “meninos”. Citado pela grande importância que possui nesse processo; citado pela reciprocidade do enorme carinho que existia entre eles; citado ainda por não poderem compreender por que pessoas tão jovens e tão cheias de vida de repente deixam esse mundo e em seu lugar fica um sentimento traduzido pela palavra saudade.

Retornando ao centenário de Drummond, pensamos, naquele momento, em três trabalhos distintos: com a turma de crianças de 07 a 09 anos, montamos o espetáculo “*Brincar de Poesia*” a partir de uma coletânea de poemas do autor sobre a infância. Uma turma de jovens participou da montagem de “*Eternas Palavras*”, um espetáculo composto de três quadros: o primeiro situava a cidadezinha do interior de Minas, Itabira, para Drummond, muitas na memória do povo mineiro; o segundo era a encenação do “*Caso do Vestido*”, poema de estrutura dramática que nos ofereceu um material riquíssimo para a cena e para a vida. O terceiro quadro desse espetáculo era baseado no conjunto de poemas do autor em que ele fala de sua angústia e dor por perceber o mundo tão desarmônico e injusto. Existia ainda uma terceira proposta que a princípio não teria a ver com Drummond. Para uma turma de meninos e meninas de 12 e 13 anos, pensamos em realizar um filme falando de suas expectativas em relação ao futuro. Estávamos todos impregnados de Drummond e, como tal, optamos por começar esse trabalho através de jogos dramáticos em que discutiríamos as relações com as famílias. Aquele filme, um curta metragem pautado em pequenas histórias inteiramente filmadas e editadas por nós e encenadas por aquele grupo de jovens, seria intitulado de “*Senha do Mundo*”. A Senha era a palavra e o acesso à palavra era a Senha para todos nós.

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra. (Drummond, 1997, p. 43)

Com a riqueza dessas palavras, puxamos o fio de uma meada que ainda hoje se desenrola e faz história. Para iniciarmos os trabalhos do filme, apresentamos as poesias em que Drummond fala de sua família. Em seguida propusemos jogos dramáticos nos quais os adolescentes falassem de suas relações familiares. As histórias eram lindas e resolvemos anotá-las. Em outro encontro resolvemos colocar poetas para conversar. Para provocar o Eu e os Outros, trouxemos Fernando Pessoa, mesmo que receosos com o alcance dos alunos com relação à temática do autor. Como é comum na linguagem popular, eles “nos deram um banho”.

Mais jogos dramáticos e mais histórias reveladoras. Poesia e jogos se intercalando por mais de um mês nos ofereceram uma teia de histórias que intercalamos e misturamos e transformamos o real no fictício. No roteiro final do filme, todos poderiam identificar trechos de suas histórias, mas ninguém poderia ser identificado pela história.

Houve uma história, muito própria e muito forte que não conseguimos disfarçar. Era uma história de uma menina que era molestada pelo padrasto e, então, nós a excluímos. Naquele momento, o silenciamento do caso não trazia, numa decisão pedagógica, a reflexividade inerente aos processos em torno do lugar do silêncio na dinâmica do lembrar e do esquecer. A opção pelo silêncio era, na realidade, uma opção que nos parecia plausível de proteção da menina.

No dia da apresentação do roteiro, todos ficaram felizes e motivados, menos aquela menina que não vira sua história contada. Quando terminamos a aula, todos

foram embora, menos ela que se manifestou bravamente quanto a “seu direito” de ter sua história contada. Fui veemente: não! Dias depois, veio a menina com a mãe: era a insistência de revelar aquela história. Fiquei de pensar. Troquei ideia com profissionais de várias áreas e a conclusão era que não havia motivo para vetar a história, uma vez que esse era um desejo da menina autorizado pela família. Cedi, mas até hoje não estou certo se foi o procedimento mais correto. O roteiro do filme ficou enriquecido com a história de abuso como tantas que existem nas famílias daquele lugar. Esse relato, embora embaralhado com as demais narrativas, está no filme e revela uma família. Não posso afirmar que o processo artístico mudou a vida daquela família, mas desencadeou um processo que certamente mudou a sua história e contagiou todos que estavam por perto.

Com muito trabalho e um percurso que, penso, não cabe aqui descrever, conseguimos concluir as filmagens. Roubamos elegantemente uma expressão de Drummond e o batizamos: “A Senha do Mundo” que aparece no poema “Palavra Mágica” que traduzia todo aquele processo e, mais que isso, apresentava-se como a chave para a abertura da porta de novas possibilidades. Com ele ganhamos o palco do Cine-Theatro Central, chegamos a outras cidades e outros estados e demos partida no motor propulsor de um novo projeto: um grupo de teatro.

Da fusão das turmas do filme com a do espetáculo “*Eternas Palavras*” originou-se em 2002 uma nova turma. Eram dezenove adolescentes e jovens, uns ficavam pouco, outros vinham, mas a base era a mesma. Desde então, fizemos juntos O filme “*Senha do mundo*”; “Dores do Mundo”, um espetáculo de poemas e músicas construído a partir da interpretação das belas e dolorosas fotografias de Sebastião Salgado; “O Patinho Feio”, espetáculo infantil de Maria Clara Machado; também da mesma autora fizemos “O Cavalinho Azul” e O Boi e o Burro no Caminho de Belém”, “Histórias do Barulho” com histórias e músicas da tradição popular brasileira; “A Cigarra e a Formiga”, texto de minha autoria. Em 2010 encenamos a peça infantil de Silvia Ortof “A Viagem de um Barquinho”, então já no circuito teatral comercial da cidade. Agora eles são o Grupo de Teatro Retalhos e não estamos mais ligados ao CAIC, não fisicamente, uma vez que emocionalmente sempre teremos aquele espaço como referencial de um capítulo das histórias de nossas vidas. Hoje eu já não sou diretor do CAIC e eles também já não estão vinculados à instituição.

Minha história se confunde com a história desse grupo.

Essa poderia ser a história de um grupo de teatro de escola como tantas outras que existem pelo mundo. Mas não é. É mais que isso. Ela revela a história de vida de jovens que obtiveram sucesso escolar e que, em certa medida, correspondem ao que Bernard Lahire analisou, em seus estudos sobre fracasso e sucesso escolar na França, como uma configuração singular de êxito. Desse grupo, mais de 70% hoje se encontra na faculdade. Todos terminaram o ensino médio. Nenhum tem envolvimento com drogas, criminalidade, gravidez precoce. São jovens envolvidos, na sua maioria, com movimentos religiosos, que levaram o conhecimento para dentro da igreja e ali assumiram a responsabilidade das encenações de natal e semana santa. Souberam aproveitar em vários espaços o conhecimento que construíam em suas vivências. Dançam, cantam, divertem-se. São rebeldes como cabe à juventude, mas procuraram uma forma própria para estar no mundo, interferindo nos seus destinos e construindo novos caminhos. Afinal são os donos da senha do mundo.

Como já dito, em outros momentos deste texto, fui diretor desse grupo de teatro durante toda a sua existência. Muito mais que isso, fui provocador de atividades e trabalhos e motivador de sua continuidade, tendo sido também o primeiro diretor do CAIC Núbia Pereira Magalhães no bairro Santa Cruz, Juiz de Fora, entidade focada no trabalho educacional de uma escola de educação infantil e ensino fundamental e na ampliação do tempo do aluno com atividades de arte, cultura, esporte e lazer. Afastado da direção dessa entidade educacional desde janeiro de 2006, mantive, por meu desejo e a pedido do grupo, o trabalho de teatro que havíamos começado em 2001 e que nesses cinco anos de existência tinha se transformado em marca referência para a escola.

Foi muito difícil achar um horário comum a todos, uma vez que eu já não “habitava” o CAIC como nos onze anos em que estive à frente da direção. Além disso, os integrantes do grupo quase todos agora eram universitários ou buscavam o seu ingresso em uma faculdade. A maioria também trabalhava, havendo, ainda, aqueles que precisavam urgentemente arranjar um emprego ou até mesmo um trabalho na informalidade que lhes possibilitasse levar algum dinheiro para casa ou, no mínimo, arcar com suas próprias despesas. As famílias precisam dessa participação. O horário possível não era muito fácil: domingos de 10h às 13h. Assim nos mantivemos juntos, embora diferentemente juntos. Alguns não suportaram o envolvimento em tantos compromissos e saíram, outros, que tinham se desligado,

não suportaram estar longe, voltaram. O grupo era agora diferente. Do meu ponto de vista, agora tínhamos menos integrantes e estávamos distanciados. Nas conversas informais que mantinha com os elementos do grupo com um só ou com pequenos grupos, percebia a importância que davam ao modelo de escola que tiveram e ao envolvimento em oficinas e no grupo de teatro.

2.2 O teatro. A escola e o teatro.

O teatro é uma manifestação simbólica do homem. Como linguagem artística, embora tenha os seus primeiros registros para história do ocidente, na Grécia antiga, há fortes evidências do teatro como arte no oriente, anterior ao teatro grego.

O ato de representar, vivenciar papéis fictícios e simular falas não é exclusivamente grego, mas espontâneo da pessoa humana, que se exercita na constituição da personalidade através da dramatização infantil. Representando uma identidade alheia, reconhecendo-se como um outro de si mesmo, o ego principia o processo de individualização e encontra meios de estruturar e implantar o “infante”, o que não age, não faz, e é aparentemente “inocente”, insciente na ordem da pessoa, daquela entidade social capaz de agir, porque dotada de uma “persona”, uma máscara socialmente sancionada (NUÑES, 1994).

Se desconsiderarmos a visão do teatro como linguagem artística, sua origem se confunde com a origem do homem, uma vez que o mimetismo é inerente ao ser humano. A representação do outro está presente em todas as camadas da sociedade, desde a pessoa mais simples e humilde até os participantes dos mais sofisticados grupos sociais se utilizam dos recursos da representação para explicar, reforçar ou apresentar uma ideia.

As cerimônias religiosas trazem, desde os primórdios, a aproximação com a linguagem da encenação. O teatro como arte deriva das representações religiosas que se repetem nos funerais, nos cultos aos deuses e de outras representações do sagrado. Nesses momentos há texto previsto, indumentária especial, os locais são cuidadosamente preparados e transformam-se em verdadeiros cenários. As aproximações são inevitáveis.

Na Grécia, os cultos aos deuses envolviam a todos. Dionísio, deus do vinho e da fertilidade, era homenageado com grande festa. Em uma dessas celebrações festivas, nasce o ator que se separa do coro que dá voz aos ditirambos.

O teatro está presente, vivo no mundo, há milênios. É provável, então, que exista força nessa representação e também nesse conjunto de signos que caracteriza a linguagem do teatro. Até hoje, nos mais requintados e nos mais simples teatros do mundo, representa-se, com interesse e sucesso de público, obras escritas há mais de dois mil anos. Os sentimentos humanos são universais. É no teatro que se estabelece a arte de representar e dessa linguagem derivam outras como o circo, o cinema, a teledramaturgia.

Teatro na escola fazendo parte do currículo ou como atividade extracurricular, no turno ou contraturno escolar, pode enriquecer a dinâmica da instituição e a vida pessoal dos envolvidos, sejam eles educadores ou alunos. O teatro está presente na escola de várias formas. A simples ação de professores ao assumirem personagens para reforçar uma explicação ou para enfatizar determinado assunto; a diferenciação da voz para reforçar uma intenção; o ato de assumir atitudes pouco comuns, ao seu temperamento, como passar um longo tempo em silêncio para se fazer entender, quando as palavras já não bastam; a criação de vozes diferentes para contar ou narrar história, tudo isso são elementos da encenação utilizados no dia a dia da sala e da escola, ainda que inconscientemente. O cotidiano da escola é cheio de pequenas encenações. Também há teatro nas dramatizações realizadas pelos alunos, ou mesmo por professores; há teatro nos auditórios, cada vez mais raros, nas encenações esporadicamente organizadas, nas festas. Há algumas instituições que criam e mantêm grupos de teatro.

O teatro na escola pode ser um excelente canal de expressão para crianças e jovens e um facilitador para a comunicação entre os diversos grupos que a compõem. Pode ser uma infeliz prática de arremedos de produções da mídia de comunicação de massa, pode apontar para a liberdade, ou pode reproduzir e ou incentivar preconceitos. Pode introduzir jovens no mundo da literatura e das artes, ou pode incentivá-los a contar piadas de baixo calão. Pode ser importante para as pessoas e a instituição ou pode a sua existência ser completamente dispensável. Reacionário ou revolucionário. Uma grande experiência sensorial e artística ou completamente inócua para a instituição ou quem participa da atividade. Tudo depende do caminho que for escolhido para trilhar.

Tenho clara convicção de que não existe apenas um caminho para o desenvolvimento do trabalho com teatro na escola e, além disso, firme opinião de que, entre os caminhos possíveis, nenhum pode ser considerado, absoluta e descontextualizadamente, melhor ou superior aos outros. Eles são diferentes - cada um com seus próprios “encantos”, “habitantes” e lugares de onde se vê. O importante é podermos escolher com segurança - e às vezes por conveniência - qual o caminho seguir. E aproveitá-lo oportunamente durante nossa “viagem” ou “aventura” pedagógica; e voltar atrás, se preciso for, para tomar nova direção - por que não? Enfadonho seria todos sermos obrigados a seguir como “um sonho rebanho” na mesma direção, num único sentido, definitivamente: pluralidade de sentidos! Diversidade cultural! Tolerância! Respeito às diferenças! Afinal, nada é definitivo - viver não é definitivo (JAPIASSU, 2001, p. 16).

As atividades de artes para crianças, adolescentes e jovens devem ser pensadas não no sentido de ensino, mas na direção do estímulo à expressão. A atividade artística não deve ser tratada como um espaço para criação de grandes talentos ou incentivo ao virtuosismo, mas sim como uma prática da qual todos se sintam aptos a participar, possam se manifestar e produzir. “O teatro pode ser praticado mesmo por quem não é artista da mesma maneira que o futebol pode ser praticado mesmo por quem não é atleta” (BOAL, 1979, p. 44).

Como as demais linguagens artísticas coletivas praticadas, o teatro deve estimular o respeito e o diálogo. É uma atividade realizada em grupo e, portanto, capaz de favorecer a construção realizada de forma cooperativa e, conseqüentemente, o respeito pela opinião e posição do outro. Favorecendo processos democráticos internos, configura-se como um ótimo exercício para quem precisa vivê-los, uma vez que pressupõe regras internas para um funcionamento harmônico. Outro foco importantíssimo está na vivência plena da cidadania. Assim, em sua prática diária, no planejamento ou no desenvolvimento das ações, os profissionais envolvidos na realização de um projeto dessa natureza deverão ter preparação e formação para divulgar direitos e deveres do cidadão e trabalhar, além do conhecimento de sua oficina, a vivência prática de valores sociais e respeito do cidadão a si e ao próximo. Além disso, deve-se estabelecer foco de atenção especial nas seguintes ações:

- ✓ Valorizar e difundir a cultura e as artes;
- ✓ Trabalhar as potencialidades de crianças, adolescentes e jovens,

- ✓ Ampliar o universo cultural de crianças, adolescentes e jovens;
- ✓ Valorizar a autoestima dos envolvidos, através da participação em atividades culturais e artísticas;
- ✓ Desenvolver atividades artísticas e difundir e multiplicar os conceitos e elementos da arte;
- ✓ Garantir direitos constitucionais de acesso à cultura e expressão através das linguagens artísticas;
- ✓ Oferecer à criança, ao adolescente e ao jovem a possibilidade do completo desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, tornando-o mais hábil para a convivência social saudável.

O profissional disposto a trabalhar com artes e especificamente com teatro na escola deve ser aquele que atuará como mediador de conhecimentos, em busca da construção de uma identidade no fazer artístico-cultural de cada comunidade, ou seja, o facilitador das linguagens nos campos da arte, educação e da vida. Sua atuação visa promover, incentivar e, sobretudo, investigar a produção e o conhecimento de cada comunidade, tomando como base o respeito às suas especificidades.

Aproximando-se das propostas acima destacadas, a prática do teatro realizada durante a trajetória do grupo, que se apresenta neste trabalho, além de foco nos princípios propostos, está muito ligada a uma prática de leitura de boa literatura apresentada através de diversos portadores de texto. A música brasileira, a literatura e a tradição popular foram sempre o ponto de partida das produções realizadas pelo grupo e, mais que isso, por orientação, deveria ser também o ponto de partida para o trabalho nas práticas diárias nas oficinas. Assim, além de estimular a prática do direito à cultura através das linguagens artísticas, a nossa proposta propunha a interação com a literatura, a música a tradição popular, o cinema, a dança, as artes plásticas, dentre outras linguagens, favorecendo não somente a expressão pelo teatro, mas a formação ampla do sujeito. Um sujeito ligado ao local pelo respeito à tradição de sua comunidade, mas, ao mesmo tempo, apresentado à boa arte brasileira e sendo sempre estimulado a produzir a partir dessa fusão.

É dessa forma que, além de uma boa convivência e atividades artísticas no cotidiano, esse grupo de jovens participou das seguintes produções: “**Senha do mundo**”: filme produzido a partir de roteiro construído das falas dos integrantes do

grupo sobre suas relações familiares. Tudo isso provocado com oficinas de interpretação a partir dos poemas da fase de Drummond na qual ele apresenta o universo de sua infância e sua família. **“Dores do Mundo”**: espetáculo de poemas e músicas construído a partir da interpretação das belas e dolorosas fotografias de Sebastião Salgado; **“O Patinho Feio”**: espetáculo infantil a partir da obra de dramaturgia de Maria Clara Machado e que reescreve um conto de Andersen; **“O Cavalinho Azul”**: espetáculo infantil a partir da obra de dramaturgia de Maria Clara Machado; **O Boi e o Burro no Caminho de Belém**: espetáculo infantil a partir da obra de dramaturgia de Maria Clara Machado; **“Histórias do Barulho”**, construído com histórias e músicas da tradição popular brasileira; **“A Cigarra e a Formiga”**, texto de minha autoria a partir da fábula de La Fontaine; **“A Viagem de um Barquinho”**: peça infantil da escritora Silvia Ortof.

Abaixo segue o roteiro do espetáculo **“Dores do Mundo”** em que pode ser percebido o conjunto de textos e músicas que compunham o espetáculo.

Dores do Mundo - Roteiro

Lá de Longe - Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Marisa Monte

Dores do Mundo - Toninho Dutra

Homem Comum - Ferreira Gullar

Fome (fragmento 1) - Ladislav Dowbor

Fome (fragmento 2) - D. Cláudio Hermes

Fome (fragmento 3) - Otávio C. Neto

Fome (fragmento 4)- Ricardo Abromoway

Apetite sem esperança - Elisa Luanda

Comida - Arnaldo Antunes, Marcelo Frommer e Sérgio Britto

Pobreza (fragmento) - Esmeralda do Carmo Ortiz

Planeta Ventre e Consagração da Cultura - Juliano Gomes da Silva (aos 4 anos)

Pequena Crônica Policial - Mário Quintana

Manual para Habitantes da Cidade nº 15 - Bertolt Brecht

Pessoa Pessoas (fragmento) - Gonzaguinha

Quem não sabe de ajuda- Bertolt Brecht

Bicho - Manuel Bandeira

Pai Nosso de Pobres e Cães - Leonardo Boff

A Aids e alguns fantasmas (fragmento)- Jonas Ribeiro

Fantasia - Chico Buarque de Holanda
Os ombros suportam o Mundo- Carlos Drummond de Andrade
Dolor - Cora Coralina
Meu guri (fragmentos) - Chico Buarque de Holanda
Meninos de rua - Ângela Diniz Teixeira
Brejo da Cruz (fragmento) - Chico Buarque de Holanda
De frente pro crime - João Bosco e Aldir Blanc
Ninguém liga pra você - Fegathi e Nando
Um homem doente faz a oração da manhã - Adélia Prado
Eppur si muove - Affonso Romano de Sant'ana
Tristeza no céu - Carlos Drummond de Andrade
Da amabilidade do mundo - Bertolt Brecht
Procura - Cora Coralina
Elogio do Aprendizado - Bertold Brecht
Os Estatutos do Homem - Tiago de Melo
Gente - Caetano Veloso

Essa era a proposta de um trabalho de possibilidade de vivência dos direitos à cultura garantidos a todos pela Constituição Federal. Esse foi um trabalho proposto para crianças e adolescentes do Bairro de Santa Cruz em Juiz de Fora. Essa foi uma vivência possível a muitas crianças e jovens.

Dentro do grupo de teatro que se firmou a partir dessa prática algumas crianças tornaram-se jovens ao longo desses anos de história. Foram esses jovens que mais tempo viveram o processo e por isso mesmo foram os sete jovens escolhidos para participar desta pesquisa. No próximo capítulo as narrativas serão apresentadas e analisadas. É o momento em que a análise das cartas e falas desses jovens traduz a visão que eles possuem do processo vivido. Assim será possível relacionar o processo histórico aqui descrito com aquilo que pensam esses sete jovens sobre essa história e das possíveis influências no desenho da vida a partir dessa vivência.

Cristiney da Costa Campos



Uma coisa que nunca soube entender ou explicar era a atração que o teatro exercia sobre mim.

Hoje conheço todas as atividades da produção de uma peça (atuação, direção, iluminação, produção (tendo eu mesmo desfrutado de cada uma delas em momentos diversos). Posso dizer hoje o quanto eu cresci. Perdi a timidez, fiz novos amigos, apreendo com eles e também sei que as vezes ensino um pouquinho do que sei. O tempo que permanecia na escola e, principalmente no teatro, foi de grande relevância, no meu processo de amadurecimento.

**Meu pai montava a cavalo, ia pro campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.**

(...)

**E eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a de Robinson Crusóé**

Drummond



**"Senha do
Mundo"
O Jogo
da Memória**

Fabiana de Paula



O teatro é um processo transformador, e me sinto transformada.

O que tenho certeza é que vou continuar estudando, lendo e "teatrando", pois essas são as minhas escolhas. Afinal como disse Silvia Ortoff: "... você escolheu uma história, mas esqueceu de lembrar que são as histórias é que escolhem a gente..." E com boas escolhas, as histórias felizes me escolherão. (Espero...)

Como a vida muda.

Como a vida é muda.

Como a vida é nuda.

Como a vida é nada.

Como a vida é tudo.

Tudo que se perde
mesmo sem ter ganho.

Como a vida é senha
de outra vida nova
que envelhece antes
de romper o novo.

Drummond



**"Senha do
Mundo"
O Jogo
da Memória**

Fábio de Paula



Lá fiz minha vida me tornei alguém, não era "tratado" como o filho do meu pai ou da minha mãe e sim como o Fábio, o CAIC foi muito importante, me proporcionou muitas alegrias, experiências fantásticas.

Lembrete
Se procurar bem,
você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida...

Drummond



**"Senha do
 Mundo"
 O Jogo
 da Memória**

Gilberto Cunha



Existe um Gilberto antes e depois de dores do mundo, antes eu não me preocupava muito com as coisas não me envolvia, depois sempre estava lá pronto pra montar desmontar, improvisar e sobre tudo aprender.

Nenhum tempo é tempo bastante para a ciência de ver, rever.

Tempo, contratempo anulam-se, mas o sonho resta de viver.

Drummond



“Senha do Mundo”
O Jogo da Memória

Michel da Silva Neres



A cultura que nos adquirimos nos abriu várias portas e nos permite participar de vários assuntos, várias atividades. (...) Hoje o mundo da arte se tornou um elemento fundamental em minha vida.

Onde você que chegar?

Ir alto... sonhe alto...

queira o melhor do melhor...

pensando assim trazemos pra nós

aquilo que desejamos...

Se pensarmos pequeno coisas

pequenas teremos...

Já se desejarmos fortemente o melhor
e principalmente lutarmos pelo melhor,

o melhor vai se instalar em nossa vida.

"Porque sou do tamanho daquilo que vejo,
e não do tamanho da minha altura."

Drummond



**"Senha do
Mundo"
O Jogo
da Memória**

Tamyris Laina



Na minha família ninguém foi a faculdade, eu fui a primeira neta, a primeira filha, a primeira sobrinha, a primeira prima que se tornou uma universitária isso para nós era impossível. Mas eu quis e eu consegui.

(...) Eu nunca tive uma boneca [chora muito], eu sonhava com uma boneca, mas nunca tive, nem pequena.

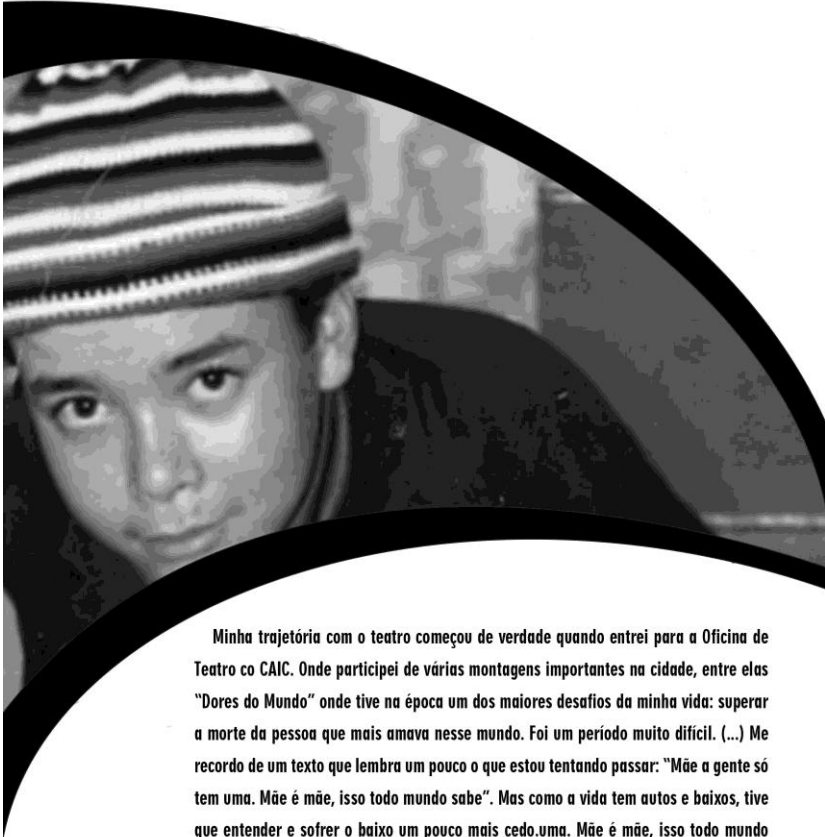
**Vamos, não chores
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.**

Drummond



**"Senha do
Mundo"
O Jogo
da Memória**

Tom Bryner



Minha trajetória com o teatro começou de verdade quando entrei para a Oficina de Teatro do CAIC. Onde participei de várias montagens importantes na cidade, entre elas "Dores do Mundo" onde tive na época um dos maiores desafios da minha vida: superar a morte da pessoa que mais amava nesse mundo. Foi um período muito difícil. (...) Me recordo de um texto que lembra um pouco o que estou tentando passar: "Mãe a gente só tem uma. Mãe é mãe, isso todo mundo sabe". Mas como a vida tem altos e baixos, tive que entender e sofrer o baixo um pouco mais cedo. Mãe é mãe, isso todo mundo sabe".

**Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.**

Drummond



**"Senha do
Mundo"
O Jogo
da Memória**

3 DE CACOS, DE BURACOS, DE HIATOS E DE VÁCUOS – a memória se constrói

E as memórias escorrem do pescoço,

Do paletó, da guerra, do arco-íris;
Enroscam-se no sono e te perseguem,
À busca de pupila que as reflita.

E depois das memórias vem o tempo
Trazer novo sortimento de memórias,
Até que, fatigado, te recuses
E não saibas se a vida é ou foi.
(Drummond, 1988, p. 30)

Tenho usado a poesia de Drummond para dialogar com as narrativas que apresento neste trabalho e a socióloga Ecléa Bosi como um dos pilares do referencial teórico. Aqui, no entanto, os dois autores se misturam em estilos e funções. A profundidade filosófica da poesia de Drummond oferece-me referência para falar de memória e a beleza do texto de Ecléa se transforma em poesia para lembrar-me da suavidade e da profundidade do tema em questão.

De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permaneceu no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar (Ecléa Bosi, 2003, p. 9).

Este capítulo pretende estabelecer um esforço de interpretação das narrativas envolvidas neste trabalho. Narrativas proferidas e refletidas no plural. Isso significa considerar que existem muitas vozes e muitas memórias presentes nesta pesquisa. São as vozes dos sete jovens participantes do processo de pesquisa, suas memórias e visões de mundo, suas narrativas escritas em cartas como resposta a uma carta que lhes dirigi (ANEXO I) e na qual peço autorização formal para realização deste trabalho, pergunto sobre o desejo e a disponibilidade para participar do mesmo, e, também, narrativas emanadas do trabalho do grupo focal realizado no dia 20 de junho de 2010.

Há ainda minhas próprias vozes e memórias, articuladas com aquelas emanadas dos diversos interlocutores deste trabalho e dos suportes de Memória selecionados. Esse olhar, derivado de minhas próprias narrativas, emerge em dois momentos específicos, ou seja, na escolha das imagens e sons utilizados como artefatos de memória - conceito incorporado das propostas da pesquisa da professora Sonia Regina Miranda, orientadora desta pesquisa, e encontrou eco nos escritos de Eclea Bosi e na poesia de Drummond. Artefatos de memória são capazes de reativar camadas da memória. Este trabalho possibilita que cada um dos jovens tenha, nesse momento, “um olhar sensível sobre si” e sobre o grupo do qual participa, gerando, a partir desse olhar, um novo registro: as falas sobre si e sobre o grupo gravadas no grupo focal.

A interpretação das falas, ações, dos não ditos e dos comportamentos são o meu segundo momento de colaboração com a narrativa, uma vez que é através do meu recorte que será dado a conhecer a visão que esse grupo de jovens possui de si coletiva e individualmente. Connelly e Clandinin (apud Larrosa, 1995) chamam atenção sobre a questão da autoria da narrativa. Segundo os autores, o pesquisador que se dispõe a trabalhar com essa modalidade de análise assume, também, o papel de autor. Sua função se confunde entre pesquisador, relator e autor à medida que é ele que reescreve as falas, apresenta as reações, suaviza ou intensifica os tons das tintas usadas na pintura do quadro que apresentará o grupo pesquisado.

Parte das dificuldades na escrita das narrativas está centrada no entendimento e no descobrir da complexidade das relações que existem entre as histórias que se contam continuamente, uma e outra vez, e a investigação (CONNELLY E CLANDININ, apud LARROSA, 1995, p. 40) (tradução livre).

Há também que se refletir que, como participante, conto a história sob minha ótica. Mesmo utilizando depoimentos de outros participantes, é como pesquisador que irei interpretar as falas. Depois, ao apresentar a narrativa, as observações dos ouvintes podem ser incorporadas e, assim, como uma boa história, ela não será contada ou narrada de maneira idêntica nos próximos momentos de relato e mesmo as interpretações podem ser ressignificadas.

Enquanto investigadores que escrevemos de forma narrativa, entendemos complexidade como parte deste problema: múltiplos eus. Quando escrevemos de forma narrativa nos convertemos em múltiplas vozes (Barnieh, 1989). O "eu" pode falar como pesquisador, professor, homem ou uma mulher como comentarista, como um participante da pesquisa, como narrador crítico, como construtor de teorias. Não obstante, quando vivemos o processo de investigação narrativa somos uma pessoa única. Da mesma forma que somos um quando escrevemos. No entanto, quando escrevemos as narrativas, torna-se importante resolver qual das vozes é a dominante todas as vezes que escrevermos a palavra "eu" (CONNELLY E CLANDININ, apud LARROSA, 1995, p. 41) (tradução livre).

Seguindo na apresentação do traçado metodológico, os autores, ainda, explicitam suas opiniões enfatizando que os mesmos dados podem servir para escrever verdade, mentira ou ficção sobre o mesmo tema. Fica claro, então, a preocupação do entendimento da narrativa como método investigativo e como o pesquisador deve ser cauteloso para não se deixar trair pelo seu suposto envolvimento com a história narrada.

O valor central das narrativas deriva da qualidade de seus temas. A narrativa e a vida vão juntas e, por tanto, o atrativo principal da narrativa como método é a sua capacidade de reproduzir as impressões da vida, tanto pessoais quanto sociais, em formas relevantes e cheias de sentidos (CONNELLY E CLANDININ, apud LARROSA, 1995, p. 43) (tradução livre).

No início deste capítulo apresentei cada um dos jovens e suas marcas de identidade. Elaborei uma página gráfica para apresentá-los individualmente. Em cada página aparecem sete imagens retiradas daquelas escolhidas para a composição do videoclipe que faz parte desse trabalho. Uma dessas imagens é destacada na página. Trago também para cada "personagem" um fragmento de suas falas nas cartas ou no grupo focal. Essas falas traduzem o que pensam esses jovens sobre si. Há ainda na página um fragmento de poema de Drummond. Um poema para cada um. Esses fragmentos e as fotos foram escolhidos por mim e obviamente traduzem mais um pouco do que penso sobre eles. É mais uma narrativa que somo ao trabalho.

Com as páginas identitárias, faço uma opção explícita, consciente e autorizada de não mantê-los anônimos. Entendi não haver necessidade disso. Nada os desmerece. Nada os diminui. Ao contrário, esta pesquisa dá foco a sete jovens

vencedores que aprenderam, desde cedo, a superar dificuldades e tirar proveito das oportunidades oferecidas pela vida, mesmo que sejam oportunidades mínimas. Sendo assim, quis mostrá-los com nome, sobrenome e foto, como uma carteira de identidade para que assim sejam apresentados e conhecidos. Os fragmentos das falas são para dar a conhecer um pouco da visão que possuem do mundo e de si e os poemas foram a forma que encontrei de dizer com palavras, que não as minhas, mas emprestadas de Drummond, e por isso mais bonitas, como eu os vejo.

Ao apresentar ao longo deste capítulo fragmentos dos escritos e dos ditos do grupo de jovens que pesquiso, optei por marcar graficamente – com letra de fonte diferente – as palavras ditas ou escritas por eles, para, assim, tornar evidente suas manifestações, pensamentos e contribuições.

A análise das narrativas foi realizada a partir de quatro eixos:

- 1- A percepção de acolhimento dos jovens em relação à instituição em foco.
- 2- A senha do mundo, acesso à cultura na experiência escolar.
- 3- A vida em retrospectiva.
- 4- A vida em perspectiva.

O primeiro eixo traz interpretação das falas dos jovens com relação à percepção do acolhimento no CAIC. O objetivo é explicitar como chegam e como são recebidos através de suas próprias lembranças. O foco está mais direcionado ao trabalho realizado no contraturno. Tanto os ditos dos jovens, quanto suas interpretações refletirão muito mais essa vertente do trabalho do que a ação escolar em si, até porque, como já foi dito, nem todos os envolvidos eram alunos na escola regular no CAIC, mas todos eram matriculados nas oficinas.

O segundo eixo interpreta as narrativas a partir da visão dos jovens sobre o acesso à cultura e suas relações com o traçado da vida. Ou seja, como uma formação integral, assim como é proposta, é vivenciada - o que poderá ser comprovado através de inúmeros fragmentos de suas falas – interfere em escolha de caminhos e novas propostas para as vidas dos jovens envolvidos.

O terceiro eixo está focado mais na memória pessoal dos jovens. Aqui são apresentadas e interpretadas as suas falas com relação à vida em família, à convivência no bairro e nos diversos grupos sociais de que participaram, além da vida escolar. Os processos vividos e os entendimentos que deles possuem. Nesse bloco foi possível perceber as escolhas que fazem desde cedo para as suas vidas.

O quarto e último eixo apresenta a análise da vida em perspectiva. Os planos e os novos traçados pretendidos para o futuro e as relações que guardam com o vivido e o lembrado. Os projetos que fazem se relacionam, muitas vezes, com o processo de formação do qual são participantes ativos. É nítido o protagonismo que assumem em relação à condução da própria vida.

3.1 Cartas: primeiros artefatos

Conelly e Clandinin, no texto incluído no livro “Déjame que te Cuente”, organizado Jorge Larrosa e dedicado à discussão dos sentidos da narrativa, apontam que:

Escrever cartas é uma maneira de escrever diálogos entre o pesquisador e os participantes, é outra fonte de dados na investigação de narrativas. Para muitos narrativistas, escrever cartas é uma maneira de oferecer interpretações narrativas provisórias, temporárias e responder a elas (CONNELLY & CLANDININ, apud LARROSA, 1995, p. 27 - 28) (tradução livre).

Ao ler esse texto, o mesmo apresentou-se para mim, como uma pista que, a meu ver, num primeiro momento, poderia ser pertinente para o início do processo de pesquisa. A partir dessa intuição, escrevi aos jovens do grupo que acabaria por ensejar o primeiro processo de lembrança que ativaria o grupo. Mais que a suposição original que a produziu, essa direção acabou por dar o tom de toda pesquisa no que se refere diálogo com os jovens.

Nessa carta, apresentei-me a eles de uma forma que não me conhecem. Eles me conhecem como diretor de escola, como professor. Mas conhecem pouco da minha história pessoal. Nesse momento me revelo um pouco mais a eles e tento me deixar mais próximo e igual. De origem humilde foi na escola que encontrei caminhos para me reposicionar no mundo *Ao refletir sobre a história de vocês, reflito e reconstruo a minha e não posso deixar de ter orgulho da minha trajetória. Também filho de pessoas muito simples, uma costureira e um operário, me tornei professor, diretor*

de escola, participei da administração na Secretaria de Educação de Juiz de Fora e hoje sou Superintendente da Funalfa. As escolas que frequentei e as pessoas que ali encontrei me ofereceram muitas oportunidades, dentre elas, o convívio com a arte. Penso que isso me fez diferente e mais sensível às questões do mundo.

Sigo falando da minha prática e de nossa proximidade, deixando claro que, nesse momento, quero conhecer a visão que eles possuem do processo e o que se recordam como mais significativo da sua participação em atividades culturais e artísticas possibilitadas pelo CAIC Núbia Pereira Magalhães em Santa Cruz. Explicito que desejo saber do olhar que possuem sobre o transcurso da própria vida, como se pode perceber no fragmento a seguir: (...) *Mas gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.*

Todos os sete jovens me respondem a carta. De alguns, como o Bryner, Gilberto e Fabiana, precisei cobrar mais de uma vez, mas me senti à vontade para fazê-lo, uma vez que sempre que tocava no assunto não percebia nenhum constrangimento ou desconforto por parte deles. Ao contrário, sempre demonstravam o desejo ou intenção de cumprir “a tarefa”. Penso ser relevante relatar que todos precisaram de tempo. Quando entreguei a carta a eles e a lemos juntos, pude perceber um grande entusiasmo através de suas falas e expressões. Nesse momento supus que em poucos dias teria a resposta de todos. Não foi assim. A primeira carta, da Thamyris, só chegou após um mês de espera. Nesse momento já começava a dar por perdida a proposta. Como tínhamos encontros frequentes, eles começaram a me dar notícias do assunto e deixar clara a sua preocupação e intenção de escrever as cartas resposta. Gradativamente, cada um dentro do tempo que precisou, por organização pessoal ou por emoção, responderam as cartas. Todas. Os sete jovens responderam. Ao analisar os sete textos, percebo que, não raro, eles explicitam a dificuldade que tiveram para escrever falando de si e de suas lembranças pessoais, como pode ser percebido nos três fragmentos abaixo destacados.

Fabiana - AH! Escrever é bem mais difícil do que lembrar, na verdade acho que é porque não sei ao certo o que contar.

Cristiney - Difícil falar da gente, não é? Tanta coisa acontece na nossa vida, que a gente quase não consegue uma brecha para parar e refletir sobre o caminho que trilhamos para chegar onde estamos hoje.

Gilberto - Escrevendo essa carta eu me deparei com alguns fantasmas, arrependimentos, alegrias, chances desperdiçadas mais isso é o que faz a vida valer a pena, e como diz o ditado: "E SE A MUITO AINDA PRA VIVER, A MUITO PRA SE APRENDER..."

Como primeiro artefato de memória, as cartas cumpriram seu papel. Puxaram o fio das lembranças e recordações, além de servirem também para que os jovens se apresentassem através da visão que cada um possui de si. Esses escritos trouxeram percepções que os jovens possuem de si, das suas famílias, do bairro, da escola, do processo vivido, da vida e do mundo. Essas falas serão oportunamente apresentadas, à medida que, ao longo deste capítulo, as interpretações também forem explicitadas.

3.2 O grupo focal

Na perspectiva de ampliação das narrativas trazidas pelas cartas um grupo focal foi preparado e desenvolvido com os jovens estudados, tendo acontecido de 08 horas às 12 horas e 30 minutos do dia 20 de junho de 2010 na Sala de Encenação Flávio Márcio no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, Juiz de Fora, Minas Gerais. Um lugar emblemático, significativo do ponto de vista da relação com projetos culturais, porém pouco atravessado por constrangimentos que poderiam ser evidenciados em outros espaços, como por exemplo, minha casa. Para assumir tal opção metodológica o trabalho de Bernadete Gatti foi importante no sentido de evidenciar que:

Segundo Morgan e Krueger (1993), a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar (GATTI, 2005, p. 9).

A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas deferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2005, p. 11).

O procedimento metodológico para essa etapa da pesquisa se baseou no princípio do uso de sons e imagens utilizados como artefatos de memória. Partindo do princípio de que os objetos guardados podem suscitar novas lembranças, funcionando como objetos geradores (RAMOS, 2004), foi preparado um videoclipe com 135 imagens DVD (ANEXO III) selecionadas da trajetória desse grupo teatral e embaladas por duas músicas que também fazem parte de seu percurso histórico.

As indicações de Bernadete Gatti, em seu consagrado estudo sobre grupo focal, apontou a necessidade de um olhar mais apurado para as manifestações dos integrantes do grupo durante a sessão de trabalho. Baseado nessas indicações constitui um grupo com objetivo de auxiliar-me nas análises.

No entanto, tem sido as interações em grupo a justificativa maior para utilizar o grupo focal como técnica de pesquisa, elas devem merecer um olhar especial – na verdade elas são o foco central – através das sequências de falas, procurando compreender o impacto das vivências do grupo sobre as trocas entre os participantes, os consensos, os dissensos, as rupturas, as discontinuidades, os silêncios. Para análises em maior profundidade, os sentidos procurados repousam mais nessa dinâmica interacional que nos recortes que se possam obter como pontos de partida das análises. Por isso, as sequências de falas são importantes para essas interpretações, pois geram e dão respaldo às inferências dos pesquisadores (GATTI, 2005, p. 48).

Para a realização do grupo focal, somou-se a mim, através de convite, uma equipe de três profissionais constituída da seguinte forma:

Observadora 1- Andrea Borges; pedagoga; doutoranda em educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora e participante do grupo de pesquisa História Ensinada, Memória e Saberes escolares.

Observadora 2- Marcela Lazzarini; pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Coordenadora do Centro de Formação do Professor- Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Juiz de fora.

Observadora 3- Ludmila A. C. de Andrade, psicóloga, especialista em Psicanálise, Subjetividade e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

A transcrição das falas dos jovens durante a sessão do grupo focal e os relatos das observadoras encontram-se em anexo no final deste trabalho.

A primeira ação no grupo focal foi a exibição do videoclipe. A luz da sala foi apagada como um código do cinema. O vídeo é projetado e eles assistem, inicialmente com aparente distanciamento.

Fábio mostra um sorriso de orgulho logo nos primeiros minutos. Thamyris ri das imagens deles no passado recente. Ao longo das falas se referem às imagens escolhidas da trajetória como algo muito distante. Cristiney mantém um sorriso no rosto o tempo inteiro, Bryner observa com mais atenção. Eles se descontraem e riem de suas imagens apresentadas no vídeo.

Com a virada da “Sonatakv545” de Mozart, com execução do grupo UAKTI para “Gente” de Caetano Veloso, é perceptível a mudança na postura do grupo. Embora alguns ainda tentem brincar, o que predomina e se impõe é uma postura de observar com respeito uma história na qual todos se reconhecem como pertencentes e partícipes.

Bryner, Gilberto e Fábio, nesse momento inicial, são mais atentos e suas observações são menos explícitas, não buscam o outro. Parecem estabelecer um diálogo com eles próprios.

Fica claro que, quando cada um aparece na sequência das fotos, é o momento de se lembrar de si e ser lembrado pelos outros, confirmando a hipótese de que os objetos geradores são, na busca das lembranças dos processos vividos.

Há um momento de atenção generalizada, ninguém fala, ninguém brinca, mantêm o foco no que está sendo exibido. É nítida a satisfação e o orgulho que

possuem com relação à história da qual fazem parte que está sendo mostrada no vídeo.

Todos os participantes mostraram-se visivelmente emocionados – choros e risos, falas soltas alternam-se entre comentários carinhosos e jocosos. Mostram-se especialmente emocionados na apresentação da imagem de professor Felipe.

No fragmento abaixo destacado do texto da observadora Andrea, pode-se ter uma ideia mais precisa do clima instalado a partir da exibição do vídeo.

Início (Apresentação do vídeo)/Toninho pede aos jovens que se apresentem. Todos falam rapidamente os seus nomes. Não parecem estar à vontade. O vídeo inicia (Tamyris e Michel conversam baixo/ risos). Fotos antigas desses jovens ainda adolescentes desfilam na frente de seus olhos. Eles reagem de forma diferente, como é esperado.

Cristiney- Misericórdia!

Bryner - Que foto é esta?

Michel - Presta atenção no cabelo Thamyris!

Fábio- Que evolução!

Gilberto- (expressão séria... levanta os braços)

Toninho- Olha para os alunos e para o vídeo. Expressa admiração

Cristiney- Olhar compenetrado

Fotos dos teatros- Jovens se entreolham e sorriem muitas vezes/Comentam sobre o vídeo/risos, muitos risos

Toninho- explica sobre os cortes... levanta-se para fechar as portas/silêncio absoluto

Gilberto abaixa a cabeça – Toninho lança a primeira questão: Gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.

Passo as orientações do procedimento de identificação de cada um dos participantes do grupo e outras orientações para facilitar a posterior análise do material.

Após apresentar o vídeo, construído especialmente para esse momento, os temas abaixo foram gradativamente sendo apresentados para que os sete jovens participassem de um debate em torno deles e, nesse momento, suas manifestações fossem atentamente observadas pela equipe presente para posterior análise e interpretação a partir dos temas abaixo destacados.

- 1- Gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.
- 2- Queria pedir a cada um que, se possível, conte um pouco da sua trajetória, seu processo com o teatro, a dança e se você enxerga se isso o ajudou de alguma forma.
- 3- Ao olhar para trás, como vê a construção do Grupo Retalho e como se enxerga nesse grupo?
- 4- Como se imagina hoje se não tivesse passado por essa experiência?

Lançado o primeiro tema, há um visível desconforto inicial para que alguém comece a falar. Foi a partir desse vídeo, elemento surpresa para os participantes, que os temas foram lançados.

Em seguida apresento as análises e interpretações dentro dos quatro eixos propostos.

- 1 - A vida em retrospectiva.
- 2 - A percepção de acolhimento dos jovens em relação à instituição em foco.
- 3 - A senha do mundo, acesso à cultura na experiência escolar.
- 4 - A vida em perspectiva.

Os quatro eixos estruturantes da análise que ora se propõe - A vida em retrospectiva, a percepção escola como espaço de acolhimento, o acesso à cultura na experiência escolar e a vida em perspectiva - são uma tentativa de facilitação no tratamento do vasto corpus documental a partir das abordagens realizadas com os jovens. Mas não são fronteiras rígidas. A vida em retrospectiva apresenta elementos muito próximos ao eixo do acolhimento. As fronteiras entre os eixos se impõem fluidas, sem desenho definido, aproximam-se e distanciam-se com as falas e com o olhar das observações e análises. Portanto, é compreensível que fragmentos usados em um eixo apareçam novamente em outros para justificar as minhas escolhas e interpretações como pesquisador.

3.3 A vida em retrospectiva

Nesse eixo um aspecto fundamental e presente na maior parte das narrativas é a família que aparece na fala de todos os jovens. Essa referência é muito forte para todos. Eles não são sozinhos. Todos trazem os pais, muitos os irmãos e outros entes para contar a sua história de vida. Essas referências à família que aparecem de forma muito forte e quase sempre carregada de muita emoção, estão nas cartas e nas falas dos jovens.

Thamyris conta do pai humilde, mas com um vasto conhecimento e cultura. O pai e a mãe sem escolha a deixavam sozinha em casa para trabalhar. À noite o pai se fazia presente. Todos os dias ele cobrava resultados e tarefas prontas. Acompanha tudo, ao que parece com muito rigor. Um exemplo de configuração de sucesso e presença sistemática no percurso de escolarização, conforme a caracterização proposta por Bernard Lahire (1997) Fica claro que é ele que organizava e cobrava rendimento da vida escolar das filhas. *“Nota que ele aceitava: só dez. Nove e meio não servia. Não estava bom. Tinha que ser Dez”*.

Cristiney fala da falta de formação escolar dos pais, o que dificultou que eles soubessem indicar caminhos mais ousados com relação à formação. O depoimento desse jovem confirma a proposição de Snyders (2001) já apresentada no primeiro capítulo deste trabalho de que, em alguns cenários, a escola será mais eficiente na tarefa de estimular os alunos para um projeto de futuro que a própria família.

“Meu pai é analfabeto, minha mãe é analfabeta, então eles não souberam, de certa forma, me guiar por esse projeto de vida, não tinham como me apontar caminhos para a expectativa de vida, para ter futuro, igual eu vivo hoje.”

Cristiney fala de sua infância e da ausência dos pais durante quase todo dia em casa. Conta do esforço de ambos para manter a organização a casa dentro de suas possibilidades.

“porque pai e mãe trabalham o dia inteiro, então de manhã quando você vai para o colégio, seus pais estão saindo para trabalhar e de noite às vezes seu pai está chegando, você está dormindo... então às vezes só fim de semana. Eu lembro que, a

minha mãe trabalhava e eu não via a hora: “Mãe, quando você vai estar de folga para eu poder estar com você”, sabe? Eu lembro muito disso. Então, não podia mesmo, então a escola de certa forma, conseguiu suprir, através dos amigos...”

Cristiney continua relatando sua vida escolar e acadêmica e diz que, no momento recebera total apoio da família para que pudesse, cursar duas faculdades. Pela sua fala percebe-se que o natural seria que já estivesse trabalhando e ajudando em casa como os outros irmãos. Tanto os pais quanto os irmãos o apoiam e ajudam para concluir os dois cursos nos quais está matriculado. Assim valorizam seu esforço e sua trajetória. Ele é aluno da Federal no curso de Comunicação e cursa Informática à noite no Centro de Ensino Superior – CES. Faz questão de relatar que tem ótimo desempenho nos dois cursos e que o sacrifício que faz para conseguir levar com responsabilidade os dois cursos vale a pena.

Fabiana e Fábio são irmãos. Eles contam como não poderia deixar de ser, uma história muito parecida com relação à família. A mãe praticamente fugiu de casa com quatro filhos. Largou o marido com quem a convivência era muito difícil, tanto para ela quanto para os filhos. Deixou a casa em São Paulo e veio para Juiz de Fora *“com a cara e a coragem”*. Segundo o relato dos dois, a mãe que, para sustentar os quatro filhos sozinha, tinha que trabalhar o dia todo fora de casa, ainda era capaz de assumir a organização e a condução da vida de todos, inclusive no que se referia à escola. Passaram muitas dificuldades, mas isso não era impedimento para que Dona Ilda exercesse, com toda competência, seu papel de mãe. Fábio e Fabiana deixam claro que a respeitam muito. Narram que ela teve muita coragem para fazer o que fez. Moraram de favor em casa de parentes até conseguirem um espaço próprio, *“um barraquinho”*, como nos conta Fabiana em seu relato no grupo focal. Fabiana ainda diz que, para sua mãe, naquele momento, encontrar o CAIC fora fundamental: *“Ela encontrou o que precisava”*: um lugar onde os filhos pudessem passar a maior parte do dia, para que, assim, ela pudesse trabalhar mais tranquila.

O CAIC Núbia Pereira Magalhães, assim como os demais CAICs inaugurados no País durante os governos dos presidentes Collor e Itamar, não cumpriu o papel para o qual foi construído, ou seja, oferecer atenção integral, em tempo integral, a

crianças e adolescentes principalmente em bairros onde estes se encontravam em situação de risco social eminente.

O CAIC, onde essa experiência se deu, não teve destino diferente dos demais. O modelo ali possível foi fazer uma escola de tempo regular e atividades de arte, lazer, cultura e esporte que eram desenvolvidas no contraturno do aluno. A ideia era, em longo prazo, oferecer pelo menos uma oficina com dois tempos, de uma hora semanal, a cada aluno. Essa proposta foi sendo gradativamente construída e implantada. Muitos alunos, porém, como é o caso de Fábio e Fabiana, matricularam-se em todas as atividades possíveis. Essas famílias souberam tirar proveito dessa organização inicial. Por conta própria montaram uma grade composta do maior número de oficinas possíveis, de modo que os filhos ficassem o maior tempo dentro da instituição. É bom reforçar que essa não era uma opção explícita, embora não proibida. Mas a família de Fábio e Fabiana soube, assim como outras, adaptar o serviço à necessidade de sua organização doméstica.

Fábio - Quando eu e minha família viemos para Juiz de Fora, a gente viveu uma situação muito complicada. Foi muito difícil no início. Uma nova situação familiar. A separação do meu pai, que foi... que é... que foi até agora a maior crise familiar que a gente teve na nossa família. A gente era muito novo, eu vivia num mundo bem fechado, porque vivia numa cidade grande, sabe? Não tinha uma visão de mundo. Eu era e menor idade, um menino em crescimento. Aí vim para Juiz de Fora, morar com a minha mãe e com uma tia minha, irmã da minha mãe, aí sabe? A gente teve vários problemas com isso, porque era eu, a minha irmã e mais dois irmãos, éramos quatro e dois quartos.

Fabiana compara sua família com outras que conheceu. Sua análise diz que não existe uma organização familiar fadada ao sucesso ou ao fracasso. Ao longo do trabalho, vamos percebendo, pelas suas manifestações, que acredita um caminho correto mais às escolhas feitas pela própria pessoa, ao apoio que recebe, às relações que constrói durante sua caminhada.

“A história é assim... então eu conheci muita gente, de todos os tipos. Desde gente que tinha uma família, bonitinha, completa, até gente que... nossa! Tinha uma família assim, muito mais badernada do que a minha, né? Que estava sem o meu pai, a minha mãe às vezes não estava em casa, enfim...”

O importante aqui é destacar a referência família e o valor que dão a ela. Eles falam com orgulho de seus pais e parentes. Ninguém tenta esconder a origem humilde, ao contrário, demonstram orgulho pelas histórias de suas vidas assim como elas são.

Gilberto e Michel falam menos de suas famílias e de suas histórias pessoais, expõem-se menos.

Bryner, novamente, diz-se sozinho no mundo. É ele por ele mesmo. Sua mãe faleceu no início de sua adolescência, vítima do vírus da AIDS. Uma história muito triste. Mas mesmo assim, a referência da mãe é forte. A família monoparental era a única que possuía. Com a eminência da morte da mãe, um pai que não sabia que era seu pai tentou transformar-se em pai de fato, mas não funcionou, nem para um nem para outro. O cuidado grande que a mãe tinha com ele é assumido por ele mesmo. Assim ele se assume como seu próprio cuidador. Cuida e gere sua própria vida com responsabilidade e centralidade, mas a referência da mãe como família permanece forte. Fica claro que essa história ainda o faz sofrer, embora tente disfarçá-la. O fragmento de uma das suas falas no grupo deixa isso bem evidente.

“Porque é igual quando acaba a oficina também... eu dei uma pírada uma época, entendeu? Quando acabou tudo, que eu saí, na época eu dei uma pírada, dei uma surtada. Porque enquanto eu estava lá dentro, eu conseguia controlar as minhas emoções, com coisas que tinham acontecido comigo. E depois que eu saí, aquilo tudo apareceu, de repente, sabe? Foi um choque muito grande, eu senti muita falta daquilo ali, daquele espaço, do convívio que eu tinha, entendeu? Então eu dei uma surtada legal, passei a ir no psicólogo, me encaminharam para o psiquiatra... e eu sempre fantasiei muito isso, sempre falei que

tudo bem, que não era nada demais, ... eu dei uma pirada mesmo. E aí foi quando eu comecei a querer buscar fora do CAIC, fora daquelas oficinas, um convívio próximo do que eu tinha, com outras pessoas. Foi onde eu decidi criar um grupo: "Vou me preocupar agora com outras coisas" porque eu não podia parar naquele momento, se eu parasse..."

Em sua carta Fabiana conta como enxergava Santa Cruz no momento da mudança de sua família para o bairro.

"mudamos para Santa Cruz, um bairro relativamente pobre, famoso pela alta criminalidade, tráfico de drogas e entorpecentes."

Dentro deste eixo, entendo ainda ser necessário falar da vida na comunidade e na escola propriamente dita. É notório o valor que dão à educação e a seus processos escolares na construção de suas trajetórias pessoais. A escola é percebida por todos como a grande possibilidade para a vida, além disso, representa um espaço de convivência onde as melhores relações se estabelecem. Essas relações são muito valorizadas por todos. As que se estabelecem na escola, nas atividades da igreja, nas relações que vão firmando com seus pares. É assim que parecem suportar aquilo de que não gostam ou não aprovam para si como violência e drogas. A fala de Thamyris coloca em oposição o bairro e as relações ali estabelecidas.

"Nunca gostei de morar em Santa Cruz, mas foi nesse bairro que encontrei as melhores pessoas que passaram na minha vida."

As escolhas pessoais são bem marcadas. Durante o período de realização desta pesquisa, três temas reaparecem com força nos escritos e nas palavras. O uso de droga e a conseqüente violência trazida com seu uso e circulação, gravidez precoce e um crime horrível que aconteceu em Santa Cruz há mais ou menos dez anos. Com relação ao uso de drogas, aparece de forma recorrente durante todo o período de realização do trabalho. As falas trazem claro que o caminho que escolheram para eles não tem espaço para essa prática. Aparece também com

muita força a indignação com relação à violência no bairro, principalmente com relação à sua banalização. Thamyris diz:

“Tem coisa que eu vejo as pessoas falando quando eu tomo o ônibus, como se fosse a coisa mais normal do mundo e eu fico de cara: “Você foi na cadeia ontem?”” “Ah, eu fui na cadeia visitar o meu marido ou o meu irmão, o meu amigo” . Como se tivesse ido num bar, para eles é uma coisa normal.”

Michel e Thamyris seguem num diálogo sobre tema:

Michel - estava eu e o Filipe dentro do ônibus assim, aí entraram duas senhoras e assentaram atrás da gente. E elas estavam comentando de uma senhora que morava na Rua H, não sei quem é... aí elas falavam assim: “Mas ela não soube educar o menino. Vê só, o menino entrar armado dentro da casa da vizinha, dar dois tiros nela e ficar por isso mesmo.” Pensa, o cara entrou, invadiu uma casa, matou a figura e as mulheres estavam comentando assim, como se fosse uma educação que mãe não deu. “Ah, ela não soube educar ele.” “Não soube educar o garoto”. Como se fosse uma coisa normal.

Thamyris - Aquilo acaba virando uma coisa normal, ela vive isso. Então...

Michel - É natural para o local. Você chega na cidade e fala assim: “Ah, hoje lá em Santa Cruz matou uma pessoa...” para eles aquilo é um horror. Mas para lá, na visão do bairro, aquilo ali já virou uma coisa normal.

Gilberto compara as duas realidades com as quais convive no momento. Apresenta o mundo do bairro como um mundo sem perspectivas onde o assunto principal do dia pode ser quem subiu ou quem desceu o morro. Relata que, do lado da sua casa, há um local onde as pessoas usam drogas sem o menor constrangimento. Ali é terra de ninguém. Ninguém se mete com eles, nem vizinho,

nem polícia. E a gente vai se acostumando, diz ele. Cristiney, que mora bem próximo a ele, confirma a informação. Gilberto parece querer justificar de certa forma o comportamento das pessoas pela falta de perspectivas:

“Principalmente na periferia, porque querendo ou não, é outro mundo. Porque a gente está aqui no centro, quando a gente volta, eu acho que acontece com todo mundo, sabe? A gente volta para casa de ônibus, as conversas que a gente tem com pessoas aqui, não são as mesmas conversas que a gente tem com os nossos amigos lá. A gente não vai chegar lá e perguntar: você viu o jornal? Eles não vão saber.

O mundo daquele pessoal... por exemplo, a gente que é vizinho, a gente sabe. A gente vai chegar em casa, vai ter um monte de gente na rua e eles vão querer saber a pessoa que está subindo, entendeu? É um ambiente que a gente não pode chegar e conversar com eles e aqui a gente conversa muito. Por quê? Porque eles também buscam um caminho, mas se tivesse uma oficina de... na vida deles ... alguma coisa que houvesse interessado... sei lá...”

Fabiana fala sobre o assédio do mundo das drogas:

“Já me ofereceram drogas em vários lugares, em várias ocasiões, eu não gosto nem de pensar em experimentar, mas se quisesse. Até na casa de amiga minha já me ofereceram drogas”.

Essas falas demonstram que convivem em um espaço geográfico em que essas práticas estão inseridas no cotidiano e, por mais que se indignem, para eles também certos comportamentos já estão naturalizados pela prática do dia-a-dia.

Há mais ou menos dez anos uma notícia chocou a cidade. Três adolescentes prenderam dois homens no porta-malas de um automóvel e atearam fogo. Os policiais morreram carbonizados. Os adolescentes envolvidos, todos eles, já haviam sido alunos do CAIC. Lembro-me de que esse foi um período bastante difícil para a instituição. A população do bairro também ficou indignada. Todo mundo conhecia

um vizinho, um parente alguém que conhecia um dos envolvidos. Todo mundo tinha uma notícia. Esse crime aparece em duas falas. Quem primeiro toca no assunto, de forma rápida, é o Gilberto. Depois ele volta a esse assunto. Fica claro que, ao ser provocado a pensar em sua história pessoal e ao relacionar o cotidiano do bairro com a vivência nas oficinas, esse tema emerge e o faz refletir.

Gilberto, em outro momento, retoma a questão do crime e se relaciona a essa história. Insinua que sua história poderia ser outra. Entendo que diz que poderia estar envolvido em alguma coisa ruim se não tivesse feito as escolhas e as aproximações que fez na busca de caminhos para a sua vida.

“(...) eu estava ali por causa da música. Mas foi muito bom ter aquela oficina, naquele momento, na minha vida. Acho que... a Fabiana falou aquele negócio, o crime cometido pelos três caras. Eles gostavam de jogo de futebol assim como eu. E eu joguei bola com aqueles, aqueles três caras. Do mesmo time de futebol, sabe? Então a gente pega e... “Ainda bem que eu fui por esse caminho”.

Fabiana também lembra o crime.

“(...) E aí eu lembro assim, uma menina que estudava comigo, minha coleguinha lá, de classe, coisa e tal... o irmão, se eu não me engano, mais dois rapazes, pegaram... tinham bebido, usado droga e prenderam um policial no carro, tamparam, combustível, não sei qual, e queimaram o carro com o cara dentro. Foram presos.... Cumpriram pena..., aquilo foi chocante. Para o irmão dela, para ela, acho que para todo mundo.”

Outro assunto que aparece na retrospectiva que fazem da vida é o da gravidez precoce. Fabiana conta de uma aluna da sua sala que ficou grávida aos onze anos e as reações que geradas essa gravidez

“... e teve uma outra coisa muito importante, eu acho que eu estava na quarta série, tinha uma menina chamada Maria do Carmo, ela ficou grávida. E assim, para a gente foi chocante, no começo algumas meninas acharam bonitinho, né? Parecia

brincar de boneca, mas aí a barriga cresceu, ela teve que parar de estudar... a gente acabou vendo aquilo e ...”

Esses temas são muito mais importantes nesta pesquisa por aquilo que provocam como reação no grupo pesquisado. Foi na polarização de temas como esses com o tipo de vida que acham correto, que esses jovens se basearam muitas vezes para justificar suas escolhas. Muitas vezes eles falam sobre opções. Utilizo aqui, mais uma vez, duas falas da Fabiana para ilustrar a questão de escolhas precoces feitas por esses jovens. No caso específico da gravidez da menina de onze anos, relatado por ela acima, ela o encerra com a seguinte frase:

“eu falei: Não, isso eu não quero para mim. Isso é o que eu não quero. Mas alguma coisa... as pessoas perguntavam: Mas o que você quer? Ah, não sei. O que eu quero fica meio torto, mas o que eu não quero, eu tenho certeza”.

Depois, quando ela relembra o crime e suas reflexões sobre os desdobramentos na vida das pessoas que guardavam alguma relação com os adolescentes infratores, mais uma vez é enfática: isso eu não quero pra mim.

“E aquilo foi definido para mim, sabe aquele dia que falei: “Caraca, isso eu não quero para mim. Eu não vou usar droga, porque isso eu não quero.” Isso foi naquele dia.”

Um dado interessante está ligado a um dito seu sobre suas escolhas. Essas escolhas não foram da boca para fora, foram conscientes.

“Era verdade e é até hoje que aqueles caminhos eu não queria para mim.”

Como disse acima, as falas da Fabiana servem apenas de ilustração, uma vez que todos, de alguma forma, revelaram escolhas e momentos como esse.

A vida em retrospectiva para esses jovens, então, traz forte a família, o bairro e as relações que construíram em seu passado recente. Mostra também as escolhas que fizeram.

O segundo eixo a ser analisado diz respeito ao acolhimento que a instituição fora capaz de realizar e que foi percebido por eles em suas vivências naquele espaço.

3.4 Escola como espaço de acolhimento

Nesta seção do trabalho pretendo apresentar, através da análise das narrativas estudadas, como é a percepção da escola, ou melhor, do CAIC como um espaço de acolhimento.

O conjunto de atividades oferecido no CAIC o identificava muito mais com centro educacional com o foco na formação integral do que com uma escola próxima ao modelo mais comum de escola pública a que os filhos da classe trabalhadora têm acesso, ainda que estivesse longe de ser o serviço público de educação ideal que deveria ser oferecido à população. Na vivência de um projeto pedagógico coletivamente construído, muitos avanços não foram alcançados. O envolvimento diferenciado de professores e demais profissionais, a falta de uma visão social apurada, os critérios de encaminhamento dos professores às escolas – desconsiderando perfil para o atendimento ao político pedagógico da escola e a comunidade envolvida – o corporativismo dos professores, são alguns dos fatores que impedem o avanço e a manutenção de propostas pedagógicas diferenciadas nas redes públicas de ensino.

A escola deve ser pensada a partir da realidade concreta da parcela da população a que irá atender, não devendo ser um modelo pronto a ser introduzido como uma forja na comunidade. Cada grupamento social, que é único e guarda suas características específicas, deve ser atendido com um serviço adaptado a essas especificidades. Os serviços de cunho social devem ter especial atenção com essa questão. Os alunos e seus familiares esperam por uma escola que os atenda, mas acabam conformando-se com a escola que lhes é oferecida e da qual, como principal interessado não participa nas escolhas. Concordamos com Juarez Dayrell ao apontar que:

Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre fruto, existente, das experiências vivenciadas dentro do campo de

possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos. Um primeiro aspecto a constatar é que a escola é polissêmica. Um segundo aspecto é a articulação entre a experiência que a escola oferece, na forma como estrutura o seu projeto político-pedagógico, e os projetos dos alunos. Se partíssemos da ideia de que a experiência escolar é um espaço de formação humana ampla, e não apenas transmissão de conteúdos, não teríamos de fazer da escola um lugar de reflexão (refletir, ou seja, voltar sobre si mesmo, sobre sua própria experiência) e ampliação dos projetos dos alunos? (DAYRELL, 2001, p.144).

Pensar uma escola que integre educação e cultura é refletir sobre direitos. O espaço escolar deve favorecer os diversos aprendizados e não se contentar com o papel de agência de transmissão de saberes canonizados e que, na maioria das vezes, não guardam nenhuma relação com a vida do aluno e sua realidade social.

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa” a ser transmitida. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento acumulado, e aprender se torna assimilá-lo. Como a ênfase é centrada nos resultados da aprendizagem, o que é valorizado são as provas e as notas e a finalidade da escola se reduz ao “passar de ano”. Nessa lógica, não faz sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extra-escolar, justificando-se a desarticulação existente entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos. (...) A prática escolar, nessa lógica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos-alunos, professores e funcionários – que dela participam. (...) O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos. (DAYRELL, 2001, 139 -140)

A disposição de assumir a responsabilidade social de leitura e compreensão da realidade traz embutida uma outra responsabilidade: o traçado de uma escola personalizada, única, significando assumir novas responsabilidades. Essa diferenciação necessária dá trabalho e essa tarefa nem sempre é bem recebida pelo corpo de profissionais da escola artificialmente formado, atendendo muito mais as necessidades de pessoas – professores – do que a real necessidade da escola e da comunidade atendida.

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (...) Assim, a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que “define conteúdos da tarefa central, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente, assim, as relações sociais”; de outro, os sujeitos- alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social. Para as autoras, em “cada escola interagem diversos processos sociais: a reprodução das relações sociais, a criação e a transformação de conhecimentos, a conservação ou destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido”. (...) Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (...) A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. (DAYRELL, 2001,136 - 137)

O objetivo dessa pesquisa, como já inúmeras vezes enfatizado, é verificar através das narrativas de sete jovens se eles percebem e como percebem a abertura de possibilidades diferenciadas de formação, ainda que essas possibilidades estejam mais ligadas a um currículo oculto do que aquele tido como oficial e defendido como hierarquicamente superior. Ao longo desse bloco de análise busco interpretar as falas dos jovens com relação ao que encontravam na instituição em foco e como se apropriavam dos espaços e serviços oferecidos. Uma tentativa explícita de verificar se o diferencial proposto no plano pedagógico da instituição foi compreendido e mais, se foi vivido como uma realidade palpável, pelos seus principais interessados, os alunos. A pretensão da instituição era oferecer uma educação de qualidade e diferenciada e que não tivesse apenas centrada no trabalho tradicional de sala de aula, mas sim em novas vivências que poderiam se

dar em espaços diferenciados. Objetivava-se uma formação plural, incluindo aspectos sociais e culturais, com características próprias que atendesse aquela parcela específica da população, ou seja, os habitantes do bairro Santa Cruz e arredores, que hoje são superam a marca de 20.000 pessoas.

Um dos eixos principais do projeto político pedagógico era que o aprendizado não se iniciou na escola, não termina nela e acontece em múltiplos espaços, até na sala de aula.

A educação, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico. Nesse campo educativo amplo, estão incluídas as instituições (família, escola, igreja etc.), assim como também o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, do lazer etc. A diversidade cultural na sociedade brasileira também é fruto do acesso diferenciado às informações dos recursos materiais, culturais e políticos, o que promove a utilização distinta do universo simbólico, na perspectiva tanto de expressar as especificidades das condições de existência quanto de formular interesses divergentes. Dessa forma a heterogeneidade cultural também tem uma conotação político-ideológica. Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos (DAYRELL, 2001, 142 – 144)

Para abrir essa sessão que apresentar as falas e interpretações do eixo acolhimento escolar trouxe a contribuição de Juarez Dayrell na sua reflexão sobre “A Escola como Espaço Sócio – Cultural” sugerindo um diálogo com a realidade pesquisada. Retorno às análises como forma de ampliação desse possível diálogo.

A Escolha do subtítulo “escola como espaço de acolhimento” já indica uma direção na minha narrativa de que eu a percebia assim. As histórias de vida e a relação dos alunos e das famílias com o CAIC contam um pouco a visão deles. Passemos a elas.

Como já relatado acima, a família de Fábio e Fabiana se estabeleceu em Santa Cruz devido à separação de seus pais. Foi ali naquele espaço que encontraram escola para os quatro filhos transferidos. Como dito, a mãe precisava trabalhar. Numa cidade nova para a mãe e para os filhos. Mas ele diz:

“E a gente encontrou um suporte gigantesco no Caique, sabe? Foi super importante para o processo do meu crescimento, a estrutura do CAIC em si. Eu nem digo tanto o teatro em si, o teatro veio para me ajudar no meu processo opinião crítica, sabe? Meu processo de entendimento cultural. Mas o processo como pessoa, a estrutura do CAIC me deu um suporte gigantesco. Assim, acho que a coisa mais importante para mim, no processo de formação como pessoa, foi a amizade e o relacionamento que eu tinha com os professores e a... comissão técnica em geral. Desde a cantineira aos professores, que eram meus amigos. Um grande amigo até hoje é o professor Bismar, que é... que na época deu a oficina de fotografia, que eu fiz com ele, depois eu fiz para informática e... deu um grande suporte, a relação com os professores era muito intensa, sabe? Eu não enxergava, eu não conseguia enxergar eles como meus professores, somente meus mestres, aquela história clássica do aluno atrás da cadeira e os professores lá na frente, não. A relação que eu mantinha com eles era exterior à sala de aula, sabe? A gente mantinha o diálogo, uma relação de amizade e isso foi acrescentando muito culturalmente. A gente foi crescendo mentalmente e isso influenciou bastante nas minhas escolhas.”

A escola percebida era a escola desejada. Era assim que pretendíamos que a escola fosse vista e vivida pelos alunos e a comunidade. Um local onde o cidadão fosse tratado com respeito e onde se estabelecesse um ambiente de aprendizagem sem o rigor de uma disciplina rígida, porém com regras de convivências bem definidas. Fica claro, em mais essa fala de Fábio, novamente usada como ilustração do pensamento dos sete jovens que entendem que um espaço de aprendizagem não precisa ser um espaço opressor e que a convivência entre professor e aluno, quando estabelecida sobre bases da cordialidade e amizade, pode ser alicerce para

a construção de um bom ambiente para aprendizagem e vivências significativas para a formação do sujeito.

Durante todo o procedimento do grupo focal e na observação das cartas, pode-se perceber que esses sete jovens identificam e valorizam o bom atendimento que receberam da instituição, independente de serem alunos no turno e contraturno ou só alunos de oficina. Como Fábio, com diferentes palavras, todos eles, de alguma forma, falam dessa percepção. Interessante que destacam não somente o trabalho de professores e direção, mas, inclusive, de serventes, indicando que a proposta pedagógica ultrapassava o limite da sala dos professores.

Bryner toma palavra em um determinado momento do grupo focal e diz: *“é engraçado como todo mundo aqui (referindo a eles, os sete jovens) encontrou no CAIC algo que faltava na sua vida. Eu nunca estudei no CAIC também, mas, eu encontrei lá alguma coisa que eu não sabia que procurava”*. Brincamos com ele. Nesse momento, faço uma provocação como uma anedota com a qual o grupo concorda com risos e palavras soltas. Digo ao Bryner que ele não estudava lá, só morava lá, referindo-me ao fato, com o qual ele e os outros concordam, de que passava o dia todo no CAIC. Todos riem. Bryner segue dizendo: *“eu mudei para o centro e continuei indo para o CAIC. Eles nunca fizeram diferença entre o aluno do CAIC e nós. Sempre me trataram muito bem. Todos nós encontramos lá esse tratamento que fez a diferença. E eu nem queria ir para casa”*. Todos contam casos parecidos. Eles conversam entre si sobre o fato de só irem em casa almoçar e voltar rápido e permanecer no CAIC até à noite.

É evidente, durante todo o discurso, que se sentiram acolhidos e respeitados. Podemos dividir, pelas suas falas, o acolhimento em duas categorias. Uma que fala de acolhimento de espaço para estar quando os pais não estavam em casa para cuidar deles. Percebo que dizem explícita e implicitamente que esse acolhimento trazia uma dupla satisfação: para os pais que trabalhavam mais tranquilos sabendo que não estavam sozinhos em casa e muito menos na rua expostos às ofertas negativas abundantes naquele bairro e a satisfação deles mesmos envolvidos em atividades que embora, naquele momento, foram percebidas como apenas um lugar

e uma atividade boa, prazerosa, que gostavam de fazer, no atual momento suas vidas são percebidas como algo que contribuiu decisivamente para a sua formação. Além do prazer e da alegria que eram capazes de proporcionar essas atividades, o conhecimento era trabalhado de forma imperceptível, concluem.

A fala de Michel é bastante eficaz para sintetizar esse pensamento. Reforça que, no CAIC, as pessoas encontravam um carinho a mais, contando que até de reunião de terceira idade ele chegou participar, para poder estar lá. *“Ajudava a gente ficar lá dentro preso aquilo, agente queria estar mais lá do que na nossa casa”*.

3.5 - A “Senha do Mundo”, acesso à cultura na experiência escolar

A senha do mundo é uma expressão de Drummond que aparece no poema “A Palavra Mágica” usado como epígrafe deste trabalho. Essa expressão para o poeta traduz a sua incessante procura pela palavra correta que aparece também no poema “O lutador” e em tantos outros. O poeta confessa, nesse poema, onde faz alusão clara à sua prática como escritor, que procurará a vida inteira pela palavra ideal e se a encontrar, será a sua senha do mundo.

A palavra mágica

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.
(Drummond, 1997, p. 43)

Usei como empréstimo essa expressão a primeira vez em 2001 quando, como fora anteriormente mencionado, no centenário de nascimento de Drummond uma grande ação pedagógica foi realizada no CAIC Núbia Pereira Magalhães. Na oficina de teatro coordenei a realização de um filme realizado a partir de uma releitura dos poemas autobiográficos do poeta relacionados às história de vidas dos participantes da oficina. Um trabalho que foi tão marcante capaz de promover a fixação de um trabalho permanente na instituição.

A senha metafórica se transformou em uma senha real. Foi a abertura para que os, então, adolescentes envolvidos tivessem acesso a atividades antes desconhecidas por eles, o que levou mais tarde a se reposicionarem no mundo.

Aqui a expressão drummoniana aparece novamente no título desta sessão. Nesse momento em que trarei as suas falas e escritos para apresentar se percebem e como percebem, a vivência do direito à cultura como algo que os diferencia e possibilita que repensem o desenho de suas vidas.

Como já redundantemente dito, os jovens envolvidos neste trabalho de pesquisa participaram de uma rica experiência de vivência do direito à cultura através de atividades que eram oferecidas no contraturno escolar no CAIC Núbia Pereira Magalhães. Atividades que se sofisticaram com o tempo e que foram sendo desenhadas também pelo perfil das crianças, adolescentes e jovens atendidos.

Um dos objetivos principais desse movimento de pesquisa é compreender qual a visão que esses jovens possuem do processo vivido, uma vez que os profissionais envolvidos no processo enxergam que, além de oferecer atividade cultural de excelente qualidade, o procedimento em questão interferiu diretamente na formação mais plural dessas pessoas e foram também fundamentais para que pensassem projetos de vida, antes inimagináveis por eles.

No grupo focal Gilberto, que até então permanecera mudo, apresenta-se para falar. É nítida a sua emoção. Ele anuncia: hoje é meu aniversário. Ninguém havia lembrado. Deixa claro que entrara nesse processo sem propósito pessoal.

“Olhava aquele movimento de fora e tinha curiosidade, mas meu grupo sempre me tirava de cabeça.” (...) “Eu não entendia muito aquele mundo de cultura que nos cercava, artesanato, curso de

fotografia, eu queria me aproximar daquilo, mas resistia. Minha turma era dos que não participavam.”

Ele continua o seu depoimento, sendo o primeiro a fazer alusão sobre a influência de sua participação na oficina de teatro no CAIC, bem como de outras participações em atividades culturais na mesma instituição.

“O tempo passou e hoje consigo enxergar que o lugar que estou é diferente daquele que deveria estar. Os meus amigos do passado, e ainda gosto de conversar com eles, eu não gosto só das coisas da minha convivência aqui em baixo (refere-se ao centro) embora exista uma diferença enorme entre um mundo e outro, gosto de voltar para casa de ônibus perceber essas diferenças e gosto de conviver com as pessoas de lá (Santa Cruz).” (...) “Hoje sou outra pessoa e volto todo dia pra lá (Santa Cruz). Querendo, ou não, é outro mundo e até os assuntos são diferentes. O mundo daquelas pessoas continua mais limitado como poderia ser o meu. Eu leio a Tribuna todo dia no CCBM (refere-se ao jornal impresso de maior circulação em Juiz de Fora), mas no mundo daquelas pessoas que ficam sentados no passeio do meu morro a notícia é quem tá subindo ou descendo a rua.” (...) Eu tive uma coisa que despertou meu interesse acho que deveria ter alguma coisa que legal para eles também. (...) “Eu trabalho na Mascarenhas, e aqui eu tenho contato com pessoas formadoras de opinião. Eu converso com diretores de teatro, com pessoas que escrevem para o jornal, eu conversei com o Sérgio Manberti , eu consigo fazer isso porque o teatro me deu abertura de mundo. Isso é bacana você ver aquelas pessoas e saber que posso me entender com elas.”

Gilberto, que o tempo todo se manteve muito emocionado, parece querer, nesse dia, dizer para ele mesmo todas as coisas que exterioriza. Ele deixa claro que gosta de suas novas relações e amizades, sente-se orgulhoso de sua desenvoltura,

mas também quer mostrar o seu sentimento de pertencimento em relação àquele bairro e às pessoas com as quais convive desde menino, dizendo gostar de frequentar os espaços do bairro. Mais uma vez faz-se aqui uma aproximação explícita com o pensamento de Ecléa Bosi, quando nos fala do bairro como espaço de construção de identidade.

Ele fala também da forma como acabou ingressando nesse mundo, como ele mesmo se refere a um mundo da cultura que não tinha portas para ele entrar. *“Eu não fui fazer teatro porque eu gostava. Fui convidado a entrar e fui gostando. No início eu falava que não era do teatro, eu dizia que estava ajudando... e fui me aproximando e me encantando. Ainda por cima competia com o meu futebol. No início eu era o músico. A música me levou fazer parte disso.”*

Michel prossegue e traz a sua colaboração: fala de sua observação, de como é nítida a evolução de cada um. Diz que, inclusive, os sonhos mudaram... *“antes nossos sonhos eram menores, agora ousamos sonhar maior. Naquela época a gente fazia teatro porque gostava, mas nem pensava que a vida pudesse chegar aqui. Hoje muito nós fazem faculdade, coisas novas apareceram para nós e novas coisas vêm sendo puxadas a partir daí.”*

Em outro momento Bryner parece trazer a justificativa para o avanço apontado por Michel e Gilberto. *“Não Bela e A Fera. Eram temas próximos da gente. Criamos unidade”*. Sua fala, nesse momento, refere-se ao fato da opção pedagógica de não se fazer um teatro nivelado por baixo. Os textos trabalhados foram sempre oriundos de boa literatura, seja ela dramaturgia, ou não. Eles entenderam esse propósito, que sempre que possível era verbalizado para eles, incorporaram esse discurso assumindo-se como leitores desses autores e textos que debatem entre eles. Isso indica uma outra interferência positiva na formação desses sujeitos. Depois, mais à frente, fala Bryner, de seu modo, sobre valores que incorporaram e que fazem parte, no atual momento de sua vida, do conjunto de seus próprios valores. *“Vamos ser certinhos... porque a gente aprendeu isso aqui dentro... e nos manteve juntos”*. *Se fosse o vôlei*

não seria assim porque no vôlei a gente não veria coisas da vida”, em uma clara alusão ao processo humano possibilitado pelo teatro e pelas artes em geral.

Em outro momento, mais especificamente quando falamos sobre a percepção que possuem sobre a vivência do direito à cultura, Bryner diz: *“... depois que eu decidi que era isso mesmo que eu queria para minha vida eu fiz um teste e passei. Nunca passou pela minha cabeça que poderia ficar dois meses em temporada em Niterói tudo pago, me sustentei muito tempo a partir de meu trabalho como ator. E eu aprendi a ser ator na oficina de Teatro do CAIC. Foi o teatro que me levou a muitos lugares do Brasil que nunca achei que um dia eu iria.”*

Cristiney diz que a vivência desse processo fizera total diferença em sua vida, até na forma de ele se posicionar como cidadão. Para ele sem tal vivência não saberia o que seria em sua vida. *“O teatro me deu toda a base.”* Destaca, ainda, em outro momento, que o teatro feito não era um teatrinho de escola, mas um processo artístico que deu possibilidade de contato com várias formas de arte e literatura de qualidade. Ele acha o grupo tão bom como qualquer outro. *“Outros grupos podem ser melhores por terem mais recurso, mas não pelo trabalho ou proposta, aí somos tão bons quanto. A gente faz um trabalho de qualidade mesmo dispondo de pouco recurso. A gente não trabalha com megaprodução, reaproveita tudo. Criamos uma identidade.”*

Michel também apresenta a sua visão de que a experiência vivida não é qualquer uma, é especial e lhes deu capacidade e ferramentas para outros voos, outros sonhos e outras conquistas. *“A cultura que nós adquirimos nos abriu várias portas nos permite participar de vários assuntos, várias atividades. Eu nunca me imaginaria comentando futebol, Hoje eu comento futebol na rádio universitária. Eu estou fazendo transmissão da copa do mundo pela web. Com as pontes que eu sei fazer através da cultura eu acrescentei mais um assunto no meu*

código cultural- o futebol eu sei falar de futebol, mas falo como quem fala de um aspecto da cultura brasileira.”

Fábio consegue enxergar de outra forma a colaboração da vivência do direito à cultura para a sua vida: (...) *percebo que a capacidade de decisão e a capacidade de executar que construí no grupo de teatro me destacam em algumas situações. Eu sei que eu não sou o melhor aluno no meu curso- Bacharelado de exatas - mas sou disputado e estimulado por professores para assumir tarefas e participar de grupos.* Fábio não se considera um bom aluno, a visão de um aluno com conhecimento acumulado predomina nessa análise. Mesmo ele sendo convidado por professores para participar de grupos e trabalhos, prevalece uma visão de inferioridade, de falta. E, mais uma vez, eles creditam isso à escola pública, mesmo que nela tenham construído habilidades para transitarem com razoável desenvoltura na academia. Argumento que ele tem perfil para as atividades para as quais está sendo solicitado que não se pode enxergar nos outros, caso contrário, não estaria sendo chamado. Mas ele insiste que os outros são melhores que ele.

Essa não é uma visão isolada. Todos, de alguma forma e em algum momento deste processo de pesquisa, responderam ou escreveram sobre a interferência ou colaboração do aprendizado e habilidades construídas dentro das oficinas do CAIC para a visão de mundo e no traçado de novas estratégias para estruturação de uma vida acadêmica e ou profissional.

Uma das colaborações mais amplas nesse sentido vem das análises pessoais da Tamyris em relação à vida e ao processo vivido no que diz respeito aos direitos à cultura. Ela começa dizendo que ter sido a primeira pessoa da sua família a ingressar em uma faculdade, não a primeira pessoa de sua família nuclear, diz ela, mas a primeira neta, a primeira prima, a primeira sobrinha, enfim, a primeira pessoa dos dois lados de parentesco a ter acesso à universidade. Sua conclusão é de que isso só foi possível dada a sua participação nas oficinas do CAIC.

“Na minha família ninguém nunca foi à faculdade, eu fui a primeira neta, a primeira filha, a primeira sobrinha, a primeira prima que se tornou universitária. Isso para nós era impossível.

Mas eu quis e eu consegui.” Nesse momento no grupo focal, ela cresce Cresce na voz, cresce na postura. Estica-se na cadeira e, em um gesto, cresce fisicamente.

“Eu já dormi com fome”. [chora]. “Não tinha o que comer, como que eu iria pensar em fazer uma faculdade? Mas resolvi estudar porque eu não quero mais essa vida, eu não quero ter a vida dos meus pais, eu não quero que os meus filhos passem o que eu passei”. [chora muito]. Michel faz um carinho em Thamyris, um gesto muito sutil, mas representativo. Todos estão de cabeça baixa, quase todos choram. Muito provavelmente não choram pela história de Thamyris, embora fique claro que se solidarizam com ela. Choram pelas suas lembranças que têm registros muito semelhantes. Nesse momento me lembro de que fiquei preocupado, tive medo de uma grande explosão de choro. Embora o choro continuasse, eles procuraram uma forma de rir e mandá-lo embora. Ficou claro que eles queriam concluir este trabalho. Não podiam parar no meio.

O riso veio depois de um dos momentos mais emocionantes dessa manhã. Thamyris diz: *“(...) eu nunca tive uma boneca. (chora muito) eu sonhava com uma boneca, mas nunca tive, nem pequena. Não tem problema eu trabalho. Já comprei muita coisa que não tive e ainda vou comprar uma boneca. Eu vou trabalhar e vou comprar uma boneca. Só minha.”* Nessa hora todos riem.

Ao analisar esse material gravado, pude perceber uma postura que ajuda a compreender a razão de terem interrompido o choro com um riso nesse momento. Inclusive Thamyris ri. Parecem dizer com o corpo que são fortes, que a vida não lhes deu muita coisa, mas eles cavam. Não, roubam como deixam claro que muitas pessoas que conheceram na vida fazem. Não roubam porque não querem esse caminho, desde cedo resolveram. Mas buscam mais da vida. Nesse momento em que Thamyris anuncia que ainda irá comprar a boneca que a vida não oferecera condições para seus pais pudessem lhe dar. O presente sonhado não será ofertado, será comprado. Parecem que todos vencem e transparece nos seus rostos: ela não perdeu, não perdemos!

Apesar de ter lhe faltado muito, quando lhe era impossível compreender razões, os personagens que Thamyris criou, em nossas montagens infantis, emocionou crianças e pais que nem de longe puderam imaginar que aquela menina chorou muito por ter medo de ficar sozinha em casa, numa casa que não tinha sequer uma boneca para lhe fazer companhia.

Ela criou, com requintes da arte teatral, a Maribel do Pluft, o Fantasminha - a Maribel mais brasileira que já vi, pois era negra e não tinha peruca de lã amarela-suas adoráveis interpretações em “Histórias do Barulho”; sua impagável Joaninha na Peça “A Cigarra e a Formiga” e a divertida Lavadeira De “ A Viagem de um Barquinho” encantaram crianças e mostraram uma jovem capaz de superar as tristezas e produzir como uma grande artista.

“Foi no grupo de teatro que eu vim saber o que era uma faculdade, isso não fazia parte do meu mundo. Eu não sabia nem direito o que era uma faculdade.”

Thamyris levanta uma situação com o qual todos concordam. A escola que tiveram não lhes dera todo o conhecimento que é cobrado deles. Estão em déficit dizem. *“O melhor de nós ainda está atrás em conhecimento do pior de lá”*. Destaca ela, separando os mundos.

“Eu tive que correr muito atrás e ainda tenho. No cursinho o professor perguntava todo mundo sabe isso já, né? E todos concordavam. Ou então simplesmente diziam isso aqui eu não vou ensinar porque todo mundo já sabe, mas eu não sabia. Tive que estudar o que era dado e o que eu não sabia. Mas mesmo assim, eu passei no meu primeiro vestibular. Foi o Toninho que me ligou para me contar. Eu achei que não tinha dado.”“ (...) Continuo passando aperto, pois tenho que trabalhar e não posso desfrutar de tudo que a faculdade oferece, e lá é oferecido muita coisa boa, às vezes as pessoas nem ligam. Querendo ou não, o nível das pessoas que estão lá é diferente do meu é um outro mundo, mas eu tento acompanhar, mas é muito difícil, trabalhar

e estudar é muito difícil. Eles têm uma base melhor que a minha, um conhecimento maior que o meu, eles têm tempo de desfrutar todas as oficinas e aulas fora do horário. O que eu posso fazer eu faço, aproveito ao máximo. Eu quero dizer que se eu não tivesse feito teatro, se eu não tivesse estado no CAIC, se eu não tivesse conhecido o Toninho, eu não estaria na faculdade hoje, nada disso teria acontecido na minha vida. Tudo que eu sou hoje, até minha formação pessoal, eu devo em boa parte ao teatro.” (...) Vou formar no final do ano que vem e quero continuar estudando sempre, quero fazer outra faculdade, fazer pós, fazer mestrado, se der, doutorado...”

Fica mais que claro o entendimento da importância da vivência do direito à cultura, em contraposição à oferta escolar centrada nas disciplinas curriculares e, portanto, na forma escolar padrão. Utilizo outros fragmentos de seus ditos para ilustrar esse pensamento e encerrar análise deste eixo.

Confesso minha surpresa quanto à lucidez do discurso que usam para defender a extensão de atividades para todos, durante o período escolar. É também para mim motivo de surpresa a incorporação do discurso político e pedagógico por eles para justificar as suas defesas. Mais uma vez, nesse momento, eles trazem a questão da banalização da violência, da sexualidade, do uso e da circulação da droga e apontam experiências como as vividas por eles como alternativa para a questão.

Thamyris defende que a cultura deveria ter a mesma importância da educação, devendo as atividades culturais ser obrigatórias e mantidas pelo Estado durante o período da educação básica. Fica claro que o grupo, pela sua experiência, entende que essa é uma saída alternativa para a banalização a que se referiram anteriormente.

Cristiney sugere um currículo integrado, no qual arte e cultura sejam consideradas tão importantes quanto os conteúdos tradicionais da escola. Fala de uma formação mais ampla. Percebo aqui, mais uma vez, a incorporação de um discurso que é próprio de educadores. Eles de fato acreditam nessa proposta e a

defendem com falas que foram transformando em suas. Sinto que foram convivendo com esses discursos, comprovaram na prática que dá certo, pelo menos deu certo para eles, e, por isso, incorporam essas ideias para explicar suas sugestões.

Bryner defende que *“não é qualquer oficinazinha. Tem que ter qualidade. Tem que apresentar novidade e qualidade.”* Lembra-se do material que manuseavam nas oficinas de fotografia e vídeo e diz de seu encantamento. Fala de outras iniciativas sem qualidade e que, portanto, reduzem ao contrário de ampliar as possibilidades dos envolvidos.

Fabiana defende que essa prática deveria ser para o país todo.

É claro que é necessário! Mas existe vontade política para isso? Isso não interessa aos nossos políticos. Se interessasse fariam. Mas para eles não interessa. Será que para eles não é melhor ficar como está?

3.6 – A Vida em Perspectiva

Nesta parte do trabalho a análise vem a partir das falas e das cartas dos jovens e de como está projetada a vida a partir de suas experiências no atual momento e no passado.

Aqui talvez apareça a primeira separação clara de posturas dentro do grupo. Dos sete jovens, cinco projetam a vida a partir dos estudos, das práticas acadêmicas e dos avanços que podem alcançar dentro dessa trajetória. Michel, Cristiney, Thamyris, Fábio e Fabiana projetam esse caminho. Sonham com carreiras profissionais e relacionam suas escolhas às influências e exemplos que receberam. Gilberto e Bryner não pensam em faculdade dizem não ter encontrado um curso capaz de despertar seus interesses. Declaram-se satisfeitos com a vida e revelam planos para o futuro mais ligados à vida profissional. Revelam-se mais práticos e desejam coisas mais imediatas, embora o mundo da cultura os fascine.

No desenvolvimento do grupo focal, o caminho da vida acadêmica vai sendo muito valorizado e como existem dois desses jovens que não estão na faculdade, percebo que principalmente o Gilberto vai se intimidando com isso. Intervenho e digo que muitos caminhos possíveis se apresentam, nem todos eles passam por uma

faculdade. Aproveito para destacar o profissionalismo do Gilberto, que hoje trabalha no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e todo mundo quer ser atendido por ele no suporte de montagens de peças, shows e exposições. Destaco também o prêmio do Bryner como escritor- o texto que escreveu para o festival de cenas curtas de Juiz de Fora foi premiado entre 46 outros textos, tendo concorrido com pessoas de todas as idades e com diferentes experiências - apesar de também não estar na faculdade.

Todos eles desejam que a vida seja mais generosa com eles do que fora com seus pais e parentes próximos e reforçam, em seus discursos, o esforço para fazerem sua parte e não deixarem tudo por conta do destino. A vida há de ser melhor. Fabiana apresenta a projeção do seu futuro. *“Muitos outros fatos marcaram a minha história, de modo que não sabia ao certo qual caminho eu queria, mas o que eu não queria sempre foi determinante.”* Em outros momentos fala sobre perspectivas negativas e faz valer as suas escolhas para a sua vida.

“(...) mas na concepção delas quando aquilo aconteceu, quando elas... para elas era bom. Eu também ia pensar, se eu tivesse lá dois, três filhos, ganhasse, sei lá, 90 reais por mês do governo... ia ser bom. Porque eu conheço gente, conheço pessoas que pensam isso, que tem dois filhos: “Eu vou ter mais um filho” “Por quê?”, “Porque eu vou ganhar mais 100 reais por mês do governo”, sabe? No final do mês a pessoa tem lá 300 reais do governo e acha que aquilo é uma vida razoável. Eu acho também que eu ia pensar isso também... uma menina pobre, de periferia, sabe? Eu ia querer ganhar 100 reais no fim do mês. Acho que talvez até seria essas pessoas... aviãozinho, sabe? Leva droga de um lugar para o outro? Ainda mais assim, por eu falar muito, eu faço muita... conheço muita gente, muita gente, de todas as formas. Eu não gosto muito dessas coisas de lavar louça, varrer casa... (risos) Mas é verdade. Eu faço, mas não gosto mesmo. Até na minha casa,

os outros chegam na minha casa, falam: “Faz café”, aí já olham para a minha cara assim: (...) Então, se eu não estivesse no teatro, fazendo essas coisas... se eu não tivesse essa chance, essa oportunidade, de conhecer as pessoas que eu conheço hoje... com certeza eu estava de um lado para o outro (...) Ainda mais do lugar de onde a gente vem, né? É comum você chegar, passar para ir para a sua casa e as coisas estarem acontecendo ali. (...) Fica todo mundo ali. (...) E acaba que muita gente, eu conheço pessoas, por exemplo, que começaram a trabalhar assim, de aviãozinho, levar droga aqui, ali e depois experimenta isso, depois aquilo e depois morreu... de overdose mesmo. Então... levando droga, experimentando, experimentando, experimentando, morreu. Eu acho que talvez eu estaria, porque (...) Mas hoje o que tenho certeza é que vou continuar estudando, lendo e “teatrando”, pois essas são as minhas escolhas. Afinal, como disse Sílvia Ortoff: “... você escolheu uma história, mas esqueceu de lembrar que são as histórias é que escolhem a gente...” E com boas escolhas, as histórias felizes me escolherão. (Espero...)”

Fabiana diz que o teatro é um processo transformador e ela se sente transformada.

Cristiney apresenta suas perspectivas de vida. “Tão logo termine os cursos, pretendo estudar para o concurso público de Auditor Fiscal da Receita Federal, e é claro prosseguir na formação acadêmica com pós-graduação, mestrado e doutorado. Uma coisa eu sei: pretendo continuar a fazer teatro enquanto houver uma brechinha, na minha agenda, mesmo que isso signifique ensaiar de madrugada.”

Cristiney faz parte daqueles que projetam a vida a partir dos estudos. Thamyris também quer crescer dentro de uma carreira a partir da formação. Projeta seu futuro

aproximando-se de cursos e oportunidades e desejando, como disse várias vezes, que a vida seja melhor e que tudo seja construído dentro dos valores cristãos e com muita honestidade.

Thamyris - “Hoje tenho novos objetivos e lutarei muito para conquistá-los. A minha vida pessoal se confunde com minha vida no teatro, não tem mais como separar e será assim eternamente. Vou formar no final do ano que vem e quero continuar estudando sempre, quero fazer outra faculdade, fazer pós, fazer mestrado, se der doutorado...” eu comecei a estudar muito e eu falava assim: (...) “Pai, a única certeza que eu tenho é que eu não quero ter essa família que você e a minha mãe tem, então eu vou estudar. Eu vou estudar muito, porque eu tenho certeza que eu não quero ter essa vida. Não quero que os meus filhos passem o que eu passei.” (...)

Se não fosse o teatro, hoje eu estaria nessa vidinha mesmo que o Bryner falou, trabalhando, chegando em casa cansada, vendo uma novela na televisão, aquelas coisas de sempre... dormindo, acordando trabalhando, dormindo, acordando, trabalhando, só isso. Eu acho... e não teria talvez assim, uma opinião formada sobre as coisas, seria uma coisa mais ... (...) “Sei lá... uma coisa mais fácil de se convencer: Ah, isso é bom. Então eu vou fazer isso trabalhar para ganhar dinheiro, para não poder nem gastar, porque não tem tempo mesmo, né? Tem que trabalhar, como é que vai gastar o dinheiro que eu ganhei? E assim, eu acho que a partir do momento que eu sair do serviço às seis horas, eu ia para casa dormir, para acordar para trabalhar no outro dia, entendeu? Não ia ter nada.”

Michel é uma pessoa prática e organizada. Não perde tempo. Aprende tudo que pode. Econômico, batalhador, estudioso cursa a faculdade de Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Ele parece querer muito da vida, não em

conquistas materiais, mas em realizações. Pretende demonstrar a sua capacidade de realização. É um talentoso cantor, mas constrói um caminho de sucesso profissional. De alguma forma, a arte estará presente em sua vida. Ele diz: *“Hoje o mundo da arte se tornou um elemento fundamental em minha vida.”*

Gilberto se define: *“Existe um Gilberto antes e depois de Dores do Mundo, antes eu não me preocupava muito com as coisas, não me envolvia, depois sempre estava lá pronto pra montar desmontar, improvisar e sobre tudo”*. Na escrita da carta ele também expõe desejo de continuar aprendendo. Esse aprendizado parece que não é projetado para um espaço formal de ensino, mas na prática das atividades que já desenvolve como técnico de luz e som para espetáculos. *“Escrevendo essa carta eu me deparei com alguns fantasmas, arrependimentos, alegrias, chances desperdiçadas mais isso é o que faz a vida valer a pena, e como diz o ditado: " E SE HÁ MUITO AINDA PRA VIVER, HÁ MUITO PRA SE APRENDER....”*

Bryner se diz satisfeito com a vida, ainda escolhe caminhos, mas experimenta muitas atividades. É responsável, trabalhador a arca com todas as suas despesas.

Ele encara a vida de frente e tira proveito para o futuro. *“eu não trocaria a minha vida hoje por uma vida de rotina de uma pessoa da minha idade. - eu gosto do jeito que eu vivo. Aprendi a querer o melhor para mim. Gosto de trabalhar à noite, chegar de manhã.”* (...) *“Aí eu estou estudando, estou vendo alguma coisa que eu posso fazer, já pensei em fazer, por exemplo, gastronomia, que eu gosto, pensei em fazer curso técnico.”*

Fábio, que se expressou bastante com relação aos outros temas, é econômico com as palavras, mas eficiente na síntese. Ainda arquiteta o futuro: *“eu sinto que eu não vou viver essa rotina. Vejo possibilidades melhores.”*

No final da sessão do grupo focal pergunto se alguém quer falar mais. Percebo que houvera uma super valorização da experiência com o teatro. Talvez isso possa ter sido motivado pela emoção, talvez pela minha presença... de qualquer forma senti que tinha que assumir a minha responsabilidade com o desencadear da conversa e intuí que não poderia deixar que esse fosse o término, deixando em aberto essa questão. Assumi a palavra e disse a eles que muitas coisas diferentes poderiam ter acontecido em suas vidas. *“poderia ter acontecido também um monte de coisas positivas com vocês, um poderia ter virado jogador de futebol, o pai poderia ter acertado na mega sena, poderia ter tido outros caminhos ou se encantado por outras coisas... não só o negativo. Não era esse o único caminho positivo que existia para a vida de vocês, vocês tinham outros campos, mas esse deu certo. Estamos falando sobre isso, senão parece assim... era inevitável que fosse esse. Não, não era. Teve muitas outras pessoas lá do bairro, que não passaram pelo teatro, pelas oficinas que também não estão nessa vida de marginalidade, né? Então é bom a gente destacar isso, senão parece que a gente está querendo encaminhar, falar assim: “É só isso aqui que daria certo para nós”. Senão você estaria lá, cheia de filhos... podia ser sim, um dos caminhos, era um dos, mas não era o único, né? Lógico, podia acontecer isso tudo. A gente trabalha com todas as possibilidades, desde ter perdido uma perna até ganhar na mega sena, tudo isso podia ter acontecido. Aconteceu essa história, que ainda vai se desenrolar, vocês estão no início da vida”*.

Eles preparam a vida. Cuidam da própria vida. Uma vida para agradar a si próprios, para agradar as pessoas queridas, para se transformar e transformar o mundo. Preparam e cuidam da vida para encontrar a sua “Senha do Mundo”. O intertexto de Drummond aparece mais uma vez para por um bom ponto final neste capítulo.

Canção Amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não se vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem anda ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças (Drummond, 1988, p.142-143)

4 POLÍTICAS PÚBLICAS E A COMPREENSÃO DE UM PROJETO PARA A CULTURA

No capítulo anterior apresento a análise das escritas e das falas dos jovens que participam do grupo que se constitui como objeto de análise da pesquisa.

O discurso pedagógico do CAIC sustentava a instituição de um espaço de aprendizagem como alternativa a uma escola conteudista e fria. Importante também salientar que a instituição propunha um Projeto Político Pedagógico, unificado, que indicava orientações para um trabalho para uma instituição educacional e não uma escola com atividades como apêndices no contraturno. Arte, cultura, lazer e esporte tinham importância e foco nesse trabalho.

A equipe de profissionais pensou, sustentou e efetivou a proposta em questão. No entanto, deve-se destacar aqui a indicação clara da pesquisa: os sete jovens identificam a importância das atividades artísticas e culturais nos seus processos de formação como sujeito e na humanização das relações que essas práticas possibilitam. Além disso, indicam a ampliação e a manutenção de propostas semelhantes a essa para um maior número de jovens.

Este capítulo apresenta uma análise do conjunto de documentos oficiais sobre o direito à cultura e a apresentação do assunto na versão de Marilena Chauí como gestora da cultura e crítica de seu próprio trabalho, além das proposições de Michel de Certeau sobre cultura no plural.

O objetivo é verificar as possíveis interfaces entre educação e cultura e as indicações sugeridas pelas narrativas dos sujeitos pesquisados a partir de suas vivências com relação ao direito à cultura.

Esse último capítulo se apresenta, ainda, como o cumprimento de uma tarefa que é para mim imperativa, neste momento, como gestor de cultura: a ampliação do acesso à produção, aos bens culturais e das possibilidades da livre expressão artística e cultural, o que, como se pode perceber, é garantido por lei nacional e indicado como direito humano na Convenção Internacional da UNESCO sobre diversidade cultural.

A elaboração de políticas culturais mais voltadas às múltiplas manifestações culturais brasileiras tem tido foco nos últimos anos, em um movimento claro de envolvimento e empoderamento da sociedade civil com relação às decisões e

propostas para a vida cultural nos municípios nos estados e no País. No Brasil, hoje, existe a indicação do estabelecimento de um Sistema Nacional de Cultura (SNC) que pretende articular políticas e ações da área da cultura envolvendo federação, estados e municípios. Estimula-se que cada ente federado também estabeleça seus sistemas estaduais ou municipais e anuncia-se que a articulação entre os diversos sistemas dará o tom de uma nova vivência para cultura no País. Para que os sistemas sejam implementados, o Ministério da Cultura (Minc) indica aos entes federados a criação de órgãos gestores exclusivos para a cultura (aqui fica claro, em diversas orientações do Governo Federal, que esse órgão gestor pode ser uma secretaria, uma sub-secretaria, uma secretaria compartilhada ou mesmo um departamento de cultura ligado burocraticamente a uma secretaria ou a própria prefeitura, dependendo, é óbvio, da estrutura administrativa do município). Indicam ainda aos entes federados a criação dos conselhos municipais e estaduais de cultura e a realização de conferências de cultura com periodicidade de quatro anos.

Um dado muito positivo é que a construção do Sistema Nacional de Cultura, embora com estágios bastante diferenciados, já está em pleno andamento, em todo Brasil. Esse processo ocorre com a criação, por Estados e Municípios, de órgãos gestores da cultura, constituição de conselhos de política cultural democráticos, realização de conferências com ampla participação dos diversos segmentos culturais e sociais, elaboração de planos de cultura com participação da sociedade e já aprovados ou em processo de aprovação pelos legislativos, criação de sistemas de financiamento com fundos específicos para a cultura, de sistemas de informações e indicadores culturais, de programas de formação nos diversos campos da cultura e de sistemas setoriais, articulando várias áreas da gestão cultural (PEIXE, 2010, n.p.).

Existe uma grande valorização desses instrumentos democráticos indicados pelo Minc para elaboração de políticas públicas para a cultura, como se pode perceber no pequeno fragmento da fala de Roberto Peixe - coordenador do Ministério da Cultura para implementação do Sistema Nacional de Cultura

As conferências e os conselhos de política cultural são considerados componentes estratégicos do Sistema Nacional de Cultura, porque é nesses espaços no qual se dá o verdadeiro diálogo entre os governos e a sociedade civil e as políticas públicas são construídas e pactuadas democraticamente

Fica também indicado como necessário que estados e municípios elaborem seus planos para cultura aprovados nas assembleias legislativas e câmaras Municipais respectivamente e que ainda criem os fundos municipais ou estaduais de cultura. Com essas etapas vencidas, existem condições para o estabelecimento dos sistemas municipais e estaduais de cultura e, assim, esses sistemas poderão integrar o Sistema Nacional de Cultura, participando da elaboração de políticas, de ações articuladas entre os três níveis da administração e credenciando-se para a transferência de recurso “fundo a fundo” que é pretensão do Minc. Dessa forma, segundo o Ministério, o setor público deixaria de concorrer com os produtores culturais na captação de recursos no nicho da renúncia fiscal.

Estrategicamente, existe pensado um Acordo de Cooperação Federativa do SNC, que vem sendo construído pela União, com auxílio dos Estados e Municípios, e que estabelece as responsabilidades de cada ente da Federação na efetiva implantação do Sistema. O término da fala de Roberto Peixe sobre a implantação do Sistema Nacional de Cultura, à disposição no site no Minc na internet – blogs do Minc- que já havia citado acima, deixa bem clara a defesa pela construção e a valorização de uma política pública para cultura em nível nacional:

É imprescindível colocar a cultura na pauta do debate político para que ela seja encarada como prioridade e tratada como política de Estado, onde o Sistema Nacional de Cultura é o instrumento principal para assegurar políticas públicas de cultura permanentes, estruturadoras e democráticas (PEIXE, 2010, n.p.).

O Plano Nacional de Cultura, outro instrumento da nova organização pretendida das políticas públicas do País no setor cultural, tramita no Congresso Nacional em avançado estágio no caminho de sua aprovação. A proposta do Plano Nacional de Cultura em tramitação é resultado de uma ampla discussão em nível nacional promovida e estimulada pelo Ministério da Cultura (Minc). Abaixo é possível verificar como o Minc apresenta o Plano Nacional de Cultura e a defesa que faz da necessidade de sua elaboração e da criação de planos de cultura em níveis estadual e municipal.

A igualdade e a plena oferta de condições para a expressão e fruição culturais são cada vez mais reconhecidas como parte de uma nova geração dos direitos humanos. Mas, para que tais direitos sejam incorporados ao cenário político e social brasileiro é necessário que um amplo acordo entre diferentes setores de interesse defina um referencial de compartilhamento de recursos coletivos. O estatuto legal dos direitos culturais, em nível nacional e internacional, necessita, portanto, ser fortalecido por consensos que garantam sua legitimidade. O Plano Nacional de Cultura (PNC) representa um importante passo nessa direção

UM PLANO ESTRATÉGICO PARA TODOS OS BRASILEIROS

O PNC não recebe esse nome por outro motivo senão o de buscar abranger as demandas culturais dos brasileiros e brasileiras de todas as situações econômicas, localizações geográficas, origens étnicas, faixas etárias e demais situações identitárias. Lidar com tal diversidade faz parte de nossa história. Não por acaso, o conceito de antropofagia, originário do modernismo brasileiro, aponta para uma peculiar capacidade de reelaboração de símbolos e códigos culturais de contextos variados.

Diferentemente de outros povos do mundo, temos a nosso favor uma notável capacidade de acolhimento e transformação enriquecedora daquilo que nos é inicialmente alheio. Entretanto, os desequilíbrios entre regiões e as desigualdades sociais - realimentadas por discriminações étnicas, raciais e de gênero - também fazem parte da história do País.

Considerando essas duas faces da nossa realidade, o Estado brasileiro, que representa o mais amplo contrato social vigente no território nacional, tem o dever de fomentar o pluralismo, coibir efeitos das atividades econômicas que debilitam e ameaçam valores e expressões dos grupos de identidade e, sobretudo, investir na promoção da equidade e universalização do acesso à produção e usufruto dos bens e serviços culturais.

O PNC é um plano de estratégias e diretrizes para a execução de políticas públicas dedicadas à cultura. Toma como ponto de partida um abrangente diagnóstico sobre as condições em que ocorrem as manifestações e experiências culturais e propõe orientações para a atuação do Estado na próxima década. Sua elaboração está impregnada de responsabilidade cívica e participação social e é consagrada ao bem-estar e desenvolvimento comunitário (BRASIL, 2010, n.p.).

Esse caminho de fixação de políticas públicas na área da cultura remete a um movimento internacional que se estabeleceu no pós-guerra e se estende até os nossos dias e vem indicando, assim como no Brasil, vários caminhos com relação à cultura nos inúmeros países do mundo. Durante a Segunda Guerra Mundial, o patrimônio cultural, principalmente nos países ocupados, foi impiedosamente atacado. A preocupação com a preservação dos bens culturais e naturais vai além de manter de pé imóveis e monumentos e o cuidado com objetos artísticos ou que, de alguma forma, traduzam ou se identifiquem como uma cultura. No pano de fundo

está uma questão central que aparece indicada na Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural da Unesco de 1972, “*o desaparecimento de um bem natural, ou cultural constitui um empobrecimento de todos os povos do mundo.*” É possível perceber, então, que a preservação indicada tem a ver com a valorização da marca do humano nos registros artístico e arquitetônico, tem a ver com identidade de um povo e tem a ver com a história do homem em seu sentido mais amplo, estando, portanto, intimamente ligada aos direitos culturais. Em 2001, na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, reforça-se a ideia da valorização do patrimônio cultural. Nesse documento está reconhecido que a diversidade cultural é tão importante, para o gênero humano, quanto a diversidade biológica é para a natureza. Assim, apontam-se caminhos na direção de preservar o patrimônio cultural - no que se refere aos seus acervos arquitetônicos e artísticos -, os bens culturais imateriais e a valorização da diversidade cultural e das línguas nacionais ou regionais. Como já dito acima, isso tem influenciado práticas e políticas no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

Voltando à questão das guerras, antes de retornar às políticas públicas culturais, que é pretensão discutir neste texto, é bom lembrar que muitas das guerras, tanto as contemporâneas, quanto outras inúmeras que a história de alguma forma registrou, ocorreram devido a diferenças culturais e religiosas. Ainda hoje, como nos fala José Márcio de Barros em seu texto de apresentação para a revista de número oito do Observatório Itaú Cultural, edição integralmente dedicada às questões da diversidade cultural, essa é uma questão importante e é também paradoxal.

Em pleno século XXI, vive-se o paradoxo de um mundo que produz intensamente diferenças, mas que, na mesma intensidade, mantém viva a intolerância com as mesmas. Não são poucas, e marcadamente sutis, as práticas de exclusão e violência inter e intrassociedades a partir da intolerância decorrente da relação entre as diferenças culturais e o poder.

Em outro polo reflexivo, aponta-se para o fato de a cultura estar, gradativamente, sendo alçada ao centro dos debates sobre a construção de modelos alternativos para o desenvolvimento humano. Aqui, as diferenças culturais são tomadas como pré-requisito para regimes de paz social, de garantia da cidadania, de desenvolvimento econômico e de novos modelos de produção, comunicação e compartilhamento das artes e do conhecimento.

Estamos diante de um complexo processo. As diferenças culturais tanto inauguram possibilidades de uma nova ordem social quanto nos remetem aos desumanos processos de exclusão. Quando não acompanhadas do valor da igualdade, as diferenças ameaçam a diversidade e impedem a construção do pluralismo e da interculturalidade (BARROS, 2009. p. 8).

Esse processo histórico que vem sendo construído no cenário internacional interfere positivamente na construção de um novo caminho para a gestão pública da cultura no Brasil, principalmente no período dos governos do presidente Lula, quando o poder público passou a olhar com mais cuidado para as diversas manifestações culturais no País. Mas o marco inicial de apontamento de novos rumos antecede, em muito, a política cultural dos governos Lula.

Com a promulgação da Constituição Brasileira em 1988, foi possível perceber avanços com relação aos direitos culturais e também com relação à valorização das diversas manifestações culturais do País. A Constituição Brasileira, na segunda seção, em seus artigos 215 e 216, estabelecem e explicitam os direitos dos cidadãos brasileiros com relação à cultura. Ao se realizar uma análise mais detida desse pequeno trecho de nossa lei maior, ficam claras as garantias asseguradas a todos os cidadãos com relação aos direitos culturais e aos princípios ali apresentados.

Seção II DA CULTURA

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II produção, promoção e difusão de bens culturais;

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV democratização do acesso aos bens de cultura;

V valorização da diversidade étnica e regional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais (BRASIL, 2010).

A criação do Ministério da Cultura em 1985 também pode ser destacada como um marco desse processo. Até então, a cultura estava na organização do governo federal associada à Educação, no antigo MEC - Ministério da Educação e Cultura, e, como é fácil imaginar, não passava de um apêndice do ministério muito mais focado nas questões educacionais. Tal fato não é de se estranhar, uma vez que o País vivia as mazelas de um acelerado processo de urbanização que trouxera para os centros urbanos uma grande massa de pessoas sedentas por trabalho e escolas para seus filhos. Além disso, a urbanização trouxe a necessidade de crescimento do ensino superior público e outras demandas tratadas como prioritárias pelo MEC. Alguns autores considerem que, apesar dos avanços trazidos pela separação dos Ministérios da Cultura e da Educação ocorreu a indesejável quebra do essencial diálogo entre esses dois setores, o que empobreceu a ambos e dificultou as possíveis pontes entre as duas áreas. Porém, em nível do governo federal, deixando de ser um apêndice da pasta da Educação, a cultura ganhou status e força política. Machado (relator do MinC) destaca esse aspecto na sua redação final do texto-base da Conferência Nacional de Cultura

Em 1985 ocorre a separação entre os ministérios da Educação e da Cultura, que até então era tratada como apêndice da política educacional. Criar um ministério exclusivo, no momento da transição para a democracia, significou reconhecer a importância da cultura para a construção da cidadania e para a proteção, promoção e valorização da diversidade cultural e da criatividade brasileiras. No entanto, esse ganho também trouxe perdas. Educação e Cultura praticamente deram-se as costas e a separação administrativa

acabou gerando uma separação conceitual. Perdeu a Educação, com políticas dissociadas da dimensão da arte, da criatividade e da diversidade cultural; perdeu a Cultura, com políticas baseadas numa visão exclusivamente comercial, voltadas para o entretenimento e esquecidas de seu papel na promoção da cidadania (BRASIL, 2010, n.p.).

A correlação Educação e Cultura, embora possa se dizer que nunca foi um diálogo morto, volta com força total no temário da segunda II Conferência Nacional de Cultura. O texto-base da Conferência provoca sociedade civil e governos nas três esferas a entrar nessa discussão. Os Pontos de Cultura, hoje espalhados por todo o País com participação da Federação, Estados e Municípios, programas de incentivo à leitura, são exemplos claros da preocupação das ações do Minc em reforçar a dimensão simbólica da cultura como um direito, como indica a Constituição de 1988, que deve ser garantido a todo cidadão. Por outro lado atividades culturais vêm crescendo nas práticas das escolas como resultado da ampliação do tempo de crianças, adolescentes e jovens em atividades no contraturno ou com implantação do regime de tempo integral em diversas redes de ensino do País – indicações muito claras na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9394/96. Com a diversificação das atividades, não é raro verificar que a nova ampliação e a composição do currículo levam, com mais frequência e de forma mais sistematizada, as artes para dentro das escolas. Assim, onde essas experiências estão sendo implantadas, música, teatro, contação de histórias, danças de variadas origens e estilos constituem-se como atividades de um novo “cardápio” oferecido todos os dias a meninos, meninas e jovens por todo o País. No entanto, há que se entender que, mesmo considerando as boas iniciativas, e elas existem, ainda são em número absolutamente insuficiente para o atendimento de toda a demanda. Isso se considerarmos somente crianças, adolescentes e jovens, para quem oferecem atividades de educação, cultura e outras práticas sociais faz parte da obrigação do Estado de garantir os direitos culturais que, a grosso modo, traduzem-se em acesso, fruição, expressão e possibilidade de vivenciar a cultura como atividade econômica. Porém, os direitos culturais devem ser garantidos a todos os cidadãos de todas as idades. Reforçamos aqui a ideia já apresentada que o envolvimento cultural do homem é tão necessário à sua dimensão anímica, assim como o alimento o é para o corpo físico. Voltando a citar o texto-base da Conferência Nacional de Cultura, podemos perceber a postura que vem se consolidando como oficial na proposição

de políticas públicas pelo Minc.

A Constituição brasileira, embora cite explicitamente os direitos culturais, não chega a detalhá-los. Contudo, analisando os vários documentos internacionais da ONU e da Unesco já reconhecidos pelo Brasil, e a própria CF/88, pode-se concluir que os direitos culturais são os seguintes: direito à identidade e à diversidade cultural; direito à participação na vida cultural (que inclui os direitos à livre criação, livre acesso, livre difusão e livre participação nas decisões de política cultural); direito autoral e direito/dever de cooperação cultural internacional.

O direito à livre participação na vida cultural foi proclamado no artigo 27 da *Declaração Universal dos Direitos do Homem* (1948): toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de gozar das artes e de aproveitar-se dos progressos científicos e dos benefícios que deles resultam. Analisando documentos posteriores, pode-se subdividir o direito à participação na vida cultural em quatro categorias: direito à livre criação, livre fruição, livre difusão e livre participação nas decisões de política cultural (BRASIL, 2010, n.p.).

Ainda utilizando a visão de Bernardo Novais da Mata Machado na redação do texto-base da segunda Conferência Nacional de Cultura, destaco o enfoque que dá a uma fala do então ministro Gilberto Gil sobre os caminhos que conduziriam as ações do Ministério

No início de sua gestão à frente do Ministério da Cultura (MinC), quando perguntado sobre as diretrizes que iriam pautar a política cultural do governo, o ex-ministro Gilberto Gil respondeu: “A abrangência”. Esse critério fundamentou a concepção que hoje compreende a cultura em três dimensões: simbólica, cidadã e econômica (BRASIL, 2010, n.p.).

As incontáveis formas de organização social e distinção de forma de viver diferenciadas no Brasil não nos permitem falar em cultura unificada e, talvez por isso, muito correntemente já vem sendo utilizada a expressão “culturas”.

Os diversos Brasis possuem diversas vivências culturais distintas. Cada um dos múltiplos países existentes e específicos dentro do país chamado Brasil guarda atividades, tradições e vivências culturais próprias que dialogam ou não com o todo. Com essa ideia de múltiplas culturas na cabeça, ao tentarmos compreender o termo

empregado pelo ministro Gilberto Gil: “amplitude”, para conceituar sua prática gestora e nos atentarmos para as dimensões, simbólica cidadã e econômica defendidas pelo Minc, poderemos facilmente perceber a intenção da valorização da diversidade cultural brasileira e a ampliação das oportunidades para uma maior parcela da população, no que diz respeito à expressão, acesso e fruição das artes e das culturas. Ainda trabalhando com o texto-base da Segunda Conferência Nacional de Cultura, destaco:

Dimensão simbólica: Adotar essa dimensão possibilita instituir uma política cultural que enfatiza, além das artes consagradas, toda a gama de expressões que caracterizam a diversidade cultural brasileira. Mesmo no âmbito exclusivo das artes, a concepção simbólica permite ampliar a ação pública para abranger todos os campos da cultura. Artes populares, eruditas e de massas são colocadas num mesmo patamar político, merecendo igual atenção do Estado, embora com programas, ações e projetos específicos e respeito ao comando constitucional que protege, de forma especial, as culturas populares, indígenas e afro-brasileiras (art. 215). Também é superada a tradicional separação entre políticas de fomento à cultura (geralmente destinadas às artes) e de proteção ao patrimônio cultural, pois ambas se referem ao conjunto da produção simbólica da sociedade.

Dimensão cidadã: fundamenta-se no princípio de que os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos e devem constituir-se como plataforma de sustentação das políticas culturais. A esse respeito a CF/88 é explícita: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais” (art. 215). Contudo, esses direitos são ainda pouco conhecidos e frequentemente desrespeitados e subestimados, quando comparados aos direitos civis, políticos, econômicos e sociais, que gozam de maior reconhecimento. Por outro lado, o mundo contemporâneo, pós-Guerra Fria, está vendo emergir fatores de ordem política, social e econômica que estão conduzindo as questões culturais ao centro das atenções. Nessa conjuntura, definir e colocar em prática os direitos culturais é vital para o desenvolvimento humano e para a promoção da paz (BRASIL, 2010).

As dimensões simbólica e cidadã, conceitos presentes nos documentos do Minc por mim analisados e por várias vezes citados, trazem em seu bojo a valorização do humano e o sentido de amplitude destacado pelo ex-ministro Gilberto Gil. É preciso ampliar o raio do olhar com a dimensão simbólica. Incluir manifestações das mais diversas áreas e das mais variadas formas de viver que esse gigante territorial abriga. É um jogo que se joga com peças variadas em um

tabuleiro assimétrico e irregular. Favorecer as manifestações da arte e das culturas, ampliar as possibilidades de acesso, incentivar a preservação do patrimônio material e imaterial, criar políticas de ampliação do acesso ao livro e à leitura são algumas das inúmeras pontas a se puxar de um novelo, pequeno e super embaraçado, para a criação de uma teia a ser estendida simbolicamente por todo o território nacional. A intenção do Ministério da Cultura é uma política cultural ampla tanto no que diz respeito à produção simbólica, tanto no acesso, quanto na valorização e divulgação do patrimônio cultural, dentre inúmeras outras ações e propostas que são apresentadas na construção dessa ampla teia. Porém, aqui, vamos fechando o foco naquilo que se constitui como pretensão de análise deste trabalho, ou seja, cultura e educação e, principalmente, políticas e ações pensadas para o envolvimento de crianças, adolescentes e jovens com arte e cultura.

A vivência de direitos culturais para toda a população é uma porta que está sendo aberta para um cenário que se imagina, mas a realidade pode desenhá-lo mais cruel e mostrar que há mais a se fazer do que pode se imaginar. Contudo, há de se fazê-lo. Todas as ligações possíveis para a vivência dos direitos culturais por um maior número de pessoas é um caminho possível na continuidade da construção democrática desse País. Um caminho na valorização da dignidade que, ainda, não é estado de vida conhecido por muitos seres humanos nascidos brasileiros. Dar a cada pessoa a condição de cidadania e a possibilidade de construção de um novo desenho para sua vida, isso a cultura pode favorecer. Re-enxergar o mundo e se re-posicionar nesse mundo: isso pode ser possibilitado a muitos, por meio da vivência dos direitos à cultura e seu caráter simbólico. Para mim, esse é o sentido que leio na palavra amplitude. Não cultura por cultura; não cultura como diversão de um dia menos triste que os demais; mas cultura como forma de expressão e como possibilidade de fruição para todos ou, no mínimo, intencionando todos.

Os direitos culturais aparecem no texto da Constituição Nacional e em diversos documentos internacionais, como, por exemplo, da Convenção da UNESCO sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005) que o Brasil, além de ser signatário, ratificou-a no Congresso Nacional. Os direitos culturais, também como já exposto, aparecem na própria Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). Tais direitos constituem-se como citação recorrente na fundamentação das propostas políticas para a cultura desenvolvidas

pelo Minc, o que pode ser percebido nos documentos elaborados por esse ministério, tais como: Proposta do Plano Nacional de Cultura, Texto-base da II Conferência Nacional de Cultura e na Proposta de Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura, dentre outros. É notória a centralidade na valorização dos direitos à cultura na condução da elaboração de uma política pública estruturada pelo Minc e que se pretende articulada, através do Sistema Nacional de Cultura, com todo o Brasil, através da ação pactuada da federação e dos entes federados através dos órgãos gestores da cultura estaduais e municipais.

Nesse primeiro momento tentei caracterizar o que está sendo pensado para cultura em nível nacional. Sem, no entanto, marcar muito o tempo, venho observando mais o andamento do processo a partir de 2005, quando foram realizadas as primeiras conferências de cultura estaduais e municipais propostas pelo Minc e que levaram propostas para a realização da I Conferência Nacional de Cultura. Percebo, pelo acompanhamento que venho fazendo da condução desse processo, a adesão e o envolvimento dos entes federados. É igualmente perceptível como o discurso da valorização da diversidade, da amplitude, dentre outros aspectos destacados pelas propostas, vêm sendo incorporados nas discussões e debates promovidos em todo o País. Assim, abaixo, na tentativa de demonstrar a aproximação das propostas de políticas públicas para a cultura com a educação, pretendo também destacar a incorporação dos elementos do discurso oficial para práticas e vivências das ações culturais estabelecidas nesse novo cenário.

4.1 A educação e a cultura trabalhando de forma integrada

Como já fora anteriormente destacado, educação e cultura têm ação conjunta proposta através de inúmeros instrumentos e textos legais. Essa indicação pode ser oriunda do setor cultural, como veremos a seguir no corpo da Proposta do Plano Nacional de Cultura, no Texto-base da II Conferência Nacional de Cultura, na Proposta de Estruturação, Institucionalização e implementação do Sistema Nacional de Cultura, até mesmo na própria Constituição Nacional em seus artigos 215 e 216 e, como também já destaquei acima, pode também estar indicada nas propostas

educacionais oficiais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo, primeiro apresenta uma definição de educação em que se lê: **Art. 1º.** *A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 2010).*

Em um texto mais coloquial seria permitido dizer que, por falta de indicações legais, ações integradas entre educação e cultura não deixarão de acontecer. No meu entendimento, a despeito de nos encontrarmos no meio da edificação de um grande avanço, a prática envolve duas áreas de histórico pouco incentivador para se pensar em grandes modificações em, pelo menos, um médio espaço de tempo. Nesse possível avanço há de se considerar as interrupções das políticas públicas tão comuns nesse País, quando se finda e conseqüentemente se inicia outro governo. Toda a lógica de política de Estado que está sendo criada no Plano Nacional de Cultura – PNC, o Sistema Nacional de Cultura - SNC pode ser desmontada com o término do governo Lula e das atuais administrações estaduais no final de 2010. Muito comum se ouvir dizer que as políticas não são de estado e sim de governo. Se essa máxima cruel, mais uma vez, se fizer verdadeira, todo o campo preparado para a vivência de políticas públicas de cultura balizadas por novos valores será perdido. Não estou aqui defendendo arduamente a política cultural dos governos Lula, mas há de se considerar que houve um processo de escuta ampliado no qual o caráter democrático se fez presente. Questões tidas como tabu foram levadas para a discussão como, por exemplo, a programação e concessão dos canais de rádio e TV e o monopólio comercial de algumas emissoras no País. Mas como esse não é o nosso ponto focal nesse momento, voltemos às indicações de ações conjuntas entre educação e cultura apresentadas nos documentos oficiais.

No texto das diretrizes para discussão do Plano Nacional de Cultura, o tema, que aparece sob o título: **“Contribuir para qualificar a educação formal e formação cidadã dos brasileiros”** é introduzido pelo texto abaixo:

A estreita relação entre educação e cultura nos processos de formação da cidadania ressalta o caráter indispensável das ações de

integração das manifestações intelectuais e artísticas nas práticas pedagógicas de ensino formal e informal. A correção da fratura entre as formulações e o planejamento das políticas relacionadas às duas áreas deve ser o foco de ações articuladoras das diversas instâncias e esferas da administração pública. Por outro lado, é necessário reconhecer que os problemas de acesso à educação e à cultura produzem impactos mútuos.

Entre outros exemplos, estão as lacunas na formação artístico-cultural dos estudantes brasileiros, que desse modo deixam de constituir um grupo social atento e crítico para a recepção e produção de manifestações simbólicas. Os desafios prioritários para uma política cultural atrelada à de educação incluem a capacitação de docentes, a disponibilização de bens culturais a professores e alunos, a troca de informações e competências entre os dois campos, o reconhecimento dos saberes tradicionais, o compartilhamento de projetos e recursos, o aprimoramento do ensino das artes nas escolas e a transformação dessas instituições em centros de convivência e experiência cultural. Nas instituições de ensino do nível básico ao superior, a política cultural deve promover o acesso a repertórios do Brasil e do mundo, numa perspectiva não-instrumental (BRASIL, 2010, n.p.).

Já o texto-base da II Conferência Nacional de Cultura apresenta o assunto sob o título “**Cultura, educação e criatividade**”

A capacidade de criar é inerente a todos os seres humanos e se manifesta desde a tenra infância. No entanto, para que seja desenvolvida e potencializada, a criatividade depende, além do esforço individual, de um contínuo processo de formação, informação e aperfeiçoamento.

O desenvolvimento econômico e social do mundo contemporâneo está associado, cada vez mais, à capacidade humana de simbolizar, ou seja, ancora-se na criatividade de indivíduos e grupos. Nesse contexto, investir conjuntamente em cultura e educação é estratégico, e para isso é necessário criar instâncias de coordenação entre as políticas culturais e educacionais e estimular a interação entre as expressões da cultura e o sistema educativo.

Cabe, agora, buscar o reencontro da Educação e da Cultura, sem que para isso seja necessário retornar à situação administrativa anterior. As políticas culturais e educacionais podem construir uma agenda comum e colaborativa que qualifique a educação artística, implante a educação patrimonial e contribua para o incentivo ao livro e à leitura. Espera-se que essa agenda recolocando a cultura na vida cotidiana de professores e estudantes e abra espaço para que os mestres da cultura popular possam transmitir a riqueza dos seus saberes. Para tanto, é fundamental impulsionar a implantação da lei nº 11.645, que inclui no currículo oficial a obrigatoriedade das temáticas da história e da cultura afro-brasileira e indígena. Cabe aos afrodescendentes e indígenas serem os protagonistas desse processo, já que são eles os legítimos detentores da memória e da

história desses povos (BRASIL, 2010, n.p.).

Nas conferências municipais e estaduais que antecederam e prepararam o realização da II Conferência Nacional de Cultura, os debates calorosos e entusiasmados giraram em torno dos eixos principais propostos pelo Minc que foram levantados democraticamente pelo ministério com a sociedade e os representantes culturais de todo o País em seminários e oficinas promovidos e realizados em todos os estados da Federação. Minas Gerais e Juiz de fora realizaram suas conferências e enviaram, como era previsto, proposições para serem debatidas nas fases seguintes.

Gostaria aqui de destacar as propostas encaminhadas pela Conferência Municipal de Juiz de Fora à Conferência Estadual Mineira, bem como algumas propostas encaminhadas por Minas para o debate Na II Conferência Nacional. Como já anunciei acima, vou focar-me agora na aproximação da cultura com a educação em seus processos formais ou informais. Primeiro, selecionei duas proposições elaboradas na conferência de Juiz de Fora e que guardam relação com a educação. Essas foram indicações de número 1 e 6 no nível local.

1 – Criação de uma política educacional de formação continuada para professores, artistas, arte-educadores e produtores culturais com ênfase na diversidade cultural local.

6 – Criação de uma rede de pontos de cultura municipais, em ampliação e integração à política homônima do Governo Federal (JUIZ DE FORA, 2009, n.p).

O destaque por mim proposto se baseia na ligação direta ou indireta que essas duas proposições guardam com a educação e com as propostas do Minc para o estabelecimento de uma política pública nacional para a cultura. No que se refere à primeira proposta, fica clara a preocupação dos delegados conferencistas com a cultura local e a formação, uma vez que os agentes indicados no texto terão participação ativa na formação de pessoas que irão vivenciar ou não processos culturais. Embora não presente no texto, e aqui entra a minha interpretação e o meu olhar como quem presidiu a conferência, quero trazer aqui o sentimento facilmente percebido nas falas sobre o sentimento de indiferença do público com relação à produção cultural local, seja ela contemporânea ou não. A cidade se vangloria de

ser cercada de cultura desde os tempos dos pianos. A despeito de Juiz de Fora se autointitular uma cidade cultural, existe a sensação clara de que a produção não circula. Mas o que de fato me interessa destacar é a ligação apresentada na proposta entre educação e cultura. E ela aí está.

A sexta proposta para o município está ligada à política do Minc de estabelecimento de “Pontos de Cultura” em todo território nacional. Através de convênio com Estados, o estabelecimento de Pontos de Cultura vem crescendo em todo o País. Juiz de Fora, através de sua conferência municipal de cultura, deixou indicado que deseja ampliar essa prática através de recursos municipais. Os pontos de Cultura são estabelecidos nas cidades através do convênio de entidades da sociedade civil com o governo federal. As atividades, em sua maioria ali desenvolvidas, são de caráter de formação e estímulo a práticas artísticas e culturais. Assim eu as aproximo de atividades educacionais informais e justifico o destaque dessa proposta.

A II Conferência Estadual de Cultura de Minas Gerais, que aconteceu em dezembro de 2009, em Belo Horizonte, elegeu, com a participação de delegados de todo o estado, seis propostas para o próprio estado e seis propostas nacionais. Destaquei três propostas das nacionais para mostrar, mais uma vez, como os processos formativos têm sido valorizados na formulação de propostas para políticas públicas de cultura, mesmo não sendo o corpo de delegados das conferências formado por profissionais da educação.

Eixo I - 1. Articulação das políticas culturais com as políticas públicas de educação para elaborar e implementar conteúdos programáticos dedicados à cultura, à preservação do patrimônio e à história afro-brasileira e indígena, ao desenvolvimento sustentável e ao ensino das diferentes linguagens artísticas e línguas étnicas do território nacional, de matriz africana e indígena, e ao ensino de línguas estrangeiras, sob a perspectiva da diversidade cultural, nas escolas públicas e privadas, com a devida capacitação dos profissionais da educação, por meio da troca de saberes com os mestres da cultura popular nos sistemas municipais, estaduais e federais.

Eixo 2 - 2. Inclusão, na agenda política e econômica do Estado (União, Estados), do fomento ao incentivo à leitura por meio da criação de bibliotecas públicas em todos os Municípios e do fortalecimento e ampliação dos acervos, infraestrutura, acesso a novas tecnologias para inclusão digital e capacitação de recursos humanos das bibliotecas públicas municipais, bem como ações da

sociedade civil e da iniciativa privada, que tenham como objetivo a democratização do acesso à cultura oral, letrada e digital.

Eixo 5 - 4. Descentralização de programas e políticas públicas de cultura, fortalecendo as ações de interiorização e a regionalização dessas políticas, com o objetivo de eliminar distorções entre as regiões do País, incluindo a instalação de equipamentos culturais, como bibliotecas, teatros, centros de cultura, dotados de infraestrutura adequada e acessibilidade, bem como garantia de estruturas de apoio a projetos e produções artístico-culturais (II CONFERÊNCIA ESTADUAL DE CULTURA, 2010, n.p.).

Os temas centrais das três propostas escolhidas entre as vinte encaminhadas pela conferência mineira à II Conferência Nacional de Cultura são: ensino e valorização de culturas; leitura e infra-estrutura; instalação de equipamentos que favoreçam as práticas culturais e estimulem a descentralização das políticas públicas.

Qual a pertinência de uma discussão desse gênero, que recai sobre o nível macro, para a caracterização de uma proposta de pesquisa tão recortada e tão singular? Várias as respostas poderiam ser dadas a essa questão. Em primeiro lugar, do lugar hoje de gestor da área de cultura de uma cidade do porte de Juiz de Fora, tenho assistido a essa discussão com uma grande demanda socialmente posta, que envolve o estabelecimento de medidas de ampliação do acesso e do direito à cultura. Mas acima de tudo, essa questão só torna-se pertinente se, efetivamente alimentada de um substrato social que lhe confira sentido. É preciso que sejamos capazes de, por meio da pesquisa no campo da Educação e das práticas sociais, perceber efetivamente em que medida o direito a cultura transforma a vida dos sujeitos e constitui-se numa senha para o mundo. Portanto, pensar o cenário nacional em torno da política cultural hoje envolve pensar, também, os efeitos que ações desse gênero podem servir como sinal iluminador para o adensamento do debate em torno da política pública.

4.2 A cidade local para realização de propostas

Não há dúvidas de que minha história pessoal conduz os meus destaques na análise dos documentos e textos. Meu olhar está impregnado do sentido das

relações de aprendizagem. Aqui não me refiro aos processos da escola e, sim à interação possível entre humanos que permite que a aprendizagem se dê. Desde o tocar de um tambor, o jogo das bolinhas de vidro, a língua, os cantos, o fazer das comidas, as representações. Refiro-me, também, às habilidades indesejadas que milhares de meninos e meninas aprendem todos os dias nesses Brasis: manejar armas, roubar, usar substâncias nocivas e fazer delas meio de vida. Do fundo do meu coração quero um mundo melhor não para mim, para eles. Pessoas, humanos, merecem um mundo melhor do que aqueles que se apresenta para alguns. Pois o mundo, tenho certeza, está longe de ser um só.

Acredito no poder de atividades saudáveis e prazerosas. Acredito que elas possam colaborar para a percepção do sujeito como pessoa e como humano. Acredito que seja possível provocar as pessoas a quererem mais para si, não no sentido consumista, no sentido humanista do desejo. Por isso, ao deixar um trabalho como diretor de um Centro de Atenção Integral à Criança e Ao Adolescente onde estabeleci e incentivei a prática de atividades ligadas à cultura, às artes, ao esporte e ao lazer, pude acompanhar histórias se redesenhando a partir dessa vivência.

Hoje, como gestor da cultura no Município de Juiz de Fora, busco articular com diversos setores da sociedade para a tentativa do estabelecimento de políticas públicas significativas para a cidade e seus habitantes. Fazer isso é como se fosse mais um jogo de peças caducas em mais um tabuleiro irregular. Não é só pensar políticas e, para ser sincero, essa é a melhor e a parte mais fácil. O difícil é desmontar estruturas viciadas, enfrentar especulação imobiliária em detrimento da preservação do patrimônio, é desbancar a velha política de eventos, é desmontar práticas boas, mas para poucos.

Na tentativa de aproximar o meu trabalho daquilo que acredito ser prioritário e obrigação de um gestor público, tenho mantido meu foco na ampliação do acesso aos bens e produção culturais, ampliação de atividades culturais e artísticas para crianças e adolescentes de bairros de baixa renda prioritariamente e, além de tudo, na busca de atitudes democráticas e transparentes na escolha das melhores ações e programas.

A cidade já não é a mesma, mas por desejos de alguns continuaríamos a incentivar a mesma política cultural da época que se dizia que era cercada de pianos de todos os lados. Uma bela construção poética, mas socialmente e geograficamente de difícil entendimento. Quais eram os limites territoriais de todos esses lados?

Respaldo, atualmente, por indicação da necessidade de uma política cultural que intenciona todos, sinto-me confortável para colocar em prática um projeto que pretende alcançar cinco mil crianças e adolescentes com atividades ligadas às artes e às culturas. Trata-se de um programa prioritário para a administração: “Gente em Primeiro Lugar” que poderá se constituir como a ampliação em quantidade daquilo que é hoje objeto deste trabalho: jovens que se re-posicionaram no mundo a partir da vivência de atividades ligadas à cultura.

Através de uma coordenação integrada entre a Secretaria de Assistência Social, a Secretaria de Esporte, a Funalfa e a Secretaria de Educação, o projeto “Gente em Primeiro Lugar” pretende levar aos bairros e comunidades selecionadas atividades de arte, cultura e/ou esporte.

A Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, atuando no eixo da cultura e cidadania, pretende, a partir da identificação de áreas prioritárias pela Secretaria de Assistência Social, estabelecer um conjunto de atividades identificadas com o perfil da população de cada um dos bairros contemplados.

Mais do que incentivar talentos individuais e altas habilidades, no desenvolvimento de um projeto de cunho social, o importante é criar e disponibilizar espaços para que a sensibilização de crianças, adolescentes e jovens possa acontecer através das artes e atividades culturais, buscando ampliação dos espaços de socialização e diálogo para assimilação da convivência.

Outro foco importantíssimo está na vivência plena da cidadania. Assim, em sua prática diária, no planejamento ou no desenvolvimento das ações, os profissionais envolvidos na realização do projeto deverão ter preparação e formação para divulgar direitos e deveres do cidadão e trabalhar, além do conhecimento de sua oficina, a vivência prática de valores sociais e respeito do cidadão a si e ao próximo.

Muitos bairros da cidade de Juiz de Fora não apresentam possibilidades, além da escola, para crianças, adolescentes e jovens, o que gera ócio e não contribui para a formação integral do sujeito e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Tal situação acaba por engrossar o número de pessoas envolvidas em problemas de natureza social, tais como: gravidez precoce; envolvimento com drogas e/ou com atividades marginais; doenças sexualmente transmissíveis; subemprego e outros. É sabido também que existem áreas de grande concentração de pobreza onde se instalam e crescem os problemas acima descritos.

Diante das questões expostas (droga, marginalidade, prostituição), que ampliam o risco social de nosso público-alvo, e por acreditar que o estímulo à atividade e à produção em torno da cultura e das artes é uma saída viável e de resultados rápidos e eficientes, apresentamos tal projeto.

O objetivo central do programa é atender às demandas sociais nos bairros da cidade de Juiz de Fora com relação à arte, cultura, implantando novo modelo de trabalho e de atuação profissional através do atendimento de oficinas artísticas e culturais de forma articulada entre a Funalfa, Secretaria de Educação, Secretaria de Esportes, Secretaria de Assistência Social. Além disso, o programa possui como objetivos: valorizar e difundir a cultura e as artes; trabalhar as potencialidades de crianças, adolescentes e jovens, ampliando o tempo que destinam a atividades de aprendizagem culturais, esportivas e de lazer; oferecer atividades orientadas e produtivas aos participantes do projeto, buscando afastá-los do envolvimento com marginalidade e drogas; ampliar o universo cultural de crianças, adolescentes e jovens, valorizando a autoestima dos envolvidos, através da participação em atividades culturais e artísticas; desenvolver atividades artísticas e culturais nos bairros da cidade de Juiz de Fora, com objetivo de difundir e multiplicar os conceitos e elementos da arte; oferecer alternativas ao crescente avanço e consolidação de valores e atividades ligadas à marginalidade em alguns bairros da cidade; garantir direitos constitucionais; oferecer ao cidadão a possibilidade do completo desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, tornando-o mais hábil para a convivência social saudável.

4.3 Direito à cultura como vivência e fortalecimento da democracia

Pretendo nesta seção do trabalho discutir o direito à cultura como foco e dialogar com o pensamento de autores como Certeau (1995) e Chauí (2006) sobre o tema.

Tentando construir um conceito próprio ou, no mínimo, capaz de satisfazer-me para cultura, busquei em determinados autores e suas respectivas obras quais as explicações que oferecem para a palavra que guarda tantas traduções e sentidos. É preciso enfatizar a dificuldade que existe nessa tarefa de elaborar, fixar ou mesmo

aceitar um conceito para cultura. Os historiadores compreendem, hoje, que não há na palavra cultura qualquer transparência ou sentido de univocidade, daí considerarem as contribuições da antropologia e etnologia para sua significação. Porém, também para os antropólogos, a palavra cultura suscita mais indagações do que certezas. Norbert Elias em seu livro *O Processo civilizador: Uma História dos Costumes* apresenta a seguinte formulação: Conceitos matemáticos podem ser separados do grupo que os usa. “Triângulos admitem explicações sem referência a situações históricas. Mas o mesmo não acontece com conceitos como “civilização”. Claro está que, no seu entendimento, construções em torno do conhecimento podem ser transmitidas, mas a cultura de um povo ou de um lugar, construída pelas pessoas que ali habitam, portanto peculiar, é impossível de se transferir e de ser absorvida com todos os códigos e sutilezas ou, no mínimo ser integralmente compreendida sem vivência.

Tão grande e amplo como conjunto das possibilidades de manifestações culturais são os das definições de cultura. Certeau (1995), entre os autores com os quais tive oportunidade de contato, traz, no meu entendimento, a melhor e mais completa definição de cultura. Talvez pelo fato de Certeau (1995) não excluir nem sintetizar. Sua opção, ao conceituar o tema, é pela amplitude e destaque de várias formas e presenças da cultura e suas manifestações na sociedade, tendo o cuidado de não classificá-las. Assim, opto por sua definição de cultura para propor o início de uma discussão sobre direito à cultura na qual pretendo me aprofundar durante a realização da pesquisa. Incorporo ao meu trabalho esse conceito que, ao mesmo tempo, é subdividido e único que o autor apresenta em seu livro *“A cultura no Plural”*. Para ele, o termo cultura ocorre em *“difusão da cultura”*, *“cultura de massa”*, *“política da cultura”* etc. Pode-se distinguir vários de seus empregos, característicos de abordagens diferentes. Ele designará assim:

a- os traços do homem “culto”, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades estratificadas por uma categoria que introduziu suas normas onde ele impôs seu poder.

b- um patrimônio das “obras” que devem ser preservadas, difundidas ou em relação ao qual se situar (por exemplo, a cultura clássica, humanista, italiana ou inglesa etc.). A idéia de obras que devem ser difundidas acrescenta-se a de “criações” e de “criadores” que devem ser promovidos, em vista de uma renovação do patrimônio.

c- a imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo etc.) ou a uma época (medieval, contemporânea etc.) a *Weltanschauung* de Max Weber, a *Unit Idea* de A.O. Loejoy etc. Essa concepção que atribui as “idéias” tácitas o papel de organizar a experiência aproximar-se talvez da estética de Malraux, substituta das visões de mundo religiosas ou filosóficas.

d- comportamentos, instituições, ideologias e muitos que compõem quadros de referências e cujo o conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferentes das outras. Desde E. B. Tylor (*Primitive culture*, 1871), este se tornou um conceito-chave em antropologia cultural (cf. os *patterns of culture*). Há todo um leque de posições segundo se privilegiem as práticas e os comportamentos ou as ideologias e os muitos.

e- a aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui à criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza.

f- um sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se sobretudo as regras que organizam entre si os significativos, ou, em uma problemática próxima, a mídia (cf. A. Moles) (CERTEAU, 1995, p. 193).

Com relação ao direito à cultura, além das indicações constitucionais e das convenções da UNESCO sobre o tema, já devidamente apresentadas na seção anterior, apropriei-me das discussões trazidas a público por Chauí (2006). No livro “Cidadania Cultural O Direito à Cultura” a filósofa apresenta quatro ensaios sobre os temas principais que gravitam em torno do eixo cultura e políticas públicas. Os textos estão muito centrados em sua prática como secretária de cultura da cidade de São Paulo no início dos anos de 1990.

Numa cidade polarizada por carências profundas e privilégios cristalizados, propor uma política cultural supõe decisões mais amplas, definição clara e prioridades, planejamento rigoroso dos recursos, sobretudo em tempo de crise econômica, quando um órgão público precisa fazer mais com menos. Numa perspectiva democrática, as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e demonstrar privilégios. Numa cidade como São Paulo, tecida pela pluralidade de interesses e de conflitos, por uma teia de diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais, a política cultural de um órgão público precisa ir além do campo clássico, definido no século XVIII, da cultura identificada com a esfera das belas-artes, e caminhar para a efetuação da política cultural e da cultura política. Foi com essas idéias em mente que, em 1989, assumimos a Secretaria Municipal de Cultura (CHAUÍ, 2006, p. 65).

Com necessidade de propor uma política cultural para a sua gestão à frente da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Chauí partiu do seguinte princípio: deveria estabelecer uma política de Cidadania Cultural baseada em cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação. Assim, fortalece a sua posição de cultura em que os cidadãos não sejam consumidores, mas que tenham oportunidade de participar de atividades de expressão e fruição da cultura. Além disso, o cidadão deve ter consciência de seus direitos e vivenciar a cultura como uma prática que lhe dê sentido, pertencimento e não, ao contrário, que se sinta excluído de participar e interferir na vida cultural de suas comunidades, de sua cidade e de seu país.

Por entender a vivência da cultura como cidadania e direito que deve ser estendido a todos, Chauí (2006) enfatiza três modelos de políticas públicas de cultura que, embora pareçam ser muito presentes ainda nas ações culturais propostas por governos no Brasil e no mundo, são veementemente recusadas por ela:

Com o patrimônio histórico enquanto monumentalidade oficial celebrativa do próprio Estado e coloca os órgãos públicos de cultura a serviço de conteúdos e padrões definitivos pela indústria cultural e seu mercado. Em outras palavras, a tradução administrativa dessa ideologia é a compra de serviços culturais oferecidos por empresas que administram a cultura a partir dos critérios do mercado, alimentando privilégios e exclusões. Expressa-se pelo efêmero, liga-se ao mercado de consumo da moda, dedica-se aos espetáculos enquanto eventos sem raiz e proliferação de imagens para consagração, e volta-se para os aspectos intimistas da vida privada, isto é, para o narcisismo.

Estado não é produtor de cultura. Procuramos a recusar a divisão populista entre cultura de elite e cultura popular (bem como o caráter messiânico atribuído essa última, depois transformada em pedagogia estatal) (CHAUÍ, 2006, p. 68).

Ainda sobre o tema do papel do estado nas ações de cultura, utiliza-se de sua larga experiência como gestora pública para salientar importantes indicadores para a fixação de práticas relevantes para o setor baseadas em princípios de valorização do cidadão independente do lugar que ocupa na organização social.

Se a Secretaria Municipal de Cultura pretende ser espaço de representação e de participação dos que trabalham na criação dos

símbolos que constituem a cultura, se pretende ser o espaço de encontro para os que desejam fruir os bens culturais e descobrir suas capacidades como criadores de símbolos, ela só poderá fazê-lo concebendo a cultura do ponto de vista da cidadania cultural. Isto significa que tomará a cultura como um direito do cidadão e, em particular, como direito da criação desse direito por todos aqueles que têm sido sistemática e deliberadamente excluídos do direito a cultura neste país (CHAUÍ, 2006, p. 70).

Na defesa da vivência da cidadania enquanto direito à cultura, apresenta direções e caminhos para essa prática cidadã e enumera aquilo que considera fundamental para isso. Por direito à cultura entende:

- ✓ o direito a participar das decisões quanto ao fazer cultural;
- ✓ o direito de usufruir dos bens da cultura, criando locais e condições e acesso aos bens culturais para a população;
- ✓ o direito de estar informado sobre os serviços culturais e sobre a possibilidade deles participar ou usufruir;
- ✓ o direito à formação cultural e artística pública e gratuita nas Escolas e Oficinas de Cultura;
- ✓ o direito à experimentação e à invenção do novo nas artes e nas umanidades;
- ✓ o direito a espaços para reflexão, debate e crítica;
- ✓ o direito à informação e à comunicação (CHAUÍ, 2006, p. 70-71).

Apresento a aproximação das defesas de Certeau (1995) e a de Chauí (2006) com relação à conceituação de cultura. Chauí propõe uma síntese de suas formulações sobre o que considera cultura. Para ela, Cultura é tanto o processo de criação de símbolos, comportamentos, práticas, valores e ideias de uma sociedade, como o trabalho da inteligência e do pensamento em criação de obras de pensamento e o trabalho de sensibilidade e da imaginação na criação de obras de arte. Penso que os conceitos dos dois autores se reforçam, completam-se e fortalecem a proposição de cultura como direito. Ao mesmo tempo, considero que ambos, ao aprofundarem suas defesas, tentam desmontar a ideia de cultura como sinônimo de erudição. Além disso, percebo, nos dois autores, questionamentos sobre o direcionamento da cultura como ação de destaque de ilustrados e iluminados.

Para maior compreensão do ponto de partida de Chauí (2006) na elaboração das bases de uma política pública de cultura, apresento um fragmento do histórico que desenvolve com relação à cultura através da história.

Vinda do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar tomar conta e cuidar, cultura significa o cuidado do homem com a natureza. Donde: agricultura. Significava também o cuidado dos homens com os deuses. Donde: culto. Significa ainda o cuidado com a alma e o corpo das crianças, com sua educação e formação. Donde: puericultura. A cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e pelo refinamento de suas qualidades naturais. Dessa perspectiva, a cultura era a moral (o sistema de mores ou de costumes de uma sociedade), a ética (a forma correta da conduta de alguém graças a modelagem de seu ethos natural). Na Antiguidade, surgiram duas narrativas míticas encarregadas de explicar como os humanos passaram do estado natural ao estado propriamente humano: em uma delas graças ao conhecimento do fogo e de seu manejo. Em outras a passagem é narrada com a invenção da linguagem. (Pág. 105)

A partir do século XVIII, cultura torna-se sinônimo de civilização, como expressão dos costumes e das instituições enquanto efeitos da formação e da educação dos indivíduos, do trabalho e da sociabilidade. (...) Culta era a pessoa moralmente virtuosa, politicamente consciente e participante, intelectualmente desenvolvida pelo conhecimento das ciências, das artes e da filosofia, de sorte que a divisão social das classes era sobredeterminada pela distinção entre cultos (os senhores) e incultos (escravos, servos e homens livres pobres), e a distinção entre os povos se fazia pela designação do outro como bárbaro. (Pág. 106)

À medida que este segundo sentido foi prevalecendo, cultura passou a significar, em primeiro lugar, as obras humanas. Agora cultura torna-se sinônimo de história.

Entendida como civilização, a cultura passa a significar o aprimoramento e o aperfeiçoamento da humanidade. Entendida como história, introduz a idéia de progresso (CHAUÍ, 2006, p. 107).

Certeau (1995) nos diz que, contrário a todas essas proposições, que nada mais são do que o aprofundamento da democracia, as ações culturais na sociedade tendem a se afastar desses propósitos. Constata que a criação é mostrada e não proposta e o que as pessoas deixam de vivenciar na cultura lhes é vendido como produto ou, como ele mesmo denomina, objetos de consumo. Mais uma vez desqualifica esse modelo de cultura e aprofunda suas posições com relação a ele que contemple todas as linguagens e que seja apresentada como caminho de expressão e vivência e valorização de manifestações plurais e encharcadas de representação simbólica por um grupo social. A sociedade do consumo e do espetáculo transforma tudo em produto consumível e empobrece os sentidos das representações. Ao apresentar tudo dentro de um show, nivelam-se as ideias e as propostas, empobrecem-nas e fragilizam-na, tornando, segundo suas palavras, tudo

igual. As ideologias estão misturadas, pois são apresentadas iguais e no mesmo cenário.

A liberdade de falar pode ser grande onde as palavras e as imagens flutuam, sem determinar as correntes que as carregam. As ideologias conservadoras ou revolucionárias, os personagens os mais diversos, Marx, Freud, Asterix ou Madame Soleil, passam pelas mesmas redes; são todos parecidos e inofensivos porque são igualmente apresentados no mesmo “teatro”, onde as trocas reais (econômicas) começam atrás dos cenários (CERTEAU, 1995. p. 204).

Em uma das diversas provocações na obra nos indaga: Para que servem essas palavras que se tornam não-críveis, uma vez que não abrem as portas cerradas e não mudam as coisas?

A cultura pensada como uma representação simbólica de um grupo social encontra cada vez menos espaço na organização social e política na atual configuração do mundo, sejam esses espaços no universo da cidade ou do país. A cultura do operariado, por exemplo, não o representa mais. Os trabalhadores por vezes reproduzem os símbolos, as representações e as manifestações culturais de outros grupos, tornando-se, na superfície iguais ao outro. Assim, fragilizam-se e fortalecem a ideologia do outro, que, por sua vez, já imagina que suas representações sejam universais. Assim, a ação que visa consolidar uma cultura “operária” não corresponde mais às vontades expressas pelos próprios trabalhadores, ciosos de uma participação na cultura comum e pouco dispostos a se deixar encerrar em um universo próprio. Diz Certeau (1995, p. 208 – 212).

Uma produção social é a condição de uma produção cultural.
(...) quando admitirmos pensar e tratar a cidade não como uma linguagem unívoca, mas como uma multiplicidade de sistemas que fogem aos imperativos únicos de uma administração central, irreduzíveis a uma fórmula global, impossíveis de isolar do habitat rural, comportando organizações econômicas, mas também sistemas de percepção da cidade ou de associações de vias que são práticas urbanas, vivenciaremos um novo tipo de sociedade.

Em uma cidade, sem dúvida, moram várias cidades. Cada uma delas com todo um conjunto de códigos, símbolos e representações específicos. Mas em um mundo que unifica e iguala tudo e todos, essas cidades se tornam invisíveis dentro

da grande cidade. Elas parecem ser uma só. Mas não são. As diversas cidades, seus diferentes grupos sociais constroem sentidos para as coisas e para a vida de forma distinta. É necessário que se enxerguem as diversas cidades e que a elas se favoreçam e valorizem o que possuem de específico. Pensar dessa forma é pensar em bases para uma política pública de cultura alicerçada na prática da cidadania e, principalmente, da democracia. Pensar em mudanças estruturais para a sociedade que possibilitem pensar que não esteja dividida, como propõe Certeau (1995), em passiva e ativa, conforme a localização do sujeito na sociedade, apresenta-se como um caminho saudável para a construção de políticas públicas que incorpore o direito à cultura e à plena vivência da cidadania.

Segundo Certeau (1995), sempre discutimos cultura do nosso lugar. Entendo que, ao dizê-lo, o autor sugere que não somos capazes de olhar e perceber o outro e suas diferenças, seus valores. Olhamos o outro a partir do nosso lugar e o classificamos e julgamos desse mesmo ponto. Daquele nosso ponto no mundo observamos sua incapacidade de se adaptar à sociedade como nós a vemos e desejamos que ela seja. Essa posição é completamente antagônica às indicações de valorização da diversidade cultural apresentada pelas convenções da UNESCO (2003, 222- 239) e seus signatários.

Não poderemos, portanto, discutir a cultura assim como seus aspectos globais, sem reconhecer, em primeiro lugar, o fato de que tratamos desse assunto apenas segundo um certo lugar, o nosso.

Na sociedade do espetáculo, a superabundância dos significados resulta na impossibilidade de encontrar uma expressão própria. As mensagens são abundantes, saturam a atmosfera e a cada dia é preciso limpar as cidades de montes de lixo; mas seu burburinho cria uma ausência de palavra.

É um indício do sistema no qual quanto mais linguagem há, menos se fala.

Caminhando para a conclusão, recorro mais uma vez às proposições de Certeau (1995), para concordar com ele quando questiona a classificação da cultura e a desvalorização de algumas manifestações tidas como menores ou pouco representativas pelos grupos ligados à cultura dita “superior ou melhor”. Suas indagações fazem-nos lembrar de outros tantos textos que conversam entre si. Esse intertexto recorda do cancionero popular e traz a lembrança da música de Marisa Monte (1991):

Volte Para O Seu Lar

Composição: Arnaldo Antunes

(...)
 Aqui nessa tribo
 Ninguém quer a sua catequização
 Falamos a sua língua,
 Mas não entendemos o seu sermão
 Nós rimos alto, bebemos e falamos palavrão
 Mas não sorrimos à toa
 Não sorrimos à toa
 Aqui nesse barco
 Ninguém quer a sua orientação
 Não temos perspectivas
 Mas o vento nos dá a direção
 A vida que vai à deriva
 É a nossa condução
 Mas não seguimos à toa
 Não seguimos à toa
 Volte para o seu lar
 Volte para lá
 Volte para o seu lar
 Volte para lá

O registro do outro é folclorizado, menosprezado, inferiorizado. É desprezado pela cultura hegemônica. A força ideológica da cultura é tão grande que é preciso estar em alerta para não deixar que uma manifestação seja assumida como as do outro e, pior, incorporada como própria. Se isso se dá, e de fato acontece, as manifestações, até mesmo as mais tradicionais, perdem força e simbolismo e um dia desaparecem sufocadas pela pujança prepotente da cultura que predomina na sociedade.

Que fronteira é essa, portanto, que deixa passar para nossa cultura somente signos caídos ou extraídos, inertes, de uma outra cultura? (...) A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. Há uma relação necessária de cada produção cultural com a morte que a limita e com a luta que a defende. A cultura no plural exige incessantemente uma luta (CERTEAU, 1995, p. 241).

A diversidade cultural deve ser respeitada e valorizada. Temendo pelas grandes perdas que práticas hegemônicas danosas podem provocar à cultura e suas múltiplas manifestações ao redor do planeta, a UNESCO promoveu em 2005 a

Convenção Sobre a Proteção e Promoção Da Diversidade das Expressões Culturais que em seus objetivos e princípios diretores, preconiza:

Os objetivos da presente Convenção são:

- a) proteger e promover a diversidade das expressões culturais;
- b) criar condições para que as culturas floresçam e interajam livremente em benefício mútuo;
- c) encorajar o diálogo entre culturas a fim de assegurar intercâmbios culturais mais amplos e equilibrados no mundo em favor do respeito intercultural e de uma cultura da paz;
- d) fomentar a interculturalidade de forma a desenvolver a interação cultural, no espírito de construir pontes entre os povos;
- e) promover o respeito pela diversidade das expressões culturais e a conscientização de seu valor nos planos local, nacional e internacional;
- f) reafirmar a importância do vínculo entre cultura e desenvolvimento para todos os países, especialmente para países em desenvolvimento, e encorajar as ações empreendidas no plano nacional e internacional para que se reconheça o autêntico valor desse vínculo;
- g) reconhecer a natureza específica das atividades, bens e serviços culturais enquanto portadores de identidades, valores e significados;
- h) reafirmar o direito soberano dos Estados de conservar, adotar e implementar as políticas e medidas que considerem apropriadas para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais em seu território;
- i) fortalecer a cooperação e a solidariedade internacionais em um espírito de parceria visando, especialmente, o aprimoramento das capacidades dos países em desenvolvimento de protegerem e de promoverem a diversidade das expressões culturais (UNESCO, 2003).

Esses pressupostos somaram-se às indicações metodológicas eleitas e junto a elas favoreceram-me, dando suporte à pesquisa e a análise das narrativas. A partir desses indicativos, construí perguntas e caminhei na busca e na elaboração de respostas sem pretensões generalizantes. O diálogo com os autores e suas ideias foi fundamental nas escolhas de caminhos na tentativa de elucidação da questão de investigação proposta nessa pesquisa.

Concluída esta etapa, apresento na sessão seguinte minhas considerações finais sobre o trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analiso este procedimento de pesquisa com dois olhares distintos: o de participante do processo de vivência do direito à cultura que foi durante a pesquisa investigado e como superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, fundação pública e responsável pelas políticas públicas de cultura, em nível municipal em Juiz de Fora. Um não pode estar separado do outro nesse momento. Necessito da análise crítica do processo vivido e ao mesmo tempo enxergo nele pistas para o desenho de políticas públicas mais abrangentes na mesma direção. Propostas, no entanto, que devem ser personalizadas, adaptadas a cada realidade.

Ao iniciar este processo de pesquisa, ou ainda desde quando ele ainda era um projeto de pesquisa, já havia a certeza de que nada que fosse concluído a partir da sua realização e conclusão poderia ser generalizado. Essa experiência é única. Acontece em tempo e local definidos e diz respeito a uma realidade. Não existem, pois, conclusões e, se houvesse, elas não seriam generalizantes. A vertente metodológica escolhida não se pretende como tal. Não propõe modelos, tampouco desconsidera a contextualização das vivências estudadas. Demo(2004) deixa claro ser a generalização um dos principais desafios impostos pela pesquisa qualitativa. Por mais que uma investigação seja intensa e profunda, ela jamais poderá estabelecer regras gerais. Outro limite encontrado na pesquisa qualitativa seria a subjetividade, mas o autor lembra que a história é constituída de fenômenos únicos que não se repetem, portanto todo fenômeno é novo e nada está fora da história. O uso da pesquisa qualitativa quer apenas realçar essa complexidade do fazer ciência, mas consciente de que toda dinâmica também revela as suas formas.

Fica claro, no entanto, que, nas análises das diversas manifestações escritas ou orais dos jovens participantes do grupo investigado, que enxergam na experiência um caminho que colaborou para sua formação mais plural e cultural e seus novos projetos de vida. Eles mesmos, por várias vezes, indicam que experiências semelhantes poderiam ser muito significativas e prazerosas para outros jovens, mesmo que inseridos em outros contextos. Nada impede, contudo, que o caminho pensado nessa experiência de vivência do direito à cultura possa apontar caminhos para outras experiências, para outras realidades e envolvendo jovens das diversas realidades brasileiras. No entanto, nada garante seu sucesso.

Em dado momento da pesquisa, os jovens verbalizam que não é qualquer proposta que encanta e seduz adolescentes e jovens. Seguem afirmando que é necessário que exista proposta definida e fundamentada e, ao mesmo tempo, que tenham garantidos alguns pontos que passaram a enxergar como fundamentais. São eles: profissionais com formação e motivação para encabeçar o projeto, garantia dos materiais e instrumental necessários às práticas culturais em questão, espaço físico minimamente adequado e, acima de tudo, garantia de continuidade do projeto. É necessário que o jovem se sinta acolhido e tenha tempo para maturar os seus pensamentos e elaborar suas criações. As críticas ao comportamento e produção dos jovens, quando não trabalhadas com o devido cuidado, podem também atrapalhar e interromper o processo pessoal e, conseqüentemente, o coletivo.

Nas considerações finais, outro ponto que não pode ser desconsiderado é a organização de vida dos jovens envolvidos. É necessário que se diga que, apesar de serem pessoas de origem humilde, eles não são sozinhos, são cuidados e têm, todos eles, referência forte na família. Ainda que essa família não conviva com todos os parentes diretos, ou não mais exista como no caso específico do Bryner, as referências familiares são fortes e partem dali a elaboração da base de seus valores. Trabalhamos com um grupo de jovens cuja presença e interação com a família é grande. Destaco esse aspecto, uma vez que, durante a ausculta, as falas dos jovens trouxeram informações como: “Tudo que eu sou eu devo ao teatro.” E isso não corresponde à verdade de fato. Até porque eles trazem referências fortes: a família, a igreja, o grupo de jovens católicos, os amigos, a escola, os professores, dentre outras. Talvez esse peso possa ser dado, como já disse anteriormente, pela emoção criada pelos sons e imagens utilizados como objetos geradores, pela provocação da memória sobre o processo vivido especificamente nesse espaço e nesse contexto, talvez simplesmente pela romantização da realidade, própria da juventude ou, ainda, pela minha presença e a suposta ideia de que poderiam me agradar com determinadas posições, o que praticamente descarto.

Antes de começar a pesquisa, algumas pessoas me alertaram sobre a possibilidade de esses jovens apenas dizerem o que eu gostaria de ouvir. Não por má fé, ou por bajulação, mas por um processo natural, intrínseco, humano, como se a nossa convivência não pudesse justificar algo inteiramente verdadeiro. Discordei e segui. Balizado por uma excelente orientação e pelo conjunto de leituras que realizei

para construir a metodologia, reforçei minha crença de que isenção não é sinônimo de ciência de qualidade. Mantive o meu propósito. Ao chegar a essas manifestações dos jovens sobre o tema da pesquisa, não posso afirmar que suas falas não estejam minimamente influenciadas pela minha presença e pela nossa convivência, mas sou obrigado a reconhecer que são válidas e pertinentes. Trazem muitas colaborações para esse meu outro momento de vida como gestor das políticas públicas de cultura em Juiz de Fora.

Somos hoje um grupo e eu me coloco como membro do grupo. Não sou mais, há quase cinco anos, o diretor do CAIC. Discutimos, brincamos e não sou e nunca fui, a figura inatingível do diretor escolar trancado em um gabinete. Produzimos juntos e, para isso, muitas vezes, brigamos e discordamos como em qualquer processo criativo. As influências vêm de diferentes espaços e pessoas, entrecruzam-se e não existe possibilidade de mensuração da importância ou do tamanho de uma em detrimento das outras. São todas importantes para a constituição dos sujeitos em questão.

Esses jovens são perspicazes o bastante para assumir para si o discurso pedagógico que justifica a proposta, são sensíveis para perceber uma realidade nacional que carece de experiências similares a esta, são inteligentes e capazes de criar artisticamente e fazer inferências capazes de emocionar uma pedra. Relacionam autores, leem boa literatura, frequentam eventos culturais e os criticam. São jovens politizados e não adestrados, não teriam razão para desejar me agradar com falas ou ações, embora tenha consciência de que sou uma das fortes referências que possuem na vida.

Arte e cultura, assim como a escola, não são pílulas efervescentes e mágicas capazes de resolver todas as mazelas do mundo. Podem ser um caminho de trabalho interessante na complementação da formação integral com o sujeito. Podem ser significativas para um jovem ou um grupo deles em determinado contexto e podem não dizer nada para outros. Podem ser uma alternativa ao caminho do ócio ou das drogas, mas podem ser inócuas em outras realidades. Mais uma vez afirmo: não é possível a generalização a partir de uma experiência e um contexto para todos os jovens e todas as realidades

Mais uma vez não apresento a fala de todos para analisar um ou outro eixo dos quatro propostos. Justifico esse procedimento pelo fato de praticamente não existir discordância entre eles. Existem, em determinados aspectos, a força maior ou

menor nas falas. Uns evidenciam mais a vivência da cultura, outros deram mais foco à história de suas infâncias, há os que ainda apresentam mais os seus projetos futuros. Eles misturam muito as próprias histórias com a história do grupo. Conhecem-se e são próximos. Um ajuda o outro a lembrar e, por isso, a lembrança do outro favorece as lembranças pessoais. Assim, no mais das vezes, a fala de um jovem foi usada para justificar um pensamento coletivo, confirmando e reforçando as indicações de Ecléa Bosi (2003) que utilizamos para orientação metodológica deste trabalho, ou seja, que, em pesquisa com memória de grupo, as lembranças de um podem trazer as memórias de outros, complementando-se, mas não necessariamente esgotando ou fechando as questões ligadas à história desse grupo. Os cacos, os buracos, os hiatos e os vácuos, como nos sugere Drummond no poema (In) memória (1989), permanecem e constituem importantes elementos menemônicos.

Durante os onze anos em que fui diretor do CAIC, entre nove e dez mil pessoas passaram por lá. É claro que, durante esse tempo, muitas pessoas com histórias bacanas, com caminhos diferentes, com menor ou maior interesse, conviveram naquele espaço. Umas mais ligadas à escola, outras às oficinas, outras ainda ligadas ao esporte. Há ainda outro grupo que, mesmo tendo vivenciado uma vida escolar sem muito sucesso, tornaram-se pessoas dignas, trabalhadoras e honestas. Existe a história desses jovens que, muito próximos ao CAIC, aproveitaram o que entendiam ser o que de melhor era oferecido. Analisei a trajetória de sete jovens que pertenciam ao grupo de teatro que se formou dentro da instituição sob minha supervisão direta. Eles faziam parte de um grupo que chegou a somar 23 adolescentes e jovens. Desses, dezenove estão cursando ou já cursaram uma faculdade. A escolha dos sete não se deu por ser essa história melhor ou mais especial que as demais. A escolha se deu por conta dos sete ainda estarem próximos e por ainda continuarem a vivenciar os desdobramentos daquela experiência. O grupo de teatro que nasceu daquela proposta ainda existe e produz. Os sete ainda fazem parte do grupo e eu ainda dirijo as suas produções teatrais.

A questão de investigação foi respondida. Os sujeitos envolvidos na pesquisa consideram que a vivência do direito à cultura faz diferença na vida de jovens em eminente situação de risco social, inclusive nas suas próprias vidas, atribuindo importantes significados a essas experiências. Embora esse não seja um espaço para conclusões fechadas, não há como não ser afirmativo nessa análise. Em suas

manifestações, os sete jovens não deixaram dúvidas quanto ao seu posicionamento, são atores de um projeto que consideram extremamente relevante para suas vidas e indicado para outras realidades. As contribuições que trazem ajudam a compreender a valorização que dão às atividades das quais participaram para o traçado de novos projetos de vida, tanto que sugerem que esse tipo de oportunidade não deveria ser um caso isolado. Apontam para a necessidade de vontade política para estender a todos os cidadãos, em idade escolar, oportunidades como a que eles viveram. Quem sabe assim, dizem, mais jovens poderiam ter escolhas mais saudáveis e positivas como as que eles fizeram

Como gestor cultural, tenho que ser perspicaz e usar essas indicações na ampliação do direito à cultura ao maior número de jovens possível e isso tem sido gestado dentro da ação de minha equipe na FUNALFA. Um projeto de atendimento de crianças e adolescentes está em processo de construção e já atende a cerca de 3300 crianças e tem como meta 6000 atendimentos no final de 2011. Para a elaboração desse projeto, muito de minha experiência como diretor geral do CAIC Núbia Pereira Magalhães foi utilizada. “Gente em Primeiro Lugar” é uma ação de política pública de cultura e está entrando nos bairros da faixa mais pobre, indicados pelo atlas social da cidade. Além disso, sessões de cinema, teatro e contação de histórias, dentre outras manifestações artísticas, têm sido gratuitamente disponibilizadas às escolas e comunidades carentes como forma de ampliação do direito à cultura. Isso não é uma dádiva, nem uma concessão, é o cumprimento da lei que garante a todo o cidadão o direito à vivência e à produção cultural. Conhecedor das possibilidades que essas vivências podem trazer, reforçado inclusive pelo resultado desta pesquisa, reafirmo o compromisso público de trabalhar pela ampliação do direito à cultura ao maior número de cidadãos que os limites da administração pública me permitir concretizar.

Este trabalho tem uma epígrafe de Drummond, descreve um processo iniciado com a interpretação e a dramatização de seus poemas. Fala de palavras e usa palavras para perguntar e fazer ausculta de um processo vivido. Abusa das belas escolhas do poeta na construção de seus memoráveis textos, propõe e enxerga intertextos e usa, como derradeiro ponto, um dos mais lindos e lúcidos poemas de sua autoria: “Mãos Dadas” com o qual me mantenho acordado para minhas responsabilidades como gestor público. É preciso sentir o mundo e responsabilizar-se pela sua necessária transformação.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente. (Drummond, 1988, p. 118)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A palavra Mágica**: poesia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo I**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Senha do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BARBOSA, Eduardo F.. **Instrumentos de Coleta de Dados em Projetos**

BARROS, José Márcio (Org.). **As mediações da cultura**: arte, processo e cidadania. Belo Horizonte, MG: Ed. PUC Minas, 2009.

_____.). **Diversidade Cultural**: Da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Aos leitores** (editorial). Observatório Itaú Cultural / OIC, São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 8, p. 8-12, 2009.

BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular**: uma revolução copernicana ao contrário. Apresentação Fernando Peixoto. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1979

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 17 de mar. 2010.

_____. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/conade2.htm>>. Acesso em 19 mar. 2010.

_____. Ministério da Cultura. **Texto-base da Conferência Nacional de Cultura**. Brasília, DF. 2010. Disponível em <http://blogs.cultura.gov.br/cnc/files/2009/08/Texto-Base.pdf>. Acesso em 17 de mar. 2010.

_____. Ministério da Cultura. **Cultura e Educação**: Contribuir para qualificar a educação formal e formação cidadã dos brasileiros. Brasília, DF, 19 mai. 2008. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/pnc/diagnosticos-e-desafios/politicas-intersectoriais/cultura-e-educacao/>. Acesso em 16 de mar. 2010.

_____. Ministério da Cultura. **Sobre o Plano**. Brasília, DF, 14 mai. 2008. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/pnc/introducao/>. Acesso em 16 de mar. 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2008.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. 1ª Ed. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2.ed. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2004.

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG – **Grupo Focal**. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/escplural/grupofocal.htm>. Acesso em 18 abr. 2010.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania: uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Coleção Ágere)

JUIZ DE FORA. **Diretrizes geradas pela II Conferência Municipal de Cultura**. Prefeitura de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, set. 2009. Disponível em <http://www.pjf.mg.gov.br/Funalfa>. Acesso em 17 de mar. 2010.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar em meios populares: as razões do improvável**. São Paulo, Ática, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIRANDA, Sonia Regina. **Relatório de Pesquisa FAPEMIG**. Configurações do saber Histórico escolar em um currículo em mudança. 2009. Aprovado pela FAPEMIG.

_____. **Vontades de Memória em um currículo em mudança**. Anais do XI Encontro Regional de Pesquisa da Anped Sudeste. Universidade Federal de São Carlos, 2009b.

MONTE, Marisa. **Mais**. São Paulo: EMI, 1991. 1 disco compact (60+min): digital, estéreo.

NUÑES, Carlinda Fragale Pate. **O Teatro Através da História**. Rio de Janeiro : Centro Cultural Banco do Brasil ; Entourage produções Artísticas, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PEIXE, João Roberto. **A importância estratégica do Sistema Nacional de Cultura**. Blog do Sistema Nacional de Cultura. Ministério da Cultura. Brasília, DF, 08 mar. 2010. Disponível em <http://blogs.cultura.gov.br/snc/tag/historico/>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim Silvério. **Metodologia do trabalho científico**. 21. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes** – Reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo, SP. Editora Paz e Terra S.A., 2001.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2000.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. 3ª Ed. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S.A., 2002.

UAKTI. **Clássicos**. Manaus: Sonopress. 2003. 1 disco compact (60+min): digital, estéreo.

UNESCO. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco, 2003.

VELOSO, Caetano. **Bicho**. São Paulo: Polygram. 1977. 1 disco compact (60+min): digital, estéreo.

WARNIER. Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

II CONFERÊNCIA ESTADUAL DE CULTURA. **Documento Final**. Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em http://www2.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/hotsites/cultura/docs/documento_final_completo.pdf. Acesso em 17 de mai de 2010.

ANEXOS

ANEXO I

Juiz de Fora, 06 de março de 2010.

Para Cristiney, Tamyris, Briner, Fabiana, Fábio, Michel e Gilberto

Algumas vezes falamos de como vocês foram capazes de desenhar uma alternativa bacana para suas vidas. Ao refletir sobre a história de vocês, reflito e reconstruo a minha e não posso deixar de ter orgulho da minha trajetória. Também filho de pessoas muito simples, uma costureira e um operário, me tornei professor, diretor de escola, participei da administração na Secretaria de Educação de Juiz de Fora, e hoje sou Superintendente da Funalfa. As escolas que freqüentei e as pessoas que ali encontrei me ofereceram muitas oportunidades, dentre elas, o convívio com a arte. Penso que isso me fez diferente e mais sensível às questões do mundo.

Tenho trabalhado mais de perto com vocês já há um bom número de anos e isso fez com que eu lhes conhecesse mais de perto. É como um namoro. Você se aproxima de uma pessoa e o conhecimento vai se estabelecendo. Conheço vocês, os admiro e tenho orgulho de ter participado um pouco da história de cada um. Mas gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.

Queria pedir a cada um que receber essa carta, que se possível, responda-a contando um pouco da sua trajetória, seu processo com o teatro, a dança e se você enxerga se isso o ajudou de alguma forma. Queria pedir permissão a vocês para provocá-los a fazer um exercício de memória e tentar lembrar de momentos significativos em suas vidas, dos momentos de decisão. Lembrar das oficinas e tentar explicar o porquê de estarmos juntos até hoje. Ou seja, contar na ótica pessoal a nossa história e suas histórias pessoais.

Vocês sabem que venho investigando sobre jovens e adolescentes e o contato com a arte, e como a ampliação do tempo deles em oficinas de arte, cultura lazer e esporte podem colaborar com a criação de novas expectativas e “desenhos” de vida.

Essa colaboração de vocês seria muito importante para o meu trabalho. Se vocês não considerarem esse pedido invasivo gostaria que me respondessem

através de carta e me permitissem posteriormente vir a usar esses relatos na exemplificação de minhas observações, caso elas se comprovem na pesquisa que pretendo realizar.

Um grande e carinhoso abraço,
Toninho.

ANEXO II

Juiz de Fora 19 de abril de 2010

Toninho

AH! Escrever é bem mais difícil do que lembrar, na verdade acho que é porque não sei ao certo o que contar.

Bem como você já deve saber tenho 3 irmãos, quer dizer 2 irmãos mais novos que eu e uma irmã mais velha. Desde que minha irmã começou freqüentar a escola, meu pai me obrigava a aprender as mesmas coisas que ela, embora eu fosse 2 anos mais nova. Copiava as atividades dela e ficava horas e horas para desempenhar. Meu pai sempre foi muito rígido, para mim, até de um modo desnecessário, mas isso não convém contar.

Como resultado aprendi a ler e a escrever antes de ingressar no colégio. Quando comecei o que chamamos de 2º e 3º período, na época chamava prezinho, virei o xodó da escolinha, pois já entendia da leitura, era metida a escrever, e fazer continhas. O tempo foi passando e com aquele amontoado de professores me bajulando, não foi difícil aprender o mais importante: gostar de estudar, e gosto até hoje.

Em um dos passeios do prezinho, fomos ao teatro assistir “Alice no país das Maravilhas”, acho foi nesse dia que nasceu a sementinha do teatro em mim; desde então todo o tempo em que eu não estava na escola, ou em casa tentando desenvolver as complicadas atividades da minha irmã mais velha, eu me desembestava a imitar Alice e fingir viver naquele mundo fantástico. Brinquei muito também de ser Rapunzel, minha mãe como sempre cuidadosa, trançava os meus cabelos, tal qual me sentia uma princesa das tranças.

Meus pais sempre brigaram muito, e quando eu digo muito, é muito mesmo, quase sempre era por conta da ignorância do meu pai, se tem uma coisa em que ele era bom, era em dar castigos, num desses minha casa parecia um quartel, tinha hora para tudo, nosso dia começava antes das 6 da manhã, para 4 crianças era o fim, para piorar o único horário em que poderíamos assistir televisão lá em casa, era por volta de 20:00 hs, e o que meu pai sempre via naquele horário era o “Jornal Nacional” assim aprendi a gostar de jornais, pretendo até ser uma jornalista, e sou fã da Fátima Bernades e Do William Borner.

Eu tinha dez anos de idade quando minha família se mudou de Osasco-SP para Barbacena, onde moramos apenas 5 meses. O casamento de meus pais piorou, e as brigas estavam se tornando rotina, minha mãe então resolveu ir embora de casa e levar os filhos (nós quatro). Saímos de casa meio que fugidos, meu pai não sabia que a gente não iria mais voltar (pelo menos não para morar), e de fato depois daquele 02/10/98 só voltamos a vê-lo 8 meses depois, quando a separação deles já estava legalizada.

Passamos muito aperto, não trouxéramos nada, nem roupas, nem sapatos, nem nada, só a coragem da minha mãe de querer viver melhor e nos deixar viver. As coisas aqui em Juiz de Fora foram fluindo aos poucos, mudamos para Stª Cruz, um bairro relativamente pobre, famoso pela alta criminalidade, tráfico de drogas e entorpecentes.

Minha mãe trabalhava de dia e de noite, para que não faltasse nada... Eu e meus irmãos estudávamos no CAIC, e fora do horário da aula, ficávamos lá na escola quase o tempo todo, não tinha ninguém em casa também, e minha mãe só chegava de madrugada. Cada um dos meus irmãos praticava as oficinas que mais gostavam, e eu fominha, fiz quase todas: atletismo, vôlei, ginástica olímpica, dança, contadores de história, informática, espanhol e teatro... nem sei se esqueci alguma. Depois de alguns anos percebi que eu gostava mesmo era de brincar de Alice e fiquei apenas na oficina de teatro. Se a escola não tivesse essa estrutura para nos abraçar, com certeza eu e meus irmãos seríamos apenas mais um traficante ou drogado, ou já teríamos uma penca de filhos e não pensaríamos em ser pessoas melhores, muito menos em continuar estudando, ter uma profissão e uma vida digna.

Como já contei sempre li muito, primeiro na infância por causa de meu pai e depois por gosto mesmo, ou melhor por curiosidade própria, sempre fui metida a querer saber das coisas. Esse hábito também ajudou a me tornar a pessoa que sou, nos livros tinham histórias de pessoas que fizeram as coisas certas, e deram certo na vida, escolhi ser uma delas.

Nem tudo que conquistei e que sou, foi uma escolha direta minha, em dados momentos eu apenas escolhi que não queria algo que julgava ruim, e o contrário do ruim, sempre foram coisas boas.

Na 5ª Série me lembro que uma amiga “Maria”, com apenas 11 anos engravidou, no princípio algumas colegas acharam legal, mas depois ela precisou

parar de estudar, ter responsabilidades, e ainda ouvir os cruéis julgamentos das mais diversas pessoas. Neste dia, eu escolhi que não queria ter uma gravidez na adolescência.

Não me recordo data ao certo, o fato é que um irmão de uma coleguinha da escola era usuário de drogas, na minha inocência achava que era um modo dele se distrair, em verdade conheci muitas pessoas que usavam os mais variados tipos de drogas, e quase todas elas já haviam me oferecido e até então, não sei o porquê, mas disse não a todos. Esse rapaz irmão da amiga, um dia drogado com mais dois colegas, bateram em um policial, colocaram mordanças, prenderam o mesmo no porta-malas de um carro e atearam fogo. Depois desse dia decidi não me meter com drogas.

Muitos outros fatos marcaram a minha história, de modo que não sabia ao certo qual caminho eu queria, mas o que eu não queria sempre foi determinante. Na oficina de teatro do CAIC, quase todos os meus colegas eram católicos, e eu por uma longa história nem era batizada, eles me chamavam para participar das encenações na igreja, muitas até durante as missas e, e eu não entendia nada daquela celebração. Meio que no oba - oba, acabei já com 16 anos batizando na igreja católica, fiz um curso antes e aprendi algumas coisas do catolicismo. Não concordo com inúmeras coisas realizadas e pregadas na igreja, mas reconheço que estar ali no meio religioso também contribui para ser uma pessoa de bem.

Com o teatro nem preciso dizer, não parei mais, era na escola na igreja, numa festa, não importa, qualquer lugar era lugar e por isso decidi que era preciso continuar estudando.

O que nunca vou compreender é porque as pessoas que gostamos tem que morrer, ou simplesmente porque têm que ficar distantes de nós. Muitas pessoas da turma de teatro saíram, ou ficaram pelo caminho. Outras pessoas desistiram desse grupo, mas não do teatro.

Por exemplo, a Aline (Melo), adoro ela como pessoa, até chamo ela de mãe, mas para conviver em grupo com ela é bem difícil, na igreja então, como ela era líder, piorava..Mas não sei o motivo, só sei que ela se afastou do teatro, da igreja e de nós. Ah! também tem o Robinson, ele decidiu estudar e de fato está mesmo, casou e não tem tempo para o grupo. A Diana também precisou nos deixar, para se formar profissionalmente, mudou de religião e não sei se pensa em voltar para o grupo. Sobre o Felipe, nem tenho palavras para dizer o que ele significou

para mim, às vezes esqueço que ele já não está entre nós. Com a perda das pessoas, definitivamente ou não, também aprendi, por exemplo, que devemos fazer sempre o melhor para nós e para os outros, afinal não sabemos se vamos ter o dia seguinte para tentar de novo ou pedir desculpas.

O que tenho certeza é que vou continuar estudando, lendo e “teatrando”, pois essas são as minhas escolhas. Afinal como disse Silvia Ortoff: “... você escolheu uma história, mas esqueceu de lembrar que são as histórias é que escolhem a gente...” E com boas escolhas, as histórias felizes me escolherão. (Espero...)

Abração.

Ass:Fabiana de Paula

Toninho,

Bom, me chamo Fábio, minha família e amigos me chamam de Fabinho, tenho 19 anos moro atualmente em Sta Cruz em juiz de fora, mas nem sempre morei lá. Sou natural de Osasco-SP onde passei boa parte da minha infância lá tive uma infância um pouco rígida de mais, tinha que cumprir normas e regras severas; assim como meus pais tinha que seguir quando criança. Mas mesmo assim fui muito feliz lá com minha família.

Em 1998 por motivos financeiros mudamos para Barbacena-MG cidade natal de meus pais, lá morei pouco tempo apenas quatro meses; devido ao casamento conturbado de meus pais eles vieram a se separar.

Assim me mudei para Juiz de Fora onde os familiares de minha mãe moravam, logo minha mãe tinha um problema estava sozinha para cuidar de quatro filhos, alimentá-los, estudá-los e educá-los e ainda tinha que trabalhar para podermos sobreviver fato minha mãe e meus irmãos demos sorte de encontrar uma escola quase completa, essa escola resolveu grande parte de nossos problemas, lá conseguimos estudar, e ainda a escola oferecia oficinas de esporte e cultura, eu e meus irmãos nos matriculamos, assim minha mãe poderia trabalhar, por estarmos em ambiente escolar o dia inteiro nossa educação como pessoas estaria quase a se resolver.

Assim o quase milagre estaria resolvido uma mulher separada com quatros filhos até então analfabeta conseguiria criar por sinal muito bem seus filhos. Nessa escola, lá fiz minha vida me tornei alguém, não era “tratado” como a o filho do meu pai ou da minha mãe e sim como o Fábio, o CAIC foi muito importante me proporcionou muitas alegrias, experiências fantásticas. .

O engraçado que meus professores não eram apenas meus mestres, mas também meus amigos e isso com certeza me ajudou, não só na escola mas também no meu crescimento pessoal estava cercado de intelectuais já novo.

Minhas atividades extras escolares era o teatro e a informática, ambos eram tidos pra mim como atividades de puro hobby, nessa época tinha pra mim que iria fazer geografia mau sabia que esses hobbies viriam a ser minha principal meta de vida.

No teatro de início acho que no de 2001 no projeto arte e educação com a coordenação do Toninho diretor da escola e Felipe Costa, depois continuei a fazer teatro com o Felipe pessoa que me ensinou muito como mestre como pessoa, ele acreditava no meu trabalho, infelizmente uma grave doença veio tirar esse tão querido mestre de nos. Houve uma época em que eu tinha deixado o teatro de lado ao um novo convite do Felipe eu retornei e depois dei continuidade com o Toninho. A oficina de informática me ajudou a desenvolver a curiosidade sobre as coisas tecnológicas; sobre a coordenação do professor Bismar, aprendi muito e se tornou grande amigo e professor.

Logo completei o ensino fundamental comecei a estudar em um outro colégio próximo de casa, mas dei continuidade com as oficinas. Mas o tempo foi passando devido a minha dedicação e curiosidades aguçadas pelas oficinas comecei a investir mais nessas áreas que tanto me agradavam. Ainda no ensino médio iniciei um curso Téc. Mecatrônica, área que a informática da oficina do CAIC me ajudou a gostar e apaixonar.

Pronto resolvi ter como projeto de vida essa área a tecnológica o Senai que é a escola onde fiz o curso Técnico também teve muita importância lá realizei outros cursos na área e cada vez mais me aperfeiçoando na área esse curso me estimulou também na minha escolha da faculdade, eu era sempre estimulado e incentivado por amigos e professores lá do CAIC e também do Senai.

No meu primeiro ano de vestibular infelizmente eu não objetive sucesso mas, no ano seguinte; estudando três turnos matérias distintas tive sucesso; para ter idéia de como foi esse ano pra mim me de manhã eu estudava na unidade Senai no centro no turno da tarde dava continuidade no meu curso técnico na unidade do Senai da Mercedes Benz na Barreira do Triunfo e a noite fazia cursinho popular no centro preparatório pra o vestibular, e ainda almoçava em marmita muitas vezes fria, e para ajudar os locais onde eu estudava eram totalmente eqüidistantes, levantava as 6h da manhã e só entrava em casa depois das 23h30 muitas mas valeu a pena conquistei meus objetivos.

Neste meio tempo continuei com o teatro dando pouca atenção sempre em projetos pequenos. Depois que entrei para a faculdade dei mais atenção ao teatro se tornou a 2º atividade que mais dedico meu tempo.

Outra coisa maravilhosa que o CAIC me proporcionou talvez a mais importante foi as amizades realizadas com os professores e alunos tais amizades

duradouras que permanecem até hoje, meus amigos que eram alunos como eu fizemos uma amizade forte que se expandiu além do teatro e dos muros da escola.

Tudo foi muito importante para meu sucesso o CAIC, as oficinas, os professores os amigos os acontecimentos em geral até a separação de meus pais e sou muito grato a Deus da forma que tudo aconteceu.

Fábio

Juiz de Fora, 13 de março de 2010

Para Toninho

Difícil falar da gente, não é? Tanta coisa acontece na nossa vida, que a gente quase não consegue uma brecha para parar e refletir sobre o caminho que trilhamos para chegar onde estamos hoje. Ah! Antes de mais nada espero que você não se importe com alguns errinhos de português que possam aparecer nessa carta, você pode corrigi-los caso encontre algum. Bom então vamos ao que interessa.

Nesses raros momentos que eu encontro para poder me aventurar no passado, eu as vezes me surpreendo muito. Vejo tudo o que fiz, minhas escolhas, momentos alegres, momentos tristes, amigos se distanciando por terem escolhido caminhos diferentes, novos amigos chegando, desafios, conquistas, superação. Vou começar do início.

Também sou filho de pessoas simples, uma faxineira e um operário. Tenho mais três irmãos Wagner, Vanessa e Cristian. Eu sou o mais novo da casa. Meu pai não tem nem o ensino fundamental completo e minha mãe é analfabeta (se bem que ela sabe escrever o próprio nome, e com algum esforço mais alguma coisinha, o que hoje é o bastante para que não pertença a essa categoria). Eles nunca puderam dar exatamente o que a gente queria (ainda mais que éramos quatro), mas eles se esforçavam para nos dar o que estava ao seu alcance. Sempre cobravam (e ainda cobram) bons resultados na escola (nota baixa era motivo para castigo), mas graças a Deus nenhum de nós nunca tirou uma nota vermelha.

Na escola eu nem sempre fui aluno exemplar. Até a primeira série, eu era muito bagunceiro, preguiçoso e estudava só o necessário para passar de ano, até que num desses momentos travessos eu quebrei a perna e tive que ficar um bom tempo sem ir na aula. De início era bom ficar em casa. Entretanto, chegou um momento que eu consegui atentar para o que talvez tenha causado uma das maiores mudanças em minha vida. Percebi que eu estava ficando para traz. Que meu irmão (cristian) e meus amigos, que estavam na mesma série que eu, avançavam. Prometi para mim mesmo (naqueles momentos de exaltação, quando criança) que nunca ficaria para traz, seria melhor do que tudo e que todos. Quando voltei às aulas depois de melhorar a perna, recebi a noticia que ficaria de recuperação. E durante o período de recuperação estabeleci uma meta para mim: passar de ano. Estudei muito, tanto que tirei nota máxima em todas as avaliações da recuperação.

A partir de então comecei a estudar frequentemente até tornar a atividade prazerosa. Sempre ganhava elogios dos professores. Entretanto, eu não era muito popular entre os colegas de classe. Meu círculo de amizade se restringia àqueles que também gostavam de estudar. Eu e meus amigos passávamos a maior parte do tempo na escola mesmo não tendo motivos (a maioria dos alunos só ia à escola quando precisava fazer algum trabalho pedido pelo professor).

A escola era um lugar agradável de se ficar, com diversas oficinas e atividades que atraíam os alunos (até mesmo alunos de outras escolas). Era um diferencial que a escola tinha em relação as demais (que eu conhecia), permitia ao aluno aprender também fora da sala de aula, em atividades culturais (artesanato, dança,...), esportes (volei, futsal,...) Os alunos podiam não somente "brincar" com aquelas atividades que costumeiramente brincavam na rua (esportes) ou em casa (dança...), mas também aprender um pouco mais sobre essas atividades com profissionais experientes. O melhor de tudo é que essas oficinas permitiam que os alunos fizessem novas amizades e os estimulava a trabalhar em equipe. A energia e o tempo muitas vezes desperdiçados, podiam se, então, canalizados para algo produtivo e agradável. Era assim que eu via minha escola: um lugar agradável, uma segunda casa.

O amor pelo programa "CHAVES" despertou em mim e em alguns amigos (naquela época os "nerds") o desejo de representar (uma historia do Chaves) ali na escola. Um dia falamos sobre esse interesse com o diretor (na época, você, Toninho). Tempos depois foi criada a oficina de teatro, ministrada pelo FELIPE e pela JULIANA, e nós nos inscrevemos. Engraçado que quando olhamos um produto final (uma apresentação de uma peça) não imaginamos os trabalhos (preparação, ensaio...) que o precedem.

No inicio teatro era uma tortura. Eu tinha vergonha de falar até meu nome. Não entendia o porquê dos exercícios propostos durante as oficinas (queria logo era fazer uma peça de shakespeare...). Isso somado com a minha timidez era motivo mais que suficiente para eu faltar algumas oficinas, ou não fazer alguns exercícios propostos. Uma coisa que nunca soube entender ou explicar era a atração que o teatro exercia sobre mim. E mesmo sendo tímido e não fazendo as atividades, eu queria estar la. O primeiro ano na oficina de teatro passou entre muitas faltas e dificuldades. No ano seguinte, la estava eu de novo no teatro, e apesar da timidez, estava mais disposto a enfrentar o medo do palco . E assim, ano após ano eu me

inscrevia na oficina e aos poucos ia perdendo a timidez. Com o tempo ganhei novos amigos, entre alunos de outras escolas que entravam na aula de teatro, funcionários da escola que admiravam nosso esforço (muitos ajudavam sempre que possível com o que fosse preciso), professores (mesmo aqueles que nunca me deram aula).

Eu lembro até hoje de um dia que nos conversamos eu e você, Toninho, (logo após ser chamado para a CIA muito barulho). Você me perguntou se eu estava gostando de trabalhar com o grupo (CIA. MBPN). Eu respondi que sim, mas deixei claro que estava com medo e que tinha muito para melhorar (principalmente a minha tremedeira em cena). Você me disse que não era para eu ficar esquentando a cabeça, que com o tempo eu conseguiria dar um jeito nisso. Na ocasião você disse algo que me surpreendeu; falou que achava que eu no início (nos primeiros tempos do teatro) eu não ia prosseguir, você disse que achava que eu desistiria. No entanto estava eu ali provando o contrário (não desisti e ainda consegui melhorar muito). Até hoje me lembro dessas suas palavras.

Outras palavras que eu hoje me lembro foram ditas por alguns dos meus melhores amigos. Eles dizem que no início do teatro me odiavam, por eu ser um nerd, anti-social, metido a sabichão, e que por isso não gostavam nem de olhar na minha cara, ou ouvir falar de mim. Eles (Thamyris, Michel, Fabinho, Fabiana...) são algumas das pessoas que entendem o tamanho da minha mudança, o quanto eu melhorei. Existe, no teatro, um tempero especial que faz com que os elementos (integrantes) se unam com mais facilidade (transformando ou eliminando as divergências) e permitindo um resultado final (espetáculo, amizade,...) muito mais saboroso.

Na oitava série tive que largar o teatro para fazer um cursinho para prestar concurso do CTU. Um ano de tristeza, por estar longe do teatro, mas ao mesmo tempo bom, porque era um investimento na carreira. Pois bem, depois de um ano de cursinho, fiz a prova do CTU no final do ano e passei (a escola teve 3 aprovados no CTU. Eu e mais dois) e pude voltar ao teatro no ano seguinte. Mesmo não mais estudando no CAIC, eu não larguei o teatro (em nenhum dos três anos do ensino médio). Me lembro também de que quando você me falou sobre conseguir uma bolsa no CAVE (isso no segundo ano do ensino médio) eu falei que gostaria que fosse de manhã, para que eu pudesse continuar fazendo teatro de noite.

Hoje, sou universitário no curso de Comunicação da UFJF (para o qual passei em primeiro lugar na categoria "C" – sem cotas -) e também do curso de

Sistemas de informação do CESJF. Fazer as duas faculdades ao mesmo tempo foi uma opção pessoal. Mesmo sabendo que não seria fácil eu me prendi à idéia e agarrei a oportunidade (mesmo muitas pessoas dizendo que eu sou louco, por perder algumas noites estudando). Conversei com minha mãe que soube compreender a situação e me apoiou (eu falei com ela sobre a vantagem de eu estar dedicando esse tempo para os estudos, ao invés de trabalhar naquele momento). Formo esse ano nas duas faculdades (uma no meio e a outra no fim do ano). Mesmo tendo que trabalhar em dobro, modéstia parte, sempre consegui me destacar nas duas faculdades, com um IRA que varia entre 90 e 95 por cento. Somado às faculdades, ainda participo do grupo de teatro Retalhos, do qual eu muito me orgulho, e ainda encontro tempo para namorar (kkkk).

Tão logo termine os cursos, pretendo estudar para o concurso público de Auditor Fiscal da Receita Federal, e é claro prosseguir na formação acadêmica com pós-graduação, mestrado e doutorado. Uma coisa eu sei: pretendo continuar a fazer teatro enquanto houver uma brechinha, na minha agenda, mesmo que isso signifique ensaiar de madrugada.

Quando as pessoas me dizem que não conseguiria dar conta de tudo isso e me perguntam como consigo, simplesmente respondo: “tempo a gente tem de sobra, só temos que saber aproveitá-lo”. Todo o esforço que jurei empregar na minha carreira somado ao apoio dos meus diversos amigos e familiares me trouxeram até aqui.

Se eu mudei, tenho certeza que foi para a melhor (principalmente tendo como base esses depoimentos de amigos). É claro ainda tenho muito a melhorar. Comecei a fazer teatro sem saber nada. Hoje conheço todas as atividades da produção de uma peça (atuação, direção, iluminação, produção (tendo eu mesmo desfrutado de cada uma delas em momentos diversos). Posso dizer hoje o quanto eu cresci. Perdi a timidez, fiz novos amigos, apreendo com eles e também sei que as vezes ensino um pouquinho do que sei. O tempo que permanecia na escola e, principalmente no teatro, foi de grande relevância, no meu processo de amadurecimento.

Juiz de Fora, 14 de março de 2010.

Cristiney

Para Toninho Dutra

Minha família é composta por cinco pessoas, incluindo eu. Meu pai trabalha em Cabo Frio, por isso só vem em casa uma vez por mês. Somos bem unidos e confiamos uns nos outros. Falarei primeiro do meu pai, Antonio.

Ele é serralheiro e tem seu negócio próprio. Estudou até o ensino médio, mas possui muito conhecimento. E foi ele que sempre me deu base para os meus estudos. É um amigo, posso sempre contar com ele, pois é um bom conselheiro.

Minha mãe, Ieda, é do lar e possui o ensino médio completo. É uma pessoa doce e carinhosa, faz tudo pelos filhos, podemos sempre contar com ela. Uma grande amiga, com ela não precisamos ter segredo.

Sarah, minha irmã mais velha. Tem vinte e dois anos esta cursando tecnólogo, forma no próximo ano. É uma pessoa muito responsável, sempre me espelhei nela. Muito brincalhona, mas sabe a hora de falar sério. Tímida, já melhorou muito ao longo dos anos.

A caçula é a Jady, tem dezessete anos e esta fazendo pré-vestibular. Pretende fazer vestibular para Ciência da Computação. Muito alegre, faz teatro e dança na igreja. Trabalha em uma loja de cosméticos no Santa Cruz Shopping. É uma grande amiga e companheira.

E eu, tenho vinte e um anos, curso faculdade de Comunicação Social. Faço teatro e danço na igreja. Namoro há sete meses. Sou uma pessoa muito religiosa, católica. Tímida, conselheira, nervosa, amiga, séria, brincalhona.

Considero-me uma pessoa feliz. Apesar das dificuldades que sempre passei e ainda passo. Com muita fé e com ajuda dos anjinhos que Deus tem colocado na minha vida, sempre consigo conquistar meus objetivos.

Morava em Barbosa Lage e quando mudei para Santa Cruz achei que seria o fim. Não gostava da casa, dos vizinhos, da escola etc. Achava tudo um “saco”. No colégio (Saint’ Clair) o que estavam ensinando na segunda série eu já havia aprendido na primeira no colégio (Clorindo) que estudava.

Não esqueço de uma Festa da Primavera que teve quando estava na terceira série. Todas as meninas participaram de uma coreografia, menos eu. A roupa tinha que ser comprada pelos pais e meu pai não tinha como comprar. Foi muito frustrante. Nunca gostei de morar em Santa Cruz, mas foi nesse bairro que encontrei as melhores pessoas que passaram na minha vida.

Quando pequena brincava na garagem da minha casa de teatro. Fazia os textos, pegava as fantasias de carnaval que tinha em minha casa e improvisava outras, cobrava R\$0,50 das pessoas para assistir as apresentações além de vender pipoca e suco. Era muito divertido. Sempre fui muito “moleca”, adorava brincar na rua e fazer muita bagunça na escola. E foi na escola que uma amiga me falou das oficinas do CAIC. Chamou-me para fazer Ginástica Olímpica. Foi ai que conheci o lado bom de Santa Cruz. Na ginástica ganhei medalha de prata e ouro. Não parei por ai, fiz Hip-Hop, Yoga, Dança e teatro, paixão da minha vida.

Não imagino minha vida sem o teatro. Na minha primeira apresentação, “A gralha azul”, não fui, fiquei com muita vergonha. Acho que não fez falta eu era uma arvore. Aprendi muito com o Felipe, meu professor, eu era muito tímida e ele me ajudou muito.

No colégio fazia muito bagunça e minha irmã mais velha sempre foi muito quieta. Então todas as pessoas nos comparavam. “Como pode duas irmãs tão parecidas fisicamente serem tão diferentes”. E em casa era a mesma cobrança. Essa comparação sempre me perseguiu. Minha irmã era a perfeita e eu era a “ovelha negra” da família. Então essa comparação começou a me incomodar.

Na sétima série foram umas psicólogas na minha sala para falarem das profissões. Foi ai que decidir fazer Comunicação Social. Mudei. Virei a melhor aluna da sala, estudei muito e resolvi me concentrar para conquistar meu objetivo, passar no vestibular da UFJF em Comunicação Social.

As oficinas sempre estiveram do meu lado, lá conheci pessoas que sempre me incentivaram a estudar e escolher o caminho certo. Lá conheci também a Aline que me levou para o grupo jovem da igreja “Jovem a caminho da Paz”. Sempre fui a missa e participava de coroação. Mas no grupo jovem conheci pessoas que gostam do que eu gosto. No grupo jovem descobri porque vim ao mundo, para levar corações para Jesus.

Quando formei do terceiro ano tive que fazer uma escolha difícil, sair das oficinas para estudar. Continuei apenas no teatro. Com ajuda do meu diretor, Toninho Dutra, consegui uma bolsa para fazer pré-vestibular no CAVE. Lugar que nunca teria condições de pagar. Foi o pior ano da minha vida, trabalhava e estudava o dia inteiro. Tive que abrir mão de tudo. Tive muita dificuldade, descobri que o que havia aprendido até então não era nada. Todo mundo não acompanhava as aulas e

eu não. Tive que estudar muito para acompanhar a turma, tinha dia que chorava e pensava em desistir.

O sacrifício vale a pena, passei no vestibular em quinto lugar para Comunicação Social. Fui a primeira pessoa da minha família a entrar em uma faculdade. Realizei um grande sonho. Foi aí que percebi o motivo de alguns anos atrás ter me mudado para Santa Cruz. Nesse bairro encontrei as pessoas que me ajudam a construir a minha vida. Hoje tenho novos objetivos e lutarei muito para conquistá-los.

Aquela menina que faltou a primeira apresentação de teatro por timidez, foi evoluindo com a ajuda de todos. E com a peça “A cigarra e a formiga” recebi um desafio, fazer a personagem Joaninha, totalmente tresloucada. Tive muita dificuldade, mas no final tive um bom resultado, me surpreendi. Ganhei o prêmio de melhor atriz infantil na campanha de Popularização do Teatro e da Dança.

Quando falo que faço teatro ninguém acredita, pois no fundo continuo sendo aquela menina tímida. No teatro aprendi trabalhar em equipe e como cada peça é importante para uma engrenagem. A minha vida pessoal se confunde com minha vida no teatro, não tem mais como separar e será assim eternamente.

Thamyris Laina

Março de 2010
Para Toninho Dutra.

Algumas vezes, temos que falar sobre como fomos capazes de desenhar alternativas bacanas para nossas vidas.

Minha trajetória com o teatro começou de verdade quando entrei para a Oficina de Teatro co CAIC. Onde participei de várias montagens importantes na cidade, entre elas “Dores do Mundo” onde tive na época um dos maiores desafios da minha vida: superar a morte da pessoa que mais amava nesse mundo. Foi um período muito difícil. Tentava passar para as pessoas da oficina que estava “tudo bem”. Até hoje é assim. Mas ainda dói. Dói muito. Dói pra cacete. A falta que eu sinto nada vai cobrir. Lembro de um texto que lembra um pouco o que estou tentando passa: “Mãe a gente só tem uma. Mãe é mãe, isso todo mundo sabe”. Mas como a vida tem altos e baixos, tive que entender e sofrer o baixo um pouco mais cedo.

As diversas oficinas que freqüentava na época me ajudavam, durante o dia, a esquecer um pouco o que havia acontecido.

Tenho uma personalidade muito forte. Sempre fui muito independente. Isso vem de família. Minha mãe sempre foi muito desligada dos nossos familiares. Acho que herdei isso dela.

A vida me mostrou várias possibilidades. Uma delas foi conhecer uma pessoa tão especial e tão querida que por muitos anos fez, pelo menos pra mim, papel de Pai. Por muitos anos conversou comigo me fazendo ser adulto, mesmo tendo eu doze ou onze anos. Que por muitos anos, me abriu os olhos para o mundo me mostrando o certo e o errado. E essa pessoa é você Toninho. Que sempre fez questão de participar da minha vida mesmo não tendo obrigação nenhuma de estar nela.

Serei eternamente grato por tudo que fez por mim. E ainda faz.

Torço sempre por você e vibro sempre que consegue o que queria. Admiro e sempre admirei sua humildade, lealdade e acima de tudo seu lado humano.

Espero que tenha ajudado.

Sucesso!
Abraços Tom Brynner

Para Toninho

Seria muito difícil relatar uma parte de minha vida sem citar a arte como pano de fundo dos acontecimentos, pois essa foi capaz de mudar e ajudar a tecer novos caminhos.

Tudo começou com um interesse em participar de encenações na igreja, onde conheci pessoas que faziam teatro na escola CAIC; ali começava novas amizades e assim um contato maior com o mundo do teatro e com os costumes teatrais; o mundo da arte batia na porta da minha vida. Com o grupo de jovens JCP (jovens a caminho da paz) dei os primeiros passos no mundo do cênico e nesse período fiquei sabendo um pouco mais sobre a oficina de teatro do CAIC seus projetos e suas conquistas; interessei-me bastante a ponto de querer participar da oficina e de conhecer um novo mundo. Como a vontade de participar era tanta fiz minha matrícula na oficina de teatro, mas não comecei direto na turma principal passei por uma turma que era dirigida pelo amigo Felipe uma pessoa que não tenho palavras para descrever porque essas não são capazes de esperar o meu carinho. Com ele fiz trabalhos que me ajudaram a crescer e saber mais sobre o mundo do palco.

A matrícula na oficina foi uma pedra no meio do caminho porque minha mãe e meu pai não tinham disponibilidade de horário para irem assiná-la; vi nesse momento uma barreira para o novo mundo, mas que não seria capaz de me fazer desistir. Conversei com minha mãe e ela deu um jeitinho como todo brasileiro e como toda mãe para ir até o CAIC assinar a matrícula; foi um momento de felicidade e uma barreira vencida.

Com a matrícula realizada passei a participar das aulas; nessas aprendi a realizar e a por em prática o que aprendia, com meus colegas realizei apresentações e exercícios que engrandeciam cada vez mais meu pano de fundo.

O convívio com a arte ajudou-me a descobrir outras oficinas que me interessavam, as quais abriram portas em minha vida ajudando a tecer o pano de fundo que hoje tenho orgulho de ter criado com esforço e ajuda de pessoas que marcaram cada parte desse pano com sentimentos e emoções que contagiam; pessoas nas quais depositei confiança, pois essas foram capazes de ajudar na formação do meu futuro. Um garoto tímido e de periferia passava a interagir com o mundo e com as pessoas de uma forma confiante, pois passava “a ter Fe na vida e

Fe no homem”. Passei a traçar meu próprio caminho não deixando ser influenciado pelas opiniões humanas, mas sim criando minhas próprias opiniões.

Depois de passar por várias oficinas e de ter conquistado uma bagagem de conhecimento fui convidado a integrar a turma principal de teatro do CAIC para um trabalho que todos lutavam com garras e unhas para que ele surgisse de poemas e fotos que retratavam as mazelas do mundo; um espetáculo que acrescentaria mais um pedaço no meu pano de fundo mudando meu modo de ver, julgar e agir sobre a vida. Aceitei o convite. O espetáculo era dirigido por Toninho Dutra o qual me ajudou acrescentando em minha vida um grande número de conhecimento; o pano de fundo se tornando cada vez maior e mais grosso com novas informações e novos caminhos a serem seguidos para um melhor futuro. Também realizei trabalho desafiadores com o grupo com “O boi e o burro no caminho de Belém”; desafiador, pois no meio do processo de construção sofri um derrame no joelho esquerdo o que impossibilitou de participar dos ensaios e até mesmo de ter que abandonar a peça. A vontade de participar me ajudou na recuperação, podendo voltar ao processo e realizar mais um belo trabalho com o grupo.

Com novas informações sobre os obstáculos da vida e já sabendo superá-los obtive mais uma conquista em minha vida; passei na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) onde curso comunicação social.

O mundo da arte se faz presente em minha vida, pois com ele superei barreiras e desafios me tornando uma pessoa comunicativa e aberta a opiniões contrárias, sabendo aceitá-las e a discutí-las de uma forma favorável ao meu viver. Hoje o mundo da arte se tornou um elemento fundamental em minha vida.

Michel

Para Toninho

Juiz de fora, 13 de março de 2010

Eu nunca fui um exemplo de aluno, também pudera pelas minhas amizades e convivências seria difícil não me influenciar. Queria ser jogador de futebol, mas minha mãe me matriculou na aula de teclado pois achava que eu tinha jeito pra coisa, e ia ser um motivo pra me tirar da rua (o que não aconteceu)...no CAIC eu fiz muitas amizades e muitas merdas, muito mais merdas do que tudo. Fugir da escola e roubar livros da biblioteca era o que fazia você ser aceito na nossa galera, e esse era meu objetivo até que pintou a chance de participar do jornal que tinha na escola e eu lembro que a primeira vez que eu vi uma coisa que eu escrevi no jornal eu senti uma coisa que na época não sabia o que era, mais me incomodava.Mas eu não ia dar o braço a torcer e ia continuar a seguir minha "galera".

Sempre fiquei cismado com as coisas que aconteciam no CAIC.Era dança, teatro, apresentações de musica, palestras etc...mas sempre quando tinha vontade de me envolver alguém vinha e me dizia que era bobagem. Até que resolvi montar uma banda de rock, um pretexto pra encontrar com as meninas e falar mal de tudo o que agente não achava certo.

Em 2002 numa aula de inglês tive a oportunidade de tocar a primeira vez na escola mas, não tinha teclado, foi aí, que tive que ir a sua sala e te pedir o da escola e eu lembro como se fosse hoje você perguntando" -Teclado pra quem lá? e eu disse "-Pra mim!"-"-E você toca?"Mal sabia eu que ali começaria uma história. Tocamos na festa da primavera da escola e você e o Felipe me convidaram para fazer a musica ao vivo no Pluft, e eu aceitei mas depois me arrependi porque os ensaios eram na mesma hora do treino do time de futebol da escola,e eu tive que escolher. Escolhi o teatro! Na época não sabia se tinha feito a escolha certa mas hoje depois de alguns anos vejo que se eu tivesse escolhido o futebol não estaria aqui escrevendo isso não pelo futebol mais sim pelo o lugar aonde moramos,drogas,brigas,crimes ..muitos foram para esse caminho.Logo em seguida aconteceu uma coisa marcante, você me convidou pra participar de uma peça na academia em 2002.Ter contato com pessoas diferentes da minha realidade assustou mais também começou a abrir minha cabeça para a vida, tive que me dedicar ao meu instrumento.E o mais importante,me apaixonar pelo teatro.

As vezes encontrando alguns amigos daquela época e vendo a vida deles hoje sinto que fui escolhido pra fazer algo diferente, acreditava no que você e o Felipe falavam, estava sempre lá e foi a melhor escolha que fiz na minha vida. O teatro fascina, ver todos os passos de uma peça do ler um texto até a peça pronta é um exercicio de criatividade. No final daquele ano fizemos uma confraternização, e por um motivo besta eu tomei um porre daqueles e fui... no outro dia você me chamou na sala e conversou comigo, ali eu percebi que tinha mais alguém que se preocupava comigo além dos meus pais. Muitas coisas aconteceram depois, a viagem para ubá, pró-musica, apresentação no Grambery, troquei de escola mais nunca abandonei o CAIC, tanto que daí em seguida veio dores do mundo.

Existe um Gilberto antes e depois de dores do mundo, antes eu não me preocupava muito com as coisas não me envolvia, depois sempre estava lá pronto pra montar desmontar, improvisar e sobre tudo aprender.... Até mesmo quando mudei daqui em 2006 nunca esqueci o teatro tanto que voltei pra fazer apresentações. Foram alguns momentos marcantes nesse tempo, ajudar no Pampam Tcham e o cavalinho azul no solar, o teatro lido no Mescla, o fest-ler, fazer dores do mundo no central e ser aplaudido de pé...

Hoje me vejo na Funalfa ao lado de pessoas formadoras de opinião pessoas, que sempre vi pela televisão, rádio, etc...e toda vez que pego um ônibus de santa cruz ao centro passa um filme na minha cabeça, são dois mundos diferentes, hoje eu leio o jornal e consigo ter uma visão critica do meu bairro da minha cidade. Não posso te falar como eu vou estar daqui a alguns anos, mas comparado ao o que eu era no passado o teatro e a musica cumpriu seu objetivo. As amizades que eu fiz nesse processo vou levar para a vida inteira.

Escrevendo essa carta eu me deparei com alguns fantasmas, arrependimentos, alegrias, chances desperdiçadas mais isso é o que faz a vida valer a pena, e como diz o ditado: " E SE A MUITO AINDA PRA VIVER, A MUITO PRA SE APRENDER...."

Um Abraço, GILBERTO.

ANEXO III

VIDEOCLÍPE – O JOGO DA MEMÓRIA

ANEXO IV

Grupo Focal (Observadora 1 Andréa)

Início (Apresentação do vídeo)/ Toninho pede aos jovens que se apresente. Todos falam rapidamente os seus nomes. Não parecem estar a vontade.O vídeo inicia (Tamires e Michel conversam baixo/ risos)

Fotos antigas (jovens ainda adolescentes)

Cristiney- Misericórdia!

.....- que foto é esta?

.....- Presta atenção no cabelo Tamires!

Fábio- Que evolução!

Gilberto- (expressão sérialevanta os braços)

Toninho- Olha para os alunos e para o vídeo. Expressa admiração

Cristiney- Olhar compenetrado

Fotos dos teatros- Jovens se entreolham e sorriem muitas vezes/ Comentam sobre o vídeo / risos, muitos risos

Toninho- explica sobre os cortes....levanta-se para fechar as portas/ silêncio absoluto/ Gilberto abaixa a cabeça – Toninho lança a primeira questão: Gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.

Silêncio (longoooooooooooooooooooo) Risos- Jovens demonstram emoção, parecem constrangidos, tímidos. Não se olham nos olhos e deixam transparecer um certo nervosismo.

Michel- Diz que as pessoas almejavam sonhos pequenos/patamares maiores.

Comenta que gostava de teatro “naquela época” mas que hoje viu uma expansão

Silêncio (longoooooooooooooooooooo)---risos/ muitos risos

Toninho- repete a pergunta (parece incomodado)

Gilberto- “Ontem foi m,eu aniversário!”

Fabiana- Bate palmas (ver a manifestação dos outros na gravação)

Gilberto- (começa o seu depoimento) Forte na fala dele- trabalho na FUNALFA; o fato de outros falarem que é bom trabalhar naquele local; “ Vendo onde eu poderia

estar hoje, é foda!!!” Conseguimos dar a volta na nossa vida (emoção)- abaixa a cabeça, olha para baixo (silêncio). Levanta a cabeça e diz: “devo ao CAIC e a vocês!!!

Briner ...”- lembro eu, Fabiana e Tamires...a gente participava de todas as oficinas”. Refere-se a não estar na Faculdade por opção (reforça isto), diz que precisa trabalhar para sobreviver. Os outros acenam a cabeça demonstrando concordar com a observação do Briner, principalmente em relação ao transporte....Briner refere-se com orgulho ao prêmio que ganhou com o teatro. Disse: “ Tudo é mérito do teatro. São ecos das oficinas do CAIC”. Comenta que montou o espetáculo em dois meses e que viajou com a peça que tratava de um drama psicológico. Disse que fez tudo e que lembrava das coisas que o Toninho falava. Aprendeu a andar com as próprias pernas e completou que foi bom sair da oficina para andar sozinho. No seu depoimento reforça que ganhou o prêmio porque teve carinho e base desde os dez anos de idade porque teve o Toninho....(festival de cenas curtas- O jardim das cartas anunciadas)---Nara o texto) Tamires acena a cabeça e olha para Briner com atenção / Gilberto continua de cabeça baixa)

Toninho- Acrescenta que o jovem ganhou o prêmio de melhor roteiro entre 43 pessoas

Gilberto- Diz que tem uma posição dentro do grupo e uma posição que ocupa no bairro

Silêncio.....

Fabiana- “ Não vou falar porque eu vou chorar.....”

Toninho- Fala para os jovens (ver gravação....)Enquanto fala todos olham com atenção para ele, menos Gilberto, que continua de cabeça baixa

Silêncio.....

Fábio- Depoimento sobre o drama familiar (ver gravação) visível a emoção dele para contar a sua história de vida. Disse que a coisa mais importante para ele foi “ o relacionamento com os professores e funcionários do CAIC”. Faz referência ao professor Bismarque e disse que é amigo dela até os dias atuais. Reforçou várias vezes sobre a boa relação com os professores. Comentou que muitos amigos seus tiveram histórias ruins, mas que não foi influenciado por tais pessoas...

Fabiana _ “- A minha história se confunde com a do Fábio”. Disse que quer apagar as suas lembranças de Barbacena (chora muito enquanto fala...Tamires chora e Fábio também. Os outros demonstram estar muito emocionados (Fábio abaixa a

cabeça). Fala então sobre a escola e o seu relato toma força. Ri das chacotas dos colegas sobre a sua linguagem (modo de falar próprio do interior de Minas Gerais). Fala da família, da irmã, da mãe e da Aline (amiga que a levou para a igreja católica) O seu relato traz muitas histórias misturadas...diz que a sua mãe não era nada e o pai era quase pastor. A sua abordagem esclarece a sua relação com a igreja através do chamado da Aline. O que a atraiu para a igreja foi a participação em algumas encenações religiosas. Através da igreja conheceu os rituais cristãos : batismo; curso de noivado.....fez o curso de batismo e então foi batizada...depois fez a 1ª comunhão e também participou do sacramento do Crisma. Relatou que gostou de viver em comunidade com o pessoal da igreja e que isto ajudou muito. Foco no discurso religioso.....Disse que hoje só trabalha e que fez o PISMI (sentiu que era impossível pensar e fazer o curso que queria. Zerou a prova de física e sentiu uma enorme frustração. Investiu em vários cursos- repetiu: “ Fiquei frustrada!!!!Algumas coisas ficaram martelando na minha cabeça, muitas dúvidas!!!!” Relatou que fez coisas aleatórias: Cursos de confecção industrial; usinagem mecânica, ENEM...entrou para a Viana Junior com bolsa do PROUNI (Informática) mas acabou não ficando na Faculdade...Hoje está no teatro na FUNALFA...

Fábio- Refere-se ao teatro “ *Dores do mundo*”. Disse que é a sua grande referência

Fabiana- “- A oficina e a igreja ajudaram muito mas muitas pessoas não deram certo. Acho mesmo que é uma questão de escolha” (Relata sobre as experiências de alguns colegas)

Fabiana.....Lembranças da colega da 5ª série que ficou grávida...crime contra policiais: “Foi decisivo para eu decidir não me envolver com drogas....”

Toninho- Era uma opção consciente?

Fabiana- Sim, era.

Toninho- Passou a palavra..

Cristiney- depoimento sobre família (pais analfabetos)

Enquanto fala os provoca risos apesar dele não estar falando nada engraçado....os risos insinuam algo partilhado....

Cristiney- Relata sobrea escola dizendo que ela ofereceu acolhimento...pais trabalharam muito.....amizade com os professores, amigos da escola colegas.....refere-se a si mesmo como um “nerd; chato” e provoca a fala dos colegas.....? – “ninguém gostava dele!”

Fabiana- “Ele andava assim!!!” levanta-se e imita o andar do Cristiney (provoca risos) (momento mais descontraído/ brincadeiras)

Briner- “ - Eram os nerds”

Fábio- “- os nerds”.....queria fazer o “Chaves”. Disse que ele e alguns colegas procuram o Toninho para fazer o Chaves, mas disse que corria do teatro. Mas depois fez Shakspeare.....fez o Romeu (risos) olha para Fabiana (olhar cúmplice)

Briner- relata sobre perder a vergonha (risos)- (Gilberto continua de cabeça baixa, mas também sorri neste momento. Briner continua falando sobre as oficinas, o vôlei e o trabalho em equipe. Fala que só num primeiro momento achou o Cristiney um nerd e chato, depois conseguiu reverter o olhar.

Todos (risos)

Fabiana- “ - Ele continua sendo um Nerd mas a gente gosta dele !”

Cristiney- relata que se sente amado e que passou no CTU (risos) “-Não é uma questão de ser nerd, é esforço, correu atrás e entrou”....continua o relato sobre fazer duas faculdades...virar a noite, não desistir.....atualmente está em processo de conclusão e quer conhecer os frutos do seu trabalho. Disse que no TCC tirou nota máxima e não foi porque se sente um Nerd....

Fabiana-“ - ele tirou 100!”(demonstra orgulho pela trajetória do amigo. Disse que ele e mais dois outros colegas seus conseguiram se formar e ficou feliz)

Cristiney- Relata que concluiu com êxito, que o seu TCC tem chance de ser publicado e que já recebeu proposta de emprego

Todos- batem plamas para o Cristiney (momento bastante alegre)

Gilberto (não se manifesta. Continua de braços cruzados)

(.....)

Tamires- Não estudou no CAIC- começa relatando sobre a mudança da família para Juiz de Fora. Sentiu muita diferença quando mudou para o Bairro Santa Cruz. Passou a se sentir melhor quando entrou para as oficinas do CAIC. Disse que se matriculou em todas as oficinas (demosntrou alegria ao dizer isto)....Disse que ficava sozinha em casa (choro)” Ficar só era um problema para mim”.....(choro)

Fabiana- Chora também e partilha com a amiga a sua emoção.

Outros- ficam visivelmente emocionados com o choro da Tamires

Tamires (longo relato sobre a sua vida familiar / ver gravação)

Fabiana- Choro compulsivo

Tamires- Continua o relato e conta sobre a sua vontade de ter uma boneca e diz que nunca teve uma. Acaba rindo em meio a muitas lágrimas e diz: “ –Ainda vou comprar uma só para mim”....Também relata a sua relação com a igreja católica do bairro e a participação nas encenações religiosas.

Desenvolve o seu argumento com base na relação Igreja X CAIC para a sua formação. Disse: “- foi no teatro que fui saber sobre o que era uma faculdade...isso foi o melhor dalio ensino público não dá para comparar com o privado...na minha sala só três pessoas que estudaram em escolas públicas estão lá. Tive oportunidade de fazer o CAVE porque o Toninho me deu essa oportunidade....estudei muito ...quando o resultado do vestibular saiu o Toninho ligou e falou que eu tinha passado....fiquei feliz....a única pessoa da minha família que faz faculdade sou eu, mas tenho que trabalhar...o nível das pessoas é diferente do meu...”

Toninho- “Nível de que?”

Tamires “ - eles podem usufruir de tudo. Têm base maior que a minha. Eu não posso estar lá o tempo todo e lá tem muita coisa para aproveitar. Só posso aproveitar o tempo que estou lá”...

Continua o seu relato fazendo referência ao CAIC/Toninho/ Teatro

Tamires- “- vou me formar o ano que vem, fazer outras faculdades, pós, mestrado, doutorado....”

Michel- Faz uma fala para o grupo sem abordar nada pessoal (ver gravação)

Briner- “ Engraçado...todos encontramos no CAIC....

Michel- “ - Algo que faltava”

Briner- “- Eu não estudava lá!”

Toninho- “ - Só morava!”

Todos- risos

Briner- “é, eu mudei para o centro e continuei no CAIC”

Alguém diz: “- Endereço ? Avenida Rio Branco”

Fabiana (risos)

Briner- (relato sobre as oficinas do CAIC/ enfoque mais geral) – ver gravação

Cristiney- “ - Eu lembro que eu ficava lá sem fazer nada...depois que eu fui para o CTU voltei para o teatro...deixei de fazer aulas á tarde...continuei. Depois tive que abandonar de dia mas fiz aulas de teatro á noite.....”

Todos- Risos

Toninho- Fez uma interrupção em torno das falas dos jovens sobre fazer ou não faculdade. Abordou a situação do Gilberto e disse que ele é “disputado a tapa na FUNALFA”...

Michel- Disse que freqüentou o grupo dos idosos (provocou risos dos colegas)

Toninho- Volta ao tema da sua intervenção

Briner- Depoimento sobre poder se sustentar com o teatro

Michel- fala do acesso a cultura e relata que hoje se sustenta com o futebol e que fez a transmissão da copa do mundo. Conheceu o futebol na faculdade, mas reconhece que o que lhe abriu portas foi a cultura...

Fábio- “- a cultura acrescenta porque abre lideranças. Na UJFJ não sou o melhor aluno mas muitos me convidam para participar.....pela minha responsabilidade.....

Toninho- “- Convidam para quê?”

Fábio- “- para participar de seminários, para fazer parte da chapa do diretório acadêmico....”. Diz que não é melhor porque o ensino que teve na rede pública não foi bom..... acredito que é pela minha maneira de ser....tão me enxergando como líder....compreendem a minha falta de base...o teatro me deu argumentos.....falo mal na cara deles.....”

Todos- (risos)

Toninho- “- se você não é bom porque é que é convidado?...as pessoas estão te vendo melhor do que você se enxerga!”

Fabiana-“ Não! É porque lá as pessoas são melhores em (ver gravação, perdi o que a Fabiana disse.....)

INTERVALO (banheiro)

Toninho- “ vocês enxergam a diferença ente ensino público e privado?”

Todos-----SIIIIIImmmmmmmmmmmm

Fabiana- Exatamente!.....relata os seus pontos de vista (ver gravação!!!!!!!!!!!!)

2ª parte

Toninho- retorna a questão sobre as atividades no contra-turno

Briner- “é bacana sim!... salva todo mundo...quando acabava a oficina dei uma pirada! ...teve então psicólogo, psiquiatra, remédio controlado....comecei a buscar fora de lá outros convívios...procurar outras relações...descobri que sou bipolar” (

continuou fazendo vários relatos sobre como as oficinas podem ajudar. Disse; “ Colégio bom não basta, senão vários jesuítas resolveriam os problemas do mundo!”

Gilberto- Começou dizendo que não foi para o teatro porque não gostava. Aprendeu a gostar, mas era ligado na música. Disse que não foca o teatro porque não é ator..

Todos- (risos)

Gilberto- Foi bom ter aquelas oficinas naquele momento (relata um caso de três caras que botaram fogo nos policiais.....) Disse que teve contato com o teatro fazendo o Pluft e ai teve que escolher entre o futebol e o teatro. Escolheu o teatro e perdeu as amizades do futebol. Saiu da turma (três dos seus colegas do futebol foram as pessoas que botaram fogo nos policiais) Foi para a Academia (teatro)...as oficinas ajudaram muita gente, o artesanato...

Toninho- Intervenção.....(??)

Gilberto- “- mais para a periferia, centro, bairro, outras conversas...não pode conversar lá o que conversa aqui...se tivesse mais oficinas para as pessoas elas iam sair daquilo...até a 7ª série eu era impossível... cheguei a fugir...”

Todos- (risos)

Gilberto- “-Lembro do Cristiney...ele era um Nerd....lembro do Briner....pedi pra tocar...Toninho não vai deixar e ele deixou, conquistou, me tirou do meu caminho que era ruim..”

Toninho- “ - Você percebe os dois mundos?”

Gilberto- “- Sim, consigo ver a diferença. Hoje converso com formadores de opinião, o Sérgio Mamberti... Eu consegui conversar com ele e consigo conversar com as pessoas de lá...”

Briner- “- É, sentar num bar e tomar uma pinguinha...”

Todos- (risos)

Gilberto- “- isto é legal!”

Toninho- “-Vocês percebem isto?”

Todos- Simmmmmmmmm

Tamires- “ -Até no ônibus. A conversa das pessoas é diferente, os assuntos...namorado é também muito diferente. O meu não faz faculdade...”

Briner- relato sobre o crime...

Michel- relato sobre posições diferentes

Fabiana.....

Cristiney- “- oportunidade...tem que tentar mudar, começa pequeno, corrente do bem.....”

Tamires..”- obrigatoriedade das oficinas nos colégios públicos/cultura é tão importante quanto o estudo. Quem não tem condição tem o ensino público, mas a cultura tem a mesma importância”

Cristiney- Ensino + Cultura...mistura tudo...importante não só ensinar os conteúdos obrigatórios...cultura integrada/obrigatoriedade/ oficinas integradas nas matérias...

Briner- “-ter cuidado com os padrinhos....peguei uma câmera com onze anos de idade/fazer ter contato/ a câmera brilhou/tem que ter muitas oportunidades/milhões/experimentar

Cristiney- “-várias possibilidades”

Briner- “-poder escolher”

Fabiana- “-é necessário sim...enriquecimento cultural. Não estudamos na mesma escola mas as oficinas formam. Isso tira as pessoas do caminho errado...já ficou claro...na Constituição...não fomos nós que percebemos..nós somos provas vivas....por que os governantes não insistem?...eles não querem pessoas como a gente...”

Michel- (relato sobre a experiência de correção de provas no CAEDE.....) “- não adianta só colocar a cultura nos bairros, tem que dar apoio...também os projetos acabam...”

Cristiney- “- isso deixa os alunos frustrados...não tem verba...”

Fábio- Fala sobre a importância das oficinas....

Toninho- Aborda a questão 3 “- ao olhar para trás como vê a construção do Grupo Retalho e como se enxerga nesse grupo?”

Michel- “- o nome foi criado dentro do ônibus.”

Todos (risos).....alguns fizeram interferências nas falas dos outros/ risos/ todos partilhavam a história da criação do nome do grupo.....conversas paralelas.....

Briner- “- foi criada uma necessidade, um convívio nas oficinas, deu certo, foi bacana fazer, provar para as pessoas que a gente é capaz.....”

Cristiney- abana a cabeça indicando concordar com o amigo.

Briner- Relata sobre a experiência de construir uma peça de teatro...disse ser importante “mostrar que somos bons...somos da periferia....mas somos bons”

Gilberto- Movimenta a cabeça indicando aprovar a fala do Briner...”- pessoal vale que tem conceito na cidade....extraí coisas boas da periferia...

Briner.....

Michel- “ não é só o Retalho, tem coisas boas.....

Gilberto- “- Todo mundo do grupo fez alguma coisa/ Dores do Mundo é referência para muita gente. Na época que fiz eu não tinha consciência. Acho que com O Barquinho foi a mesma coisa”

Tamires- “- Retalhos de vida! Todo mundo começou a fazer alguma coisa séria. Fazer teatro para estar com o grupo, não é um curso de teatro qualquer. Tudo é trabalhoso mas no finalnão é o dinheiro.....é gostar. A parceria do grupo é legal...vontade de todos ajudar a todos....o retorno compensa”

Michel- relata sobre ser identificado na rua como o protagonista do Barquinho...

Fabiana- “- Tem haver com amor, sentir bem....tem haver com o que se espera do teatro....experiência que leva a gente, o teatro é mensageiro, trouxe coisa boa pra minha vida e eu poso levar para os outros”.

Toninho- Lança a questão 4- “- Como se imagina hoje se não tivesse essa experiência?”

Briner- “-Trabalhando no comércio e levando uma vida rotineira!”

Toninho- “- Sua vida é melhor que isto?”

Birner- “- Eu acho. Eu não troco a minha vida”(relata sobre o seu olhar em relação a vida dos outros. Diz que gosta de movimento e que não quer emprego fixo.

Tamires- Concorda com Briner.....fala sobre uma vida de trabalho

Briner- fala sobre uma vida padrão.....

Tamires-“- Dinheiro para não gastar...trabalho e nada a acrescentar.....”

Michel (concorda com a Tanires e com o Briner) “- padrão, casa-tabalho-dinheiro- conta.....

Cristiney- “- achando que isto é vida. Vida solitária!.....rotina de trabalho é vida????

Fábio- Sonhos menores/”-sonhar além não seria possível....definhar na rotina...vida que nossos pais levaram...

Fabiana “- a minha opção seria filho”

Todos- (risos)

Fabiana- “ –não gente! Muitas amigas minhas já têm filhos. Meu caminho era isto! Se elas tivessem as oportunidades que eu tive elas não estariam assim....não sei se eu tivesse três filhos...ganhar bolsa família e achar que isto resolve. Acho que eu também ia pensar assim. Ter filho para ganhar cem reais no fim do mês. Converso com muita gente e eu não gosto dessas coisas de lavar louça, arrumar casa. Faço

porque é necessário. Se eu não tivesse o teatro e conhecesse as pessoas que conheço hoje...”

Cristiney-

Fabiana-

Cristiney- “- do lado de casa tem uma boca de fumo. Quem estudou comigo está até melhor de dinheiro, mas é de droga, tráfico”

Fabiana- “- Muita gente já morreu. Eu acho que talvez eu estaria nisso. É normal para quem vive nesse meio...”

Toninho- Puxa uma reflexão sobre outras possibilidade de sucesso (ver vídeo) jovens aplaudem a sua fala.....olham fixamente para ele e demonstram admiração

Toninho- “- Gilberto, o que você seria?”

Gilberto (.....) “ - o Santa Cruz é um leque de opções, mais para o mal do que para o bem.....”

Toninho- “- você é um exemplo positivo”.....assume o turno da fala indicando o término do encontro. Faz uma referência ao Felipe e os jovens ficam visivelmente emocionados.....quando os jovens percebem que de fato o encontro terminou, pedem para ver o vídeo novamente.....batem palmas!!!!!!!!!!!!Assistem o filme descontraídos e pedem bombons. Durante a apresentação demonstram alegria e muitas vezes riem das imagens

Grupo Focal
(Observadora 2 Ludmila)

- **Exibição de vídeo:** Todos os participantes mostraram-se visivelmente emocionados – choros e risos, comentários carinhosos e jocosos – especialmente na apresentação da imagem de professor Felipe.

1) Gostaria de conhecer um pouco mais sobre o que cada um pensa de si. Das possibilidades que a vida lhe mostrou e como elas foram ou não aproveitadas.

- Inicialmente os participantes ficaram tímidos, necessitando de melhores esclarecimentos, além de incentivos, por parte do mediador do grupo.

- MICHEL: foi o primeiro a manifestar-se no grupo, com boa articulação verbal e gestual, mas falando pouco de si, ou seja, raramente se expõe em seu depoimento. Inicia relatando a evolução de cada um no grupo. Como cada um deles tinha sonhos pequenos e, atualmente, tiveram uma ampliação da visão de mundo e de suas perspectivas de vida.

- MEDIADOR: repete a pergunta para incentivar a participação de demais membros do grupo.

- GILBERTO: visivelmente tímido cabisbaixo e emocionado conta sua trajetória no percurso da escolha e entrada na Oficina de Teatro do CAIC. E chega ao patamar de seu universo de trabalho: Centro Cultural Bernardo Mascarenhas/ FUNALFA, onde é técnico de luz e som. Considera este lugar conquistado uma vitória em sua vida, apesar de não ter ingressado no ensino superior como a maioria dos participantes do grupo. Relata, com emoção, provocando, inclusive, choro em alguns de seus colegas (Fabiana e Tamyres), as amizades que ali fez e as oportunidades que teve em sua vida.

- T. BRINER: Introduce seu discurso de forma jocosa, sempre com brincadeiras e, ao mesmo tempo, numa fala muito bem articulada, às vezes até mesmo olhando para as câmeras. Conta que ele, Fabiana e Tamyres participavam de todas as oficinas no CAIC, permanecendo o dia todo fora de casa. E faz uma reflexão interessante: por que o teatro? Por que a oficina de teatro do CAIC foi a mais importante e presente em sua vida estudantil? Acredita na justificativa da união e da identificação que se

formaram entre membros do grupo. E mais, acredita que, além do aprendizado de cada ofício específico, eram transmitidos aos alunos valores morais, como amizade, respeito, compreensão, ética, etc.

- MICHEL: retoma a palavra para relatar sobre pessoas do grupo que encontraram oportunidades e chegaram ao ensino superior. Dando, então, exemplos dos primeiros colegas das oficinas a ingressarem em faculdades e que os outros seguiram tais modelos.

-MEDIADOR: dá esclarecimentos a todos de que há pessoas freqüentando faculdades e outras que não estão, mas que também encontraram seu caminho no mercado de trabalho de forma bastante satisfatória, alcançando, assim, sucesso profissional. Cita dois exemplos no grupo: Briner e Gilberto. E cita premiação de Briner no Festival de Curtas em 2009, no qual recebeu prêmio de melhor texto original, competindo com vários diretores e autores consagrados na cidade. Compara também com Gilberto que conquistou seu lugar como profissional muito bem visto e reconhecido no CCBM.

- BRINER: relata, com orgulho, sobre sua premiação e justifica, ainda, sua escolha de não ter ingressado no ensino superior. Briner mostrou-se bastante articulado, provocando reação de orgulho e reconhecimento em alguns colegas: Fabiana e Tamyres, além do mediador. E relata ter aprendido com prof. Toninho em nos de convivência e aprendizado no CAIC. (todos participantes do grupo muito atentos e orgulhosos pelo reconhecimento de seu trabalho)

- MEDIADOR: registra importância deste grupo das escolhas que cada um deste grupo tomou em suas vidas para chegar aonde chegaram. Faz comparação com pessoas da mesma comunidade que escolheram caminhos diferentes e hoje estão na criminalidade, como afirmou Gilberto em seu depoimento.

- FABIANA: Fala bastante da força e convivência entre os membros do grupo, independente da participação em demais oficinas no CAIC. Pede para parar de falar, pois tem medo de chorar (alguns membros do grupo riem e a incentivam a continuar, mas ele fez silêncio), relatos emocionados, oscilando com risos e choros.

- FÁBIO: apresenta-se de forma bastante articulada verbal e gestualmente, mas expondo-se pouco, dizendo pouco de si. Fala da crise financeira pela qual sua família passou, sobre a separação conjugal dos pais, sobre a mudança para JF. Em todo seu depoimento Fábio apresenta-se muito sério, por alguns momentos gagueja, mas não se posiciona emocionalmente (Fabiana, sua irmã permanece séria e

constrangida durante sua fala). Fábio aponta o CAIC e seu oferecimento de diversas oficinas como um suporte para ele e seus irmãos. Acredita ser a oficina de teatro a responsável por sua consciência crítica atual e por incentivar sua criatividade, além da expressão verbal e corporal visíveis. Relata sobre a amizade, carinho e postura de acolhimento que professores das oficinas do CAIC demonstravam por seus alunos. E continua falando das oportunidades que teve por meio de sua participação nas diversas oficinas, em seu desenvolvimento pessoal, em sua formação humana, enriquecimento cultural, etc.

- FABIANA: retoma seu depoimento, às vezes brincando com o irmão, mas visivelmente emocionada ao relatar sobre seu histórico familiar e de como via no CAIC um suporte e refúgio para seus problemas pessoais. Um depoimento muito emocionando, com choros e provocando emoção e lágrimas em alguns participantes, como Tamyres. O irmão demonstra apoio ao colocar a mão em seu ombro, durante choros dela. Conta sobre separação conjugal dos pais, de como saiu de São Pulo, mudou-se para Barbacena e depois para JF, quando contava com ,mais ou menos, dez anos de idade. Fala de sua participação na Igreja Católica e da religião como peças importantes, assim como o CAIC, em seu desenvolvimento e aprendizado (Fábio complementa relato com detalhes da história de vida da família).

- MEDIADOR: pergunta o que Fabiana faz hoje.

- FABIANA: conta que trabalha como vendedora em loja de shopping, que já conseguiu bolsa do PROUNI em faculdade particular de JF, na qual estudou um ano de curso, mas não se identificou com o mesmo trancando sua matrícula. Pretende no próximo ano transferir sua bolsa para outra faculdade particular. Conta que já concluiu 2 ou 3 cursos profissionalizantes, mas não se identificou com o ofício de nenhum deles. Disse que está fazendo curso de teatro da FUNALFA no CCBM atualmente e está gostando muito do grupo. Conta sobre o reconhecimento de várias pessoas deste grupo, inclusive o professor do curso, da peça “ As dores do mundo” como uma das melhores peças teatrais apresentadas na cidade. (Fábio concorda, pois também faz o mesmo curso de teatro. Demais membros do grupo demonstram-se orgulhosos e confirmam elogios). Relata casos de vizinhos da comunidade que escolheram diferentes caminhos e de colegas de sua idade que engravidaram na adolescência ou são usuários de droga ou estão envolvidos na criminalidade. (Alguns membros do grupo concordam e cita nomes referentes aos exemplos dados por Fabiana)

- CRISTINEY: Inicia seu depoimento com muita dificuldade, afirmando ser muito difícil falar de si mesmo, até mesmo gaguejando. Aos poucos se solta um pouco mais e consegue expressar-se melhor. Relata sobre seu crescimento pessoal e cultural, atribuindo tal fato às oficinas do CAIC especialmente a de teatro. Diz ter origem familiar “simples” sendo seus pais semi-analfabetos. Relata sobre a importância da convivência e amizades feitas no CAIC. (Fábio e Fabiana dizem que ninguém gostava do Cristiney porque ele era chato e “nerd”). (Todos riem e concordam). Cristiney também ri dizendo que era muito “certinho” e isolado dos demais, mas que buscava nas oficinas maior integração com colegas, permanecendo o dia todo na escola. Acredita que sempre se cobrou muito, ou seja, exigia de si mesmo que fosse “o melhor”, aluno “nota dez”, agarrando todas as oportunidades com “unhas e dentes”. Diz que seu comportamento oscilava entre timidez, retraimento e aproximação e extroversão. Com o tempo, acredita ter evoluído, pois conseguiu fazer amizades, aproximando-se, assim, dos colegas. (Fábio e Fabiana fazem brincadeiras afirmando que Cristiney ainda é “o chato”, mas que todos gostam dele. Os demais riem e concordam) Cristiney que inicialmente teve dificuldades em falar de si, sendo um dos últimos a se manifestar, prolonga bastante seu depoimento, relatando que, atualmente, faz duas faculdades uma na UFJF e outra no CES, nesta última já concluiu sua monografia, recebendo nota dez com louvor. (Fabiana repete: ele tirou 100, gente, puxando aplausos de todos e se interessa perguntando sobre o que escreveu, etc. Todos demonstram interesse).

- MEDIADOR: Pergunta ao Cristiney sobre o que guarda de suas experiências no CAIC.

- CRISTINEY: Diz que aprendeu a resolver problemas, que diante de problemas devemos ser fortes e buscar soluções. E também a ser muito esforçado, aproveitando todas as oportunidades que lhe forem oferecidas.

- TAMYRES: a última a responder, muito tímida e tensa, gagueja no início de seu relato, mas depois fala de si com muita tranquilidade e articulação. Diz nunca ter estudado no CAIC, mas como residia na comunidade participava das oficinas e permanecia o dia todo na escola. Brinca dizendo que já morou em várias cidades e em JF morou em diferentes bairros e que não gostava do bairro Sta. Cruz, pois achava todos “bobos” e “da roça”. (provoca risadas em todos do grupo). Tamyres, séria e emocionada, conta porque passava o dia no CAIC. Aos prantos, relata que os pais trabalhavam muito e que suas irmãs estudavam em horários diferentes do

seu, então na parte da tarde Tamyres ficava sozinha em casa. Relata muito medo ao permanecer sozinha em casa. (chora muito. Comovendo colegas. Fabiana chora. Michel a apóia colocando as mãos em seu ombro). Fala de suas dificuldades financeiras e de que os pais não tinham condições de comprar brinquedos para ela e suas duas irmãs. Assim, via no CAIC e em suas oficinas uma possibilidade de refúgio de seus problemas pessoais. Diz que seu pai exigia que estudasse muito e fosse aluna “nota dez” para conquistar melhor situação financeira, que segundo ela, a família passou por momentos críticos, como a fome. Conta de seu ingresso na UFJF como foi um orgulho para toda a família, sendo a primeira filha e primeira neta a ingressar no ensino superior, etc. Diz que trabalhar e estudar não são fáceis, porque perde oportunidades na UFJF (Michel, Fábio e Cristiney, também estudantes da UFJF, concordam). Diz que tem dificuldades de aprendizado, justificando ter estudado em toda sua vida escolar no ensino público. (Demais concordam. Parece que se colocam numa posição de inferioridade por terem origem da periferia e do ensino público. Todos concordam e dão exemplos disto). Relata sobre importância da religião em sua vida, já que frequenta a Igreja Católica do bairro, como a maioria dos membros do grupo, é muito engajada nos trabalhos realizados pela Igreja. Atribui às oportunidades que teve por meio das oficinas do CAIC, como desenvolvimento pessoal, enriquecimento cultural e intelectual, contribuindo, assim, para seu acesso ao ensino superior. Relata sobre seus planos para o futuro: comunicação, especialização, mestrado, etc. (Percebi no depoimento de Tamyres um misto de sentimentos de tristeza/ introversão e de alegria/extroversão).

- MICHEL: acredita que todos desenvolveram mais responsabilidade, tendo que assumir importantes funções nas oficinas do CAIC, especialmente na oficina de Teatro. Aprendendo assim a assumir várias funções e responsabilidades nas peças teatrais realizadas pelo grupo. (todos concordam sobre desenvolvimento de maior responsabilidade).

- BRINER: Faz uma observação, resumindo a fala dos colegas. Afirma que todos encontraram no CAIC algo que faltava em suas vidas. (todos concordam. Gilberto abaixa a cabeça) E continua, dizendo que nunca estudou no CAIC, mas sendo da comunidade ia lá participar das oficinas; mesmo quando se mudou para o centro da cidade, com autorização da direção da escola, continuou indo ao CAIC para fugir de seus problemas e procurar ajuda. Lá se sentiam acolhidos. (todos concordam).

- Percebi que nesta pergunta foi necessária, em diversos momentos, a intervenção do mediador para que todos se soltassem, a princípio, mas com o desenvolvimento do processo, os membros do grupo foram se sentindo mais a vontade. Acredito que o forte vínculo entre membros do grupo e entre o mediador contribuiu para isto.

2) Queria pedir a cada um, que se possível, conte um pouco de sua trajetória, seu processo com o teatro, a dança e se você enxerga se isso o ajudou de alguma forma. (Mediador pergunta sobre trajetória e influência da cultura na vida deles)

- CRISTINEY: afirma que a partir do acesso à cultura pôde conhecer o mundo e também aprender a ter recursos para lidar com várias situações inusitadas. Aprendeu a ler mais e também desenvolveu sua criatividade, a capacidade de produzir coisas novas.

- BRINER: diz que definiu, a partir do convívio com o grupo na oficina de teatro, que o teatro é o que quer para sua vida. Conta que já participou de peças teatrais com outros grupos, viajou e conseguiu bons cachês. Teve oportunidade de conhecer várias cidades de diferentes regiões do Brasil. Esta experiência foi muito positiva para seu desenvolvimento cultural. Fala com entusiasmo de que é capaz de sobreviver com o teatro e que esta é sua escolha profissional.

- MEDIADOR: incentiva demais membros do grupo a falar.

- MICHEL: conta de sua nova experiência na Faculdade de Comunicação com a Rádio Universitária, na transmissão de jogos do Brasil na Copa do Mundo. (todos riem e se interessam sobre sua mais nova experiência. Percebe-se a concentração, interesse e empatia que cada um tem pelo outro).

-FÁBIO: fala sobre a responsabilidade que desenvolveu na convivência com o grupo na oficina e na montagem das peças. Conta entusiasmado, mas com certo sentimento de inferioridade, sobre como professores da faculdade depositam confiança e o colocam em posição de liderança. Fábio não acredita que pode ser dedicado e merecedor deste mérito, devido ao fato de ter vindo do ensino público e da periferia. (outros membros do grupo que também estudam na UFJF concordam sobre se verem como inferiores, menos qualificados ou capazes do que demais alunos da UF por serem ex-alunos de escola pública e de origem da periferia da cidade).

- MEDIADOR: questiona este sentimento de inferioridade. Você não é ruim! Em que é melhor do que os outros para que professores o escolham? Dedicção,

responsabilidade. Todos percebem a deficiência do ensino público? E o que CAIC ofereceu de bom? Pensem nesta pergunta. (esta pergunta não estava incluída no roteiro, mas como o assunto surgiu no grupo, o mediador viu a necessidade de incluí-la).

- INTERVALO PARA LANCHE

-MEDIADOR: retoma mesma pergunta. “Vocês consideram o ensino público falho? É importante oferecer diversas oficinas como cultura e esportes em todas as escolas? As atividades extraclasse são importantes no currículo escolar?”

- BRINER: Sim. Atribui à participação nas oficinas o caminho positivo que eles, uma minoria na comunidade, escolheram em suas vidas. Quando saiu das oficinas “pirou”, deu uma “surtada”. Dizendo que passou por diversos problemas pessoais, teve que fazer tratamento psicológico e psiquiátrico. Não conseguia controlar suas emoções, foi um choque. Daí buscou novamente atividades culturais, relações semelhantes em outros espaços. No CAIC tinha um modelo de convivência, de acolhimento, de vínculo com grupo que começou a buscar em sua vida. As oficinas e atividades extraclasse podem ajudar muito os alunos.

- GILBERTO: Diz não ter entrado para Oficina de Teatro por causa do teatro, mas sim pela música. (muito tímido, sempre olhando para baixo, visivelmente emocionado em seu relato). Brinca que tinha vergonha quando perguntavam se estava no teatro, sempre justificando que era músico e não ator (todos riem).Vê sua entrada na Oficina de teatro e demais oficinas do CAIC como uma escolha positiva em sua vida, já que ao observar, atualmente, alguns amigos da comunidade onde mora, que não ingressaram nas oficinas citadas, terem enveredado pelo caminho das drogas e do crime. Conta que pessoas envolvidas em caso de violência citado por Fabiana, eram seus colegas do futebol. Teve um momento em que teve que escolher, devido à indisponibilidade de horários, futebol ou teatro, em função deste caso, escolheu fazer teatro. Conta histórias de outras pessoas que participaram das oficinas e que “se deram bem” (todos relembram e concordam). Coloca um assunto muito discutido posteriormente no grupo: a diferença da visão de mundo de pessoas do bairro Sta. Cruz para pessoas do Centro. Conta de seu trabalho no CCBM e artistas de JF e de outras cidades com os quais tem contato e troca experiências. Este trabalho, que foi oferecido devido aos contatos proporcionados na oficina de teatro do CAIC, tem sido um aprendizado muito importante em sua vida pessoal e profissional.

- MEDIADOR: seguindo um movimento do grupo, inclui mais uma pergunta no roteiro. “Todos percebem a diferença de visão de mundo das pessoas moradoras de Sta. Cruz em relação aos que moram no Centro ou outras regiões da cidade?”

- FÁBIO: Concorda. Cita um professor da UFJF que diz : acesso ao poder e o poder é a informação. Pois as pessoas de Sta. Cruz não tem acesso à informação como as pessoas do Centro. (outros concordam com a diferença brutal. Citam temas e assuntos discutidos no Centro e na UFJF que jamais serão compreendidos, ou até mesmo cogitados, pelas pessoas do Sta. Cruz e vice-versa, etc.)

3) Ao olhar para trás como vê a construção do Grupo Retalhos e como se enxerga neste grupo?

- MICHEL e BRINER: fazem brincadeiras sobre o nome.

-MEDIADOR: cita filme “A senha do mundo” em 2000. Incentiva para que alguém comece a falar.

- Todos pedem para que Cristiney comece pois ele teve a idéia do nome do grupo.

- CRISTINEY: Grupo criado após dois anos sem montarem peças teatrais juntos. Grupo formado devido à necessidade e amor pelo grupo (Gilberto concorda). Diz que ele e Gilberto conversavam muito sobre formação de um grupo que desvinculasse com grupo de Escola (grupo montava peças com o nome: “Oficina de Teatro do CAIC”) e chegavam a ler textos teatrais juntos. O nome Retalhos surgiu para fazer referência à reciclagem, capacidade de aproveitar recursos mínimos para montar um espetáculo. Diz que grupo é reconhecido além do bairro e da escola, devido á montagem de “A viagem de um barquinho” – primeira peça como Grupo Retalhos.

– BRINER: brincadeiras com o nome. Diz que precisavam criar o grupo para retomar o convívio do grupo das oficinas do CAIC. Provar que grupo da oficina de teatro do CAIC é diferente do Grupo de teatro Retalhos, por ser este último mais profissional e exigir maior responsabilidade de todos.

-MICHEL: vê no nome Retalhos, a contribuição de cada um, a parte de cada um, e no final, o resultado é a soma do trabalho de todos.

- GILBERTO: a importância e reconhecimento que o trabalho de “A viagem de um barquinho” obteve no espaço cultural da cidade. Todos fizeram sua parte, todos contribuíram – montagem de luz, concepção musical, coreografia, figurinos, etc. Compara com a peça “Dores do mundo” realizada há cinco anos e o reconhecimento e repercussão que tem até hoje.

- TAMYRES: Comenta sobre nome Retalhos: “retalhos de vida”. Todos foram para oficinas do CAIC para fugir de seus problemas pessoais e criaram um convívio com o grupo, relação de amor e de amizade, além da paixão pela arte. (visivelmente emocionada, com olhos lacrimejando e um sorriso no rosto. Todos concordam).

- FABIANA: Grupo Retalhos. O teatro é objeto transformador, passa mensagens que podem transformar vidas.

4) Como se imagina hoje se não tivesse passado por esta experiência?

- MEDIADOR: diz que todos já abordaram de alguma forma a resposta a esta pergunta em outras perguntas, mas pede que resumam e se concentrem neste tema.

- BRINER: diz que não se imagina num trabalho em que há rotina monótona como no comércio (Fabiana o cutuca e brinca, pois este é seu trabalho: vendedora de loja de roupas em shopping. Ele sorri e pede que escute) Acha que a vida dele é mais interessante, pois não tem rotina. (idéia de desespero se não participasse de atividades de teatro em sua vida).

-TAMYRES e MICHEL: também aborda a questão da rotina, monotonia e falta de criatividade em uma vida sem atividades culturais. (um completa o depoimento do outro concordando)

- CRISTINEY: Acha que continuaria sendo “o chato”, um “nerd”, solitário (todos riem e concordam), pois era odiado antes de fazer teatro (todos riem). Relata sobre a importância do convívio, saber conversar, saber lidar com os problemas. Acha que a vida sem cultura seria uma “vida pequena”, no sentido de acomodação e sem perspectivas futuras.

- FÁBIO: diz da importância dos sonhos e objetivos, querer mais da vida, não ficar acomodado.

-FABIANA: diz que acha que teria vários filhos (todos riem). Diz que é como estão várias amigas do bairro com a mesma idade dela. Gravidez na adolescência, uso de drogas e criminalidade são escolhas de muitos de seus amigos do bairro. Acredita que se sua visão de mundo fosse a mesma das demais pessoas de Sta. Cruz, suas escolhas seriam parecidas com a deles.

- MEDIADOR: esclarece o porquê da pergunta, pois a vida pode ter vários caminhos, tudo depende das escolhas que fazemos. Teatro não é salvação para ninguém. Outras pessoas que não fizeram oficina de teatro também tomaram caminhos positivos. Pergunta se mais alguém tem algo a acrescentar.

- GILBERTO: volta para última pergunta e diz: não sei. Acredita que tinha a sua frente mais caminhos para o mal do que para o bem. Brinca: “eu era impossível”. E “hoje não sou santo e nem sou exemplo pra ninguém”. “Acredito ser privilegiado se comparado a outras pessoas do bairro.”
- MEDIADOR: Encerramento. Esclarece importantes questões como: diferenças de visão de mundo, choque brutal; transformação que a oficina também proporcionou em sua própria vida, por isto esta dissertação de mestrado. Fala emocionada sobre importância deste grupo e de dar continuidade ao Grupo Retalhos. Esclarecimentos a alguns membros do grupo sobre suas falas. O mediador estabelece bom vínculo com o grupo, ao qual transmite confiança, apoio, amizade e liderança. E pergunta se alguém tem uma última observação a fazer.
- MICHEL: pede para rever o vídeo. (todos concordam).
- Exibição do vídeo – todos se emocionam novamente, com comentários alegres, além de momentos de silêncio e emoção.